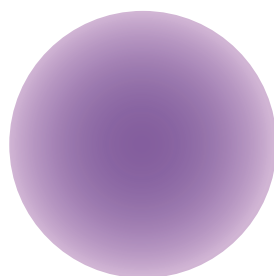
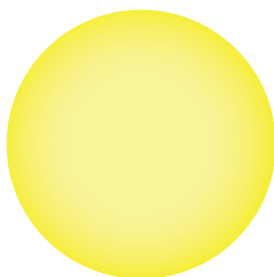
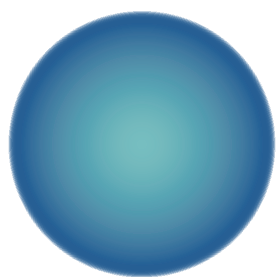
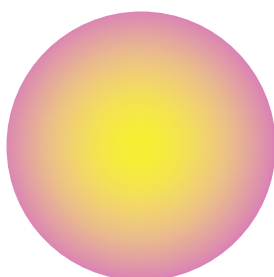
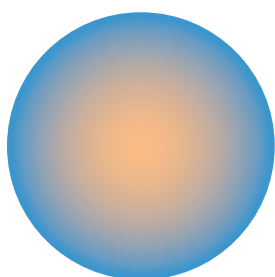


|o|^s|e|_s|p|

Temporada



|2|0|2|7|



Gestão, transparência e responsabilidade.

A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), a Sala São Paulo e a Estação Motiva Cultural são equipamentos culturais da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, sob gestão da Fundação Osesp, através de parceria público-privada no modelo de Organização Social desde novembro de 2005.

Mais informações:
fundação-osesp.art.br

Aqui a música toca.

4

Cartas ao público

Marília Marton

Secretária da Cultura, Economia e
Indústria Criativas do Estado de São Paulo

6

Pedro Parente

Presidente do Conselho de
Administração da Fundação Osesp

8

Marcelo Lopes

Presidente e CEO da Fundação Osesp

10

Thierry Fischer

Diretor Musical e Regente Titular da Osesp

14



Uma temporada,
nove festivais

18

Artista em Residência:
Jan Lisiecki



Programação 2027

20

144



Guia de Assinaturas 2027

174

Além da Temporada

180

Osesp
Coro da Osesp
Ficha técnica

190

Créditos

Um estado que faz música

No estado de São Paulo, acreditamos na indústria criativa como motor de desenvolvimento, e a arte está no centro dela. Uma temporada sinfônica como a da Osesp mobiliza um complexo ecossistema: ela gera trabalho e qualifica profissionais, ocupando e transformando o território. Basta lembrar o que a Sala São Paulo representa para a capital paulista. Cada concerto é também um investimento que retorna para a sociedade em forma de impacto artístico e social.

Na Osesp, unem-se a política pública e o trabalho sério, ético e transparente da organização social de cultura que leva seu nome e que a gere com diligência desde 2005. Esse modelo de gestão é fruto da parceria entre poder público, sociedade civil e iniciativa privada. É ele que faz da cultura em nosso estado uma referência de modernidade e eficiência. A Orquestra, o Coro e os programas educacionais e de difusão são testemunhos disso: da qualidade, da inspiração e da solidez que queremos oferecer a cada cidadão.

Dar as boas-vindas a uma nova temporada da Osesp é, portanto, celebrar a posição de São Paulo como um norte para a música de concerto no Sul Global. Aqui, ela é nutrida, fomentada, pensada e projetada para o Brasil e para o mundo. E a Temporada 2027 convida o público a olhar para dentro e para a frente. Como gestora pública, leio esse convite também como um compromisso: seguir construindo, com consistência, um estado que reconhece na cultura parte de quem ele é. Que o público da nossa Osesp siga encontrando nesses equipamentos um motivo de orgulho e uma fonte de experiências marcantes, seja na Sala São Paulo, na Estação Motiva Cultural ou nos concertos em outros espaços na capital, no interior e no litoral, em outros estados do país e no exterior. Essas experiências são fruto do compromisso de muitos: poder público, sociedade civil, iniciativa privada, artistas e plateias que fazem da cultura e da economia criativa um projeto de futuro para São Paulo.



Por fim, é preciso afirmar o que vivemos na prática: a música clássica não é um adorno na política cultural do estado de São Paulo. Ela é parte da estrutura. Está nas mãos das crianças e jovens do Projeto Guri em 340 municípios. Está nas Fábricas de Cultura espalhadas pela capital, nas salas de aula do Conservatório de Tatuí e da Emesp Tom Jobim e no palco do Theatro São Pedro. Está, todo mês de julho, há mais de meio século, nas montanhas de Campos do Jordão, com o maior festival de música clássica da América Latina. E está com a força que mostram as próximas páginas da nossa Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

Isso não acontece por acaso. É o resultado de escolhas públicas feitas e sustentadas ao longo de décadas: formar, fomentar, apresentar, fazer circular. É uma cadeia completa, que começa quando uma criança segura um instrumento pela primeira vez e chega a uma orquestra reconhecida nacional e internacionalmente. Cabe ao Estado articular essa cadeia. É o que fazemos, com a convicção de que a cultura é um direito do cidadão e uma das vocações econômicas mais potentes de São Paulo.

Boa temporada a todos.

Marília Marton

Secretária da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo

Uma obra de gerações

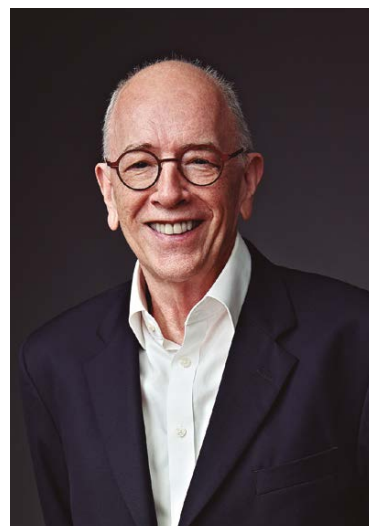
Há uma convicção que orienta a Fundação Osesp desde a sua constituição em 2005: a de que a excelência artística só se sustenta quando amparada por instituições sólidas. Uma orquestra é construída ao longo de gerações, pelo trabalho de artistas, representantes do poder público, gestores, conselheiros, parceiros, colaboradores das mais diversas naturezas e, claro, pelo público que a acolhe. É um coletivo diverso, unido pela crença de que a arte merece ser cultivada com rigor, responsabilidade, inspiração e apetite por inovação.

Escrevo estas palavras com um sentimento particular. Na Temporada 2027 completo o meu mandato de oito anos como Presidente do Conselho de Administração da Fundação Osesp, função que tenho a honra de exercer desde 2019. São anos de trabalho intenso, compartilhado com os colegas do Conselho e com os gestores da Fundação, movidos pela certeza de que iniciativas como esta mostram o melhor do Brasil aos brasileiros e ao mundo.

Nesse período, demos as boas-vindas a Thierry Fischer como novo diretor musical da Osesp. Sob sua liderança, a Orquestra vem construindo uma identidade sonora cada dia mais refinada, com uma ambição artística à altura da sua história. Juntos, atravessamos também os anos duros da pandemia. Com as salas vazias e o futuro incerto, a Fundação Osesp escolheu permanecer presente: fomos resilientes, encontramos novos caminhos até o público e nunca deixamos faltar música em meio a tantas dúvidas.

Pude também testemunhar, de perto, a qualidade da Osesp nos grandes palcos do mundo: em sua estreia no Carnegie Hall, em 2022, e na turnê europeia que celebrou seus 70 anos, com destaque para a abertura do Musikfest Berlin. Com o mesmo orgulho, acompanhei a Orquestra e o Coro percorrerem a capital e o interior paulista, levando música a públicos que nem sempre têm acesso a ela. As transmissões ao vivo, intensificadas durante a pandemia e desde então parte do nosso calendário oficial, ampliaram o alcance da Osesp e a forma como ela se apresenta ao país e ao mundo, fazendo de cada concerto na Sala São Paulo um encontro com plateias outras.

Talvez o trabalho mais importante desses anos tenha sido o menos visível, mas com certeza percebido indireta ou diretamente: a consolidação de uma governança moderna, cada dia mais transparente e comprometida com a sustentabilidade da instituição. O modelo de parceria entre o Estado e a sociedade civil, no qual metade do nosso orçamento provém da iniciativa privada, demonstrou ao longo de duas décadas sua eficácia. Mas nenhum modelo se preserva sozinho. Ele exige vigilância, planejamento de longo prazo e engajamento contínuo de patrocinadores, doadores, assinantes e tantos outros parceiros. O recurso que nos é confiado, público ou privado, deve retornar à sociedade como música de excelência, acesso amplo e formação de alta qualidade. Uma boa governança não é um fim em si mesma: é instrumento para a realização de nosso compromisso com a excelência.



Pedro Parente

Presidente do Conselho de
Administração da Fundação Osesp

Um convite à conexão

A temporada de concertos é muito mais do que um amálgama de datas, obras, regentes e solistas: é uma maneira de organizar o tempo, aproximar artistas e público e, sobretudo, criar condições para a escuta. Isso nos leva a pensar no papel da orquestra no seu aspecto mais profundo e social. Em uma época em que o excesso de estímulos disputa nossa atenção a todo momento, reunir-se para ouvir música pode ser um necessário convite para resistir ao alheamento.

Cada novo ciclo é uma oportunidade para propor o inesperado, desafiar o senso comum e gerar reflexão. De maneira mais abrangente, a sequência de temporadas concatenadas, ligadas por sentidos temáticos, estimula o pensamento crítico; é no ato de nos estimular repetidamente a aprofundar nossa atenção que a arte assume seu papel mais central de ser um antídoto eficaz aos efeitos do impasse humanista contemporâneo. Talvez seja uma proposta ousada, mas a Osesp quer ser cada vez mais um agente de seu próprio tempo.

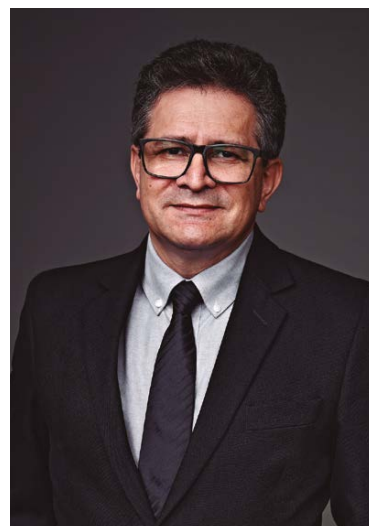
O estado de angústia com os tempos atuais é um assunto urgente. Livros abundam sobre a sociedade do cansaço, sobre a hiperconexão e a hiperestimulação sensorial deste século XXI. Urge cultivar o convívio e a presença real no tempo e no espaço. Essa ideia reverbera, intencionalmente, nossa proposição para a temporada anterior, quando falamos da metrópole caleidoscópica. O todo se dá pela soma improvável de pequenas partes, mas não sem atrito e desordem. Se o espaço que nos cerca e a cidade que pulsa frenética e descompassadamente são detratores do tempo, a apreciação musical é o remanso para que possamos nos concentrar naquilo que é essencialmente humano. Na Temporada 2027, damos um passo adiante nessa travessia que é coletiva. Se o tempo passa rápido demais, a tentativa e a necessidade de desacelerar ganharão 101 oportunidades para acontecer na Sala São Paulo e na Estação Motiva Cultural através da programação artística.

Sem perder a característica de pluralidade e preservando nossa missão de ampliar a escuta e a fruição artística, o eixo programático assumido para 2027 pelo maestro Thierry Fischer, baseado nos discursos do *Assim falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche, vai nos guiar em ciclos de concertos que, certamente, conduzirão a uma maior compreensão do nosso tempo e da nossa posição no mundo. Não à fuga, mas ao entendimento.

Por isso, o convite que fazemos é simples e, talvez por isso mesmo, radical: desligar para conectar. O mundo lá fora pode aguardar. Durante o concerto ninguém escuta sozinho: centenas de pessoas compartilhando o mesmo silêncio, a mesma respiração suspensa ao fim de um movimento. É um dos poucos lugares da cidade onde a presença é a própria condição da experiência.

Seguindo os temas propostos, que a sala de concertos e a Temporada Osesp sejam não renúncia ao tempo, nem um refúgio da realidade, mas uma alternativa para superar o caos e uma possibilidade de reencontro com a verdade de cada um de nós. Estamos certos de que irão apreciar este caminho de se afastar dos ruídos, não em direção ao isolamento, mas como um retorno para aquilo que somos.

Nietzsche chegou à filosofia através da música, sem a qual “a vida seria um erro, uma tarefa cansativa, um exílio”. Contar um livro inteiro em forma de música é uma proposta que tem seus riscos, mas acreditamos que possa ampliar em muito a compreensão de ambos. O desafio está lançado, e fazer arte requer coragem. A Fundação Osesp, em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, segue seu projeto de ressaltar a importância de instituições culturais relevantes e estáveis para a construção de uma sociedade mais reflexiva, disposta a sentir, se emocionar — individual e coletivamente — e não fugir do que nos torna vulneráveis e, portanto, demasiadamente humanos.



Marcelo Lopes

Presidente e CEO da Fundação Osesp

Um percurso por obras, intérpretes e públicos que se encontram, se afastam e voltam a se encontrar, sempre sob perspectivas renovadas, e não uma sucessão temporal de concertos: é nisso que penso ao imaginar a Temporada 2027. Os nove festivais que a compõem não são capítulos isolados, mas diferentes portas de entrada. Algumas músicas nos são familiares; outras nos deslocam; algumas parecem retornar, mas nunca soam exatamente da mesma maneira, porque nós também não somos os mesmos.

A ideia de percurso e transformação está no alicerce sobre o qual construímos a Temporada Osesp 2027, tendo como grande horizonte a obra filosófica *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche. No entanto, não a tomamos como um tema, e sim como uma pergunta: afinal, o que pode se transformar em nós quando de fato escutamos?

Nietzsche ocupa um lugar singular na história da filosofia porque, em sua obra, música, tragédia, criação e vida estão profundamente ligadas. Seu pensamento não avança apenas por conceitos, mas se movimenta por contrastes, tensões, retornos e metamorfoses, e talvez por isso sua filosofia encontre na música um interlocutor tão natural.

Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche identifica duas forças que atravessam a arte e a existência: o apolíneo e o dionisíaco. De um lado, a forma, a medida, a construção, a clareza; de outro, o impulso, o excesso, o corpo, a embriaguez, a experiência de dissolver por um instante as fronteiras que nos separam dos outros. A música pode conter as duas forças, pois é arquitetura e movimento, precisão e liberdade, disciplina e risco. Uma orquestra é, talvez, um dos lugares em que essa tensão se torna mais visível: dezenas de indivíduos precisam construir juntos uma única experiência sonora, sem que suas vozes particulares desapareçam.

A obra de Nietzsche é também atravessada pela ideia de transformação: para ele, o espírito humano passa pelo camelo, pelo leão e pela criança, isto é, por aquele que recebe, aquele que rompe e aquela que cria. Na música, essa transformação acontece diante de nossos ouvidos: temas dialogam entre si, contrapõem-se e, por fim, encontram resoluções inesperadas.

Também os artistas participam dessa construção. Teremos conosco regentes convidados de diferentes gerações e tradições, como Heinz Holliger, Christoph Koncz, Oksana Lyniv, Vasily Petrenko, Aziz Shokhakimov, Roberto Minczuk, Marie Jacquot, Stéphane Denève, Leonardo García-Alarcón, Pierre Bleuse e Tianyi Lu, entre outros. Cada um deles traz uma perspectiva própria sobre o repertório e sobre a relação entre escuta e construção coletiva. Para mim, como regente, esses encontros são uma das grandes riquezas de uma temporada: a mesma orquestra nunca é exatamente a mesma quando encontra outro gesto.

O mesmo acontece com os solistas. Sonia Rubinsky, Kirill Gerstein, Cristian Budu, Jan Lisiecki, Nikolai Lugansky, Alexandra Dariescu, Bertrand Chamayou e Markus Schirmer revelam no piano as transformações de timbre e amplitude. Ilya Gringolts, Veronika Eberle e James Ehnes, assim como Alisa Weilerstein e Jean-Guihen Queyras, exploram a mutabilidade sonora das cordas. Pacho Flores, Pablo Barragán, Xavier de Maistre, Steven Banks e Jörgen van Rijen ampliam ainda mais esse universo, lembrando-nos de que cada instrumento — seja trompete, clarinete, harpa, saxofone ou trombone — possui sua própria maneira de respirar e de ocupar o espaço sonoro.

Há ainda uma dimensão especialmente importante na presença das vozes ao longo da Temporada. O Coro da Osesp estará com a Orquestra em dez programas sinfônicos e também dialogará com os temas nietzschianos à sua maneira, em sua própria série, sob a direção de seu titular, meu colega Thomas Blunt. Os solistas Louise Alder, Lunga Eric Hallam e Michel de Souza, assim como Valerio Contaldo, Andreas Wolf, Iwona Sobotka e Hera Hyesang Park, aproximam palavra, corpo e música. Com o Coro e os convidados, a voz deixa evidente aquilo que está na origem de toda experiência musical: o som nasce de um corpo e se transforma no tempo. A presença de Gringo Cardia na direção cênica dos programas de abertura e encerramento amplia esse território, abrindo novas relações entre música, palavra, espaço e gesto.

Na série de música de câmara, com curadoria dos próprios músicos da Orquestra e do Coro, os concertos também integram os festivais e reverberam seus temas em formações menores. Assim, nos oferecem uma oportunidade renovada de observar alguns dos temas que permeiam o ano na intimidade generosa e acolhedora que os pequenos grupos nos proporcionam.

Ao longo dos nove festivais, encontraremos diferentes formas de estar em movimento. Obras do passado poderão dialogar com criações mais recentes; repertórios conhecidos poderão ser escutados sob uma nova luz; artistas de diferentes origens e gerações colocarão suas experiências em relação. Cada encontro acrescenta uma perspectiva, modifica o equilíbrio e abre uma possibilidade que antes não estava ali.

E, no entanto, há um último elemento sem o qual nada disso se completa: o público. Uma temporada acontece no encontro entre aquilo que foi pensado, aquilo que é tocado e aquilo que é escutado. Não sabemos exatamente o que cada pessoa levará consigo de um concerto, mas essa indeterminação é parte essencial da experiência artística. Uma mesma obra pode produzir silêncio, lembrança, esperança, inquietação. Pode não significar nada hoje e adquirir um sentido inesperado anos depois.

Por isso, a pergunta que atravessa a Temporada 2027 não é apenas o que vamos tocar, mas o que pode se transformar em nós enquanto escutamos. Nietzsche nos lembra que viver é tornar-se. A música nos permite experimentar isso no tempo presente.



Thierry Fischer

Diretor Musical e Regente Titular da Osesp

Uma temporada, nove festivais

Imaginar um programa de concerto está longe de ser simples. A duração das peças, em conjunto, não pode ser longa a ponto de exaurir a atenção da plateia, nem breve a ponto de frustrar seu interesse. A variedade também é essencial. Paralelamente, as obras devem estar alinhadas a uma lógica conceitual consistente: é preciso encontrar um fio condutor que leve o ouvinte até o final com uma sensação de percurso, de descoberta e de prazer cumulativo.

Expandir esse exercício para uma temporada inteira transcende a simples habilidade técnica. Obras consagradas, capazes de despertar identificação e memória afetiva, passam idealmente a conviver com repertórios inexplorados, compositores esquecidos, facetas menos conhecidas de grandes mestres e, acima de tudo, fazer com que cada peça escolhida lance uma nova luz sobre a seguinte. Essa empreitada se torna ainda mais complexa diante da heterogeneidade do público de uma orquestra, que necessariamente acolhe diferentes gerações, experiências, expectativas e níveis de familiaridade com a música de concerto. A Osesp tem demonstrado, ao longo da sua história recente, grande capacidade de dosar esses elementos: é preciso renovar sem romper, surpreender sem afastar e, sobretudo, fazer com que cada temporada seja mais do que uma sucessão de concertos.

Foi dessa inquietação que nasceu a ideia-guia da Temporada 2027.

A proposta começou com uma pergunta: seria possível organizar uma temporada não apenas como um calendário, mas como uma experiência contínua?

A resposta consistiu em buscar uma estrutura que permitisse que os concertos se relacionassem entre si sem que cada programa perdesse a sua autonomia. A inspiração inicial foi Friedrich Nietzsche e, mais especificamente, *Assim falou Zaratustra*. O filósofo alemão ofereceu à Osesp nove portas de entrada para pensar a música, a criação e a experiência humana, por meio de imagens suscitadas por seus escritos.



Os festivais: nove movimentos de uma mesma travessia

Nietzsche não apresenta a existência como caminho linear em direção a uma conclusão definitiva: ao contrário, sua filosofia é povoada por movimento, transformação, conflito, criação, superação, renovação, silêncio, dança, retorno. São justamente essas palavras, que se prestam à tradução em música, que orientam a programação da Temporada 2027. Há momentos em que a música nasce do silêncio e do caos, como em *A Criação*, de Haydn; momentos de afirmação e transformação, como nas estreias mundiais de *Mithra*, de Juliana Ripke, diretamente baseada em *Zaratustra*, e de *Alma*, de Michelle Agnes; e momentos de confronto com a memória e com a própria história da música, como na grandiosa *Sinfonia n.º 7*, de Mahler.

O encontro entre Tom Jobim e Villa-Lobos põe em relevo a criação de uma identidade brasileira, enquanto Aylton Escobar, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone e Alberto Nepomuceno ampliam esse olhar sobre a nossa própria tradição. Em outros momentos, a travessia oferece diferentes territórios musicais europeus, da Rússia de Shostakovich e Rachmaninov à Dinamarca de Nielsen, passando por compositores como Elgar, Orff, Respighi e Wagner, e reencontrando mestres fundamentais como Bach, Brahms, Debussy, Dvorák, Händel, Haydn, Mozart, Ravel, R. Strauss e Vivaldi.

Essa diversidade permite acompanhar diferentes momentos de conflito e superação. Compositores como William Byrd, Giovanni Gabrieli e Thomas Tallis, separados de nós por séculos, já experimentavam formas de organização sonora que apontavam para o futuro. Séculos depois, Samuel Barber, Frank Martin e Arnold Schoenberg romperiam outras fronteiras e contribuiriam decisivamente para a construção da linguagem musical do século XX. Ao lado deles, a Temporada 2027 aproxima o público de criadores contemporâneos, como Marcos Balter, Péter Eötvös, Daniel Freiberg e Andrew Norman, reafirmando que a história da música não é uma linha encerrada no passado, mas uma corrente em permanente movimento.

A mesma ideia atravessa a música coral, que ocupa lugar importante no ano. Obras de Britten, Maurice Duruflé, Herbert Howells, Poulenc e Vaughan Williams, já incorporadas ao repertório coral mais conhecido, convivem com criações menos familiares ao público, que ampliam o horizonte para diferentes tradições e geografias: da Letônia de Eriks Esenvalds, Ugis Praulins e Jekabs Jancevskis à Lituânia de Vytautas Miskinis; da Polônia de Paweł Łukaszewski ao Japão de Ko Matsushita; da Venezuela de Alberto Grau ao trabalho do compositor britânico de origem indiana Soumik Datta.

Há ainda uma dimensão essencial dessa renovação: a presença de compositoras de diferentes épocas e origens, reconhecendo a força e a originalidade de vozes que participam da criação musical e revelando ao público linguagens que, em muitos casos, ainda lhe são pouco familiares. Além das brasileiras Michelle Agnes, Paloma Pitaya, Clarisse Leite e Juliana Ripke, a nova Temporada apresenta obras de Sofia Avramidou, Nadia Boulanger, Lesia Dychko, Maija Einfelde, Augusta Holmès, Missy Mazzoli, Cassandra Miller, Olga Neuwirth, Gabriela Ortiz, Errollyn Wallen, Lili Boulanger, Caroline Shaw e Hérítte-Viardot.

A Osesp mantém, assim, uma de suas vocações mais importantes: preservar a memória sem transformar o passado em monumento. As encomendas de obras inéditas e a abertura da programação à imaginação contemporânea fazem conviver aquilo que a história consagrou e aquilo que ainda está sendo criado. Nesse sentido, a estreia americana de *Slip*, de Andrew Norman, e o concerto que reúne Marcos Balter e Daniel Freiberg não são exceções dentro da Temporada, mas parte essencial de sua concepção.

A escolha dos repertórios procura, portanto, fazer com que cada concerto abra uma perspectiva singular sobre os demais. Beethoven reaparece em seus seis concertos para piano como um universo a ser percorrido; Schumann e Haydn encontram-se com Heinz Holliger, oboísta, regente e compositor de renome internacional; Nielsen surge com a luminosa *Suíte Aladim*, enquanto Orff traz a energia irresistível de *Carmina Burana*. Obras de diferentes épocas e estéticas deixam de ser pontos isolados e passam a compor uma mesma trajetória.

Os nove festivais, cada um com três semanas de concertos sinfônicos, algumas delas incluindo música de câmara ao redor de uma mesma temática, funcionam como nove etapas dessa jornada, nove movimentos de uma mesma obra imaginária. Numa grande composição, afinal, o sentido não está apenas em cada movimento isoladamente, mas também naquilo que se revela quando um termina e o seguinte começa. Todos participam de um arco maior: do caos à criação, da crise à transformação, da luta à afirmação, da memória ao retorno.

Que comece a travessia!

Artista em Residência

Jan Lisiecki

De certa maneira, o público da Osesp viu Jan Lisiecki crescer, ainda que suas interpretações e sua técnica sempre tenham revelado uma maturidade muito além da idade. Sua primeira apresentação na Sala São Paulo foi em 2012, com o *Concerto n.º 1 em Mi menor*, Op. 11, de Chopin. Quatro anos depois, voltou para o *Concerto n.º 2 em Fá menor*, Op. 21, do mesmo compositor. Em 2022, retornou para solar o repertório do romântico polonês, uma de suas especialidades, e realizou ainda um recital de *Estudos* e *Noturnos*. “É uma grande alegria voltar à Sala São Paulo para tocar com a Osesp. Acho a Orquestra fantástica e o público sempre muito entusiasmado. Para mim, estar em São Paulo é, de muitas formas, um retorno para casa”, conta ele.

Agora, a Temporada 2027 consolida essa relação e traz Lisiecki como Artista em Residência. Ao longo do ano, ele apresenta na Sala São Paulo sua leitura dos concertos para piano de Mozart, além de um recital com músicos da Osesp na Estação Motiva Cultural.

“A música, claro, é sempre uma jornada de exploração e desenvolvimento, e acho que a beleza da nossa profissão é que sempre buscamos melhorar, aprender algo novo, crescer: é esse o caso da minha jornada com Mozart. Não acho que tenha mudado conscientemente a forma como o toco desde a minha primeira gravação. Mozart exige elegância, beleza — que ele nos oferece em abundância —, e também uma inocência juvenil, aquela alegria tão presente na música dele; espero continuar trazendo isso, com refinamento e também com um pouco de sabedoria”, diz Lisiecki.

Para ele, “os *Concertos n.º 9* e *n.º 22* compartilham muitos elementos além da tonalidade, já que a estrutura e algumas ideias são bastante semelhantes. Ao mesmo tempo, estão em lados opostos da carreira de Mozart: início e fim. O *Nono* foi o primeiro grande concerto que ele escreveu, e o primeiro a realmente romper a tradição entre piano e orquestra. No último, vemos um Mozart plenamente desenvolvido. Espero mostrar o quanto os dois concertos são semelhantes e, ao mesmo tempo, diferentes.”



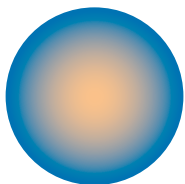
Sobre Jan Lisiecki

Nascido no Canadá em 1995, em uma família de origem polonesa, Jan Lisiecki realiza mais de 100 apresentações por ano nos principais palcos do mundo, em uma carreira marcada por prêmios e parcerias com grandes orquestras. Aos quinze anos, assinou contrato de exclusividade com a Deutsche Grammophon, pela qual gravou nove álbuns que receberam distinções como JUNO Award, ECHO Klassik, Gramophone Critics' Choice e Diapason d'Or. Aos 18, recebeu o Leonard Bernstein Award e o Young Artist Award da revista *Gramophone*, tornando-se o mais jovem vencedor deste último. Em 2012, foi nomeado Embaixador do Unicef no Canadá.



Escute uma seleção de gravações de Jan Lisiecki no Spotify.

Nascido do caos



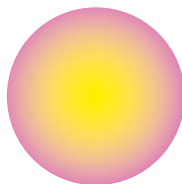
Caos é aquilo que ainda não ganhou forma. Suas cores evocam a Espontaneidade e a Curiosidade diante do que está prestes a começar.

Ressurreições



Como um tema que retorna transformado, as cores traduzem a Esperança e o Alívio de ver renascer aquilo que parecia perdido.

Dançar com o mundo



O momento mais solar da temporada reúne cores que expressam a Alegria e o Amor, o prazer de estar vivo e em harmonia com o mundo.

Triunfo



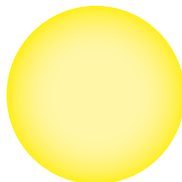
Vencer é também transformar-se. As cores expressam a Inquietação: não a revolta que rompe, mas a força que impulsiona a mudança.

Torna-te quem és



Tornar-se quem se é implica deixar algo para trás. As cores evocam a Melancolia e a Tristeza que acompanham essa travessia.

Paz



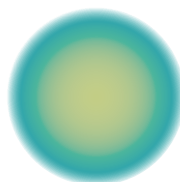
Até a pausa transforma. As cores traduzem a Paz e a Alegria de quem encontra serenidade e permite que o ritmo desacelere.

Sim à vida



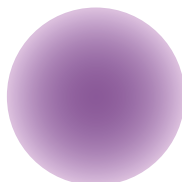
Dizer sim à própria existência é afirmar a vida, como no *amor fati*. As cores expressam a Diversão e a Empolgação dessa escolha.

Memória



O passado chega até nós reconstruído pelo presente. As cores evocam a Melancolia e a Nostalgia que acompanham o ato de lembrar.

O eterno retorno



Voltamos ao início, mas já não somos os mesmos. As cores expressam a Leveza e a Inspiração de um ciclo que retorna e se transforma.



Programação 2027

As epígrafes citadas no início de cada festival foram extraídas de *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, com tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza (Companhia das Letras, 2015).



Festival

| **Nascido do caos** |

*É preciso ter ainda o caos
dentro de si para poder dar
à luz uma estrela dançante.*

Friedrich Nietzsche

Toda criação nasce de algum tipo de indeterminação. Antes da primeira nota existe o silêncio; antes da forma, a possibilidade de inúmeras formas. Há um instante em que diferentes caminhos parecem possíveis e nada aponta categoricamente para uma só direção. É nesse espaço aberto que a arte encontra seu impulso inicial.

O primeiro festival apresenta a Temporada inteira como um gesto de criação em que são discutidos possibilidades, desejos e perguntas. Aos poucos, através dos encontros entre intérpretes e compositores, músicos e público, no confronto entre aquilo que já conhecemos e o que ainda estamos descobrindo, essas possibilidades começam a adquirir contornos mais precisos e uma experiência musical única toma forma.

A escolha de *A Criação*, de Haydn, oferece uma imagem particularmente eloquente para essa ideia. A introdução da obra, com uma tonalidade que se afirma apenas gradualmente, nos situa diante de um universo ainda informe, quase suspenso, antes que os elementos comecem pouco a pouco a se aglutinar. A música descobre seu próprio caminho enquanto avança: do silêncio e da incerteza emerge a forma; da forma, a vida; e da vida, novamente, a multiplicidade.

O segundo concerto abre com *Mithra*, de Juliana Ripke, que percorre o caminho entre o caos e o nascimento de uma estrela dançante. *A Sinfonia nº 7*, de Mahler, prolonga essa trajetória, fazendo também da passagem entre sombra e luz uma experiência musical.

No último programa do festival, duas obras brasileiras fundamentais ampliam ainda mais a ideia de criação: *Brasília: Sinfonia da alvorada*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, evoca uma cidade concebida pela imaginação e erguida onde antes nada existia; *O descobrimento do Brasil*, de Villa-Lobos, volta-se para as origens de nossa identidade como país.

Cada concerto recria, a seu modo, a passagem do caos à experiência concreta.





Abertura da Temporada 2027

Osesp
Coro da Osesp
Thierry Fischer regente
Louise Alder soprano
Lunga Eric Hallam tenor
Michel de Souza barítono
Gringo Cardia direção cênica

JOSEPH HAYDN
A Criação, Hob. XXI:2

4 MAR
QUI 20H
JACARANDÁ

5 MAR
SEX 20H
PEQUIÁ

6 MAR
SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
São
Paulo**

Na abertura de uma obra musical, é comum esperar certa ordem, melodias claramente estabelecidas, tonalidades afirmadas com segurança, pulsos que organizem inequivocamente o discurso. Em *A Criação*, no entanto, temos instabilidade, hesitação, dissonâncias, contrastes e movimentos que parecem procurar uma direção, sem oferecer de imediato uma resolução clara.

A música demora a encontrar sua ordem. Quando, finalmente, o coro anuncia “Faça-se a luz”, com a mudança de um tom menor para um Dó maior, e a orquestra toda entra repentinamente, é impossível não ser arrebatado.

Haydn escreve num momento em que o oratório havia retornado ao gosto popular, após ter sido eclipsado pela força da ópera, provando que não é necessário todo o aparato teatral operístico para mover as emoções do público. E, de fato, *A Criação* foi recebida com tanto entusiasmo na sua estreia, em 1798, que foi necessário apoio policial para organizar e controlar a multidão que se formou em busca dos ingressos esgotados.

Em *A Criação*, o caos é aquilo que precede a forma. Antes da primeira nota, antes de a obra firmar a sua identidade, há indeterminação, acaso, silêncio. Por fim, a criação musical acontece diante de nós.



Quinteto Fronteiras

Camila Yasuda violino
André Rodrigues viola
Heloísa Meirelles violoncelo
Ana Valéria Poles contrabaixo
Horácio Gouveia piano [Convidado]

Trio Delas

Erika Muniz soprano
Liuba Klevtsova harpa
Ana Valéria Poles contrabaixo

FRANZ SCHUBERT

Quinteto com piano em Lá maior, D. 667 — A truta

ROMAN HOFSTETTER

*Quarteto de cordas em Fá maior, Op. 3 n.º 5:
Andante cantabile*

[Arranjo de Leonardo Andrade]

JOSEPH HAYDN

O tuneful voice, Hob. XXVla:42

[Ó voz melodiosa] [Arranjo de Leonardo Andrade]

GIOVANNI BOTTESINI

Une bouche aimée [Uma boca amada]:

Para soprano, contrabaixo solo e harpa

[Arranjo de Leonardo Andrade]

ANTONIO CARLOS GOMES

Quem sabe?

[Arranjo de Leonardo Andrade]

FRANZ LEHÁR

A viúva alegre: Lippen schweigen

[Os lábios se calam] [Arranjo de Leonardo Andrade]

PALOMA PITAYA

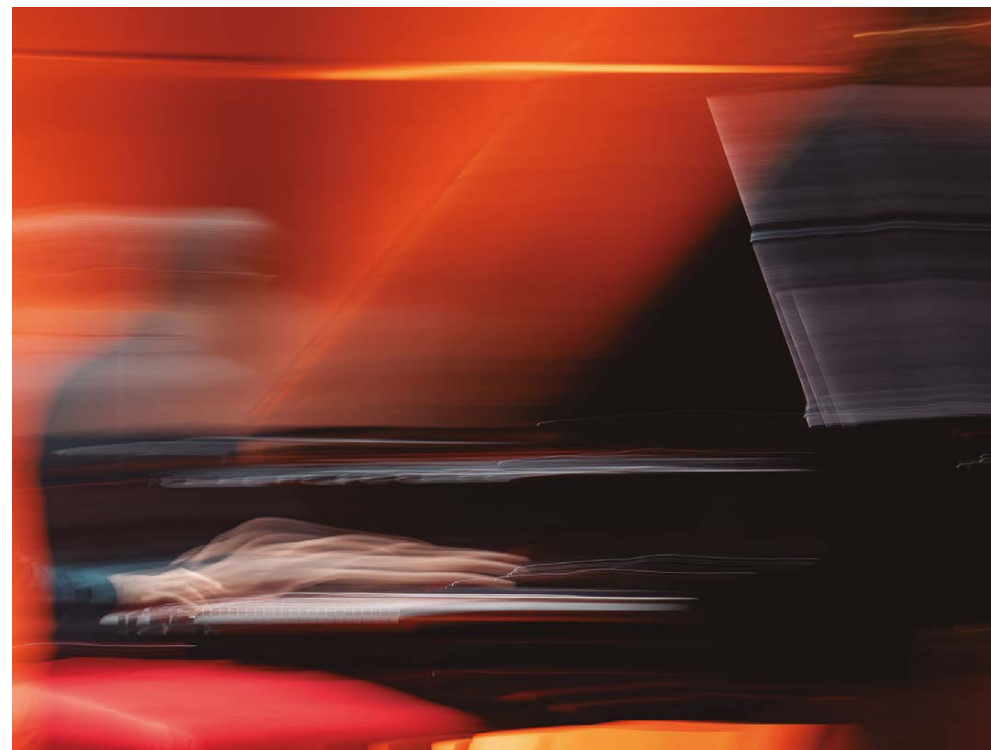
Canção para soprano, harpa e contrabaixo

[Encomenda Trio Delas | Estreia mundial]

LAMARTINE BABO

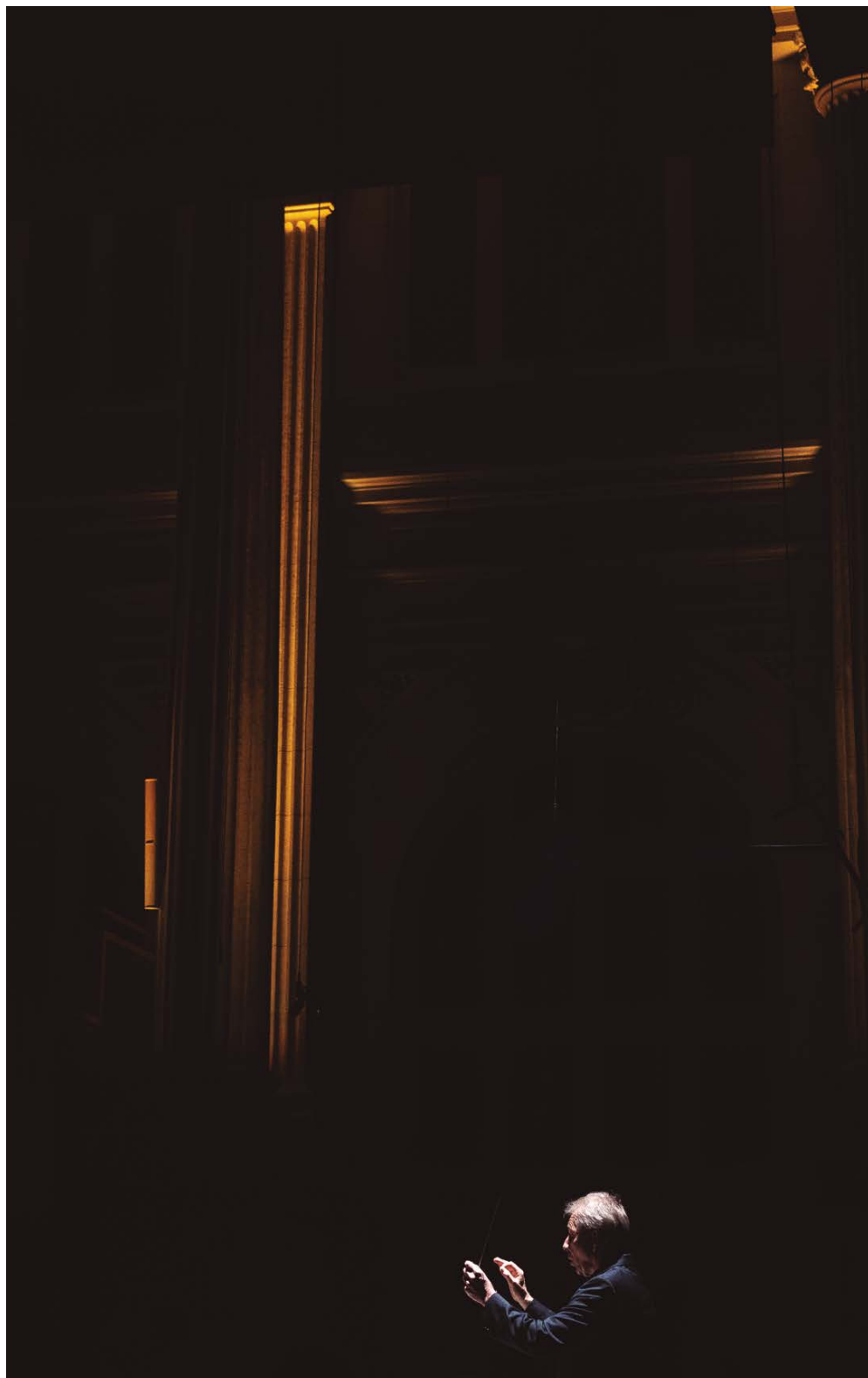
Eu sonhei que tu estavas tão linda

[Arranjo de Leonardo Andrade]



O amor parece oferecer uma ordem ao caos, mas cria também suas próprias perturbações, feitas de desejo, expectativa, dúvida, fantasia e desencontro. Em grande parte dessas peças, a figura feminina está no centro da narrativa, como em Lehár e Bottesini, ou como objeto de um desejo onírico, em Lamartine Babo.

Canção, de Paloma Pitaya, amplia o programa para além do repertório histórico e traz a assinatura de uma jovem compositora brasileira. A obra convive com páginas de Carlos Gomes e Haydn, nas quais a canção participa de um universo mais amplo de afetos, enquanto o célebre quinteto *A truta* introduz uma pausa de caráter instrumental. Assim, vozes, instrumentos e épocas diferentes se encontram em uma ode ao amor capaz de ordenar, ainda que por um instante, o caos dos sentimentos.



Osesp
Orquestra Acadêmica da Osesp
Thierry Fischer regente

11 MAR
QUI 20H
CARNAÚBA

12 MAR
SEX 20H
PAINEIRA

13 MAR
SÁB 16H30
IMBUIA

Sala
São
Paulo

JULIANA RIPKE
Mithra [Encomenda Osesp | Estreia mundial]

GUSTAV MAHLER
Sinfonia n.º 7 em Mi menor

Mithra é o antigo deus persa da luz e do sol, associado aos contratos, à amizade e à ordem das estações. Ripke, compositora e pianista atuante em grupos como o Coral Jovem do Estado e o Coro Acadêmico da Osesp, trabalha com simbologias da luz e da luminosidade, retomando o momento em que Zaratustra compara sua alegria a uma estrela cadente e a uma luz que transborda. Ripke propõe também um paralelo explícito com a juventude: o encontro entre a Osesp e sua Orquestra Acadêmica, juventude que nasce do caos da energia e projeta um futuro de luz.

A *Sinfonia n.º 7* de Mahler, apelidada “Canção da noite”, se constrói em linguagem cromática, mas ainda tonal, característica de compositores do final do século XIX, como Wagner e Strauss; porém, aproxima-se da linguagem abstrata e atonal que marcaria os primeiros modernos, como Schoenberg, Berg e Webern. Assim, ouvimos um universo harmônico situado entre dois momentos históricos.

Essa é mais uma das dicotomias do programa: contrapor luz e sombra, juventude e experiência e a obra consagrada de um compositor cultuado a uma peça em estreia mundial. Nas palavras de Ripke, “*Mithra* narra o nascimento da luz diante da canção da noite de Mahler.”



Tom Jobim
100 anos

Villa-Lobos
140 anos

Osesp
Roberto Minczuk regente
Sonia Rubinsky piano

TOM JOBIM
Saudade do Brasil

HEITOR VILLA-LOBOS
Concerto para piano nº 3

TOM JOBIM & VINICIUS DE MORAES
Brasília: Sinfonia da alvorada

HEITOR VILLA-LOBOS
O descobrimento do Brasil: Suíte nº 4

O caos costuma ser descrito como uma matéria ainda sem forma à espera de sentido. Nietzsche desconfia dessa noção. Afinal, as origens raramente são tão puras quanto as histórias que contamos sobre elas.

Em *Saudade do Brasil*, Tom Jobim olha para o país a partir de sua essência mais cotidiana e afetiva, evocando personagens, atmosferas e paisagens filtradas pela nostalgia. No *Concerto para piano nº 3*, Villa-Lobos deixa que forças contrastantes organizem a própria música, como se a ordem musical fosse sendo construída de modo orgânico e instintivo enquanto ouvimos.



18 MAR
QUI 20H
CEDRO

19 MAR
SEX 14H30
OSES P DUAS
E TRINTA

20 MAR
SÁB 16H30
MOGNO

Sala
São
Paulo

Já *Brasília: Sinfonia da alvorada*, de Jobim e Vinicius de Moraes, leva a ideia de nascimento a uma escala monumental, ideia quase mítica da construção da cidade que emerge no Planalto Central, em que a narrativa oficial nem sempre incorporou histórias, pessoas e conflitos envolvidos. Algo semelhante ocorre em *O descobrimento do Brasil*, de Villa-Lobos, escrito para o filme épico de Humberto Mauro, a partir de um olhar bastante ufanista.

Este programa, reunindo obras que imaginam um Brasil em processo de criação, nos convida a refletir sobre seus mitos de nascimento.

Festival

| **Ressurreições** |

*E apenas onde
há sepulcros
há ressurreições.*

Friedrich Nietzsche

Toda criação carrega consigo a possibilidade da perda, e, com ela, a possibilidade de recomeço. “Ressurreições” afirma a capacidade humana – e artística – de se reerguer de traumas, obsessões e certezas equivocadas, atravessando aquilo que parecia definitivo para encontrar novas formas de existir. Ideias envelhecem, linguagens se transformam, obras deixam de ser ouvidas, certezas são abandonadas. Mas tudo o que parece passado pode, dependendo das circunstâncias, renascer sob outra forma.

Há algo profundamente musical nessa ideia. A música conhece a repetição, mas conhece também a transformação. Um tema retorna diferente, uma melodia reaparece sob outra luz, uma tonalidade se perde e depois é reencontrada. Mesmo quando reconhecemos aquilo que já ouvimos, essa audição não se dá exatamente da mesma maneira. O tempo modifica a escuta. Uma obra também pode nascer de uma experiência de crise, fazendo da ruptura o ponto de partida de uma nova linguagem.

Este festival coincide com a época da Páscoa e aborda o ciclo de morte e renascimento. Mas a ressurreição nietzschiana é imanente, trata da transfiguração aqui e agora, não situada como promessa de além.

Na programação, um concerto de Schumann que ficou no esquecimento por mais de oitenta anos, e só estreou no século XX; uma obra de Heinz Holliger que procura homenagear justamente a produção tardia de Schumann descartada pelos seus contemporâneos; uma sinfonia de Haydn ligada às festividades da Páscoa; e a celebração dos 200 anos de morte de Beethoven, com a execução de seus concertos para piano introduzidos a cada programa pela nova obra de Michelle Agnes, *Alma*.

Mahler, Liszt e Strauss dividem um programa. O primeiro comparece com o poema sinfônico *Totenfeier*, que viria a ser transformado numa parte da *Sinfonia Ressurreição*, e o último com *Morte e transfiguração*. Liszt é lembrado com sua magnífica *Totentanz*, em que figuradamente a morte triunfa sobre a vida. Finalmente, *Masaot / Clocks without hands*, de Olga Neuwirth, transita por lembranças de vida acumuladas, num caldeirão de sonho e nostalgia em que o tempo parece parar por um instante.



Coro da Osesp
Orquestra Acadêmica da Osesp
Thomas Blunt regente
Asbjørn Nørgaard viola

BENJAMIN BRITTEN
Rejoice in the Lamb, Op. 30
[Alegrai-vos no Cordeiro] [Orquestração de Imogen Holst]

RALPH VAUGHAN WILLIAMS
Flos campi [Flor do campo]

MAURICE DURUFLÉ
Réquiem, Op. 9 [Orquestração reduzida]

A música deste programa passa pela celebração, pelo amor e pelo luto.

Britten transforma trechos do poeta inglês Christopher Smart numa cantata de exaltação. Escrito durante o período em que esteve internado, a experiência de sofrimento de Smart aparece no texto quando se coloca ao lado de Cristo, acusado e incompreendido. Mas sua resposta é a de uma imaginação que encontra motivo para louvar em tudo: o gato Jeoffry, o rato, as flores, os sons dos instrumentos, as letras do alfabeto. Escrita originalmente para coro e órgão, em 1952 a obra recebeu orquestração de Imogen Holst, a pedido de Britten.



25 MAR
QUI 20H
CEDRO

26 MAR
SEX 16H30
ESPECIAL
DE PÁSCOA

27 MAR
SÁB 16H30
MOGNO

Sala
São
Paulo

Em *Flos campi*, Vaughan Williams recorre ao *Cântico dos Cânticos*. A viola, que exige um solista de grande domínio, ocupa o centro de uma música sensual e delicada, enquanto o coro, sem palavras, participa como uma espécie de voz interior. O título latino poderia pressupor uma cena pastoral, mas está mais próximo da intensidade do desejo.

O *Réquiem* de Duruflé conduz o programa a um lugar mais sombrio. Dedicado à memória do pai, retoma melodias do canto gregoriano da *Missa dos Mortos*, sem enfatizar o terror do juízo final. A escolha dos textos privilegia a súplica, o consolo e a esperança, culminando em “In Paradisum”.

Osesp
Coro da Osesp
Heinz Holliger regente
Ilya Gringolts violino

ROBERT SCHUMANN
Nachtlied, Op. 108 [Canção noturna]
 HEINZ HOLLIGER
Gesänge der Frühe [Cantos da alvorada]
 ROBERT SCHUMANN
Concerto para violino em Ré menor
 JOSEPH HAYDN
Sinfonia n.º 49 em Fá menor — La passione

Há obras que desaparecem porque deixam de ser ouvidas; outras, porque deixam de ser compreendidas. E há aquelas que, muito depois de escritas, encontram novos ouvidos capazes de trazê-las de volta à vida.

Em *Nachtlied*, sobre um poema de Friedrich Hebbel, Schumann se volta à quietude da noite e para aquilo que pode nascer dela. Seu *Concerto para violino*, dedicado a Joseph Joachim, permaneceria afastado do público por mais de oito décadas, só sendo publicado e estreado muito depois da morte de Schumann. Uma música retirada do silêncio e devolvida à escuta.

É a partir de uma peça dos últimos anos de Schumann, a *Op. 133*, que Holliger constrói, em *Gesänge der Frühe*, uma reflexão sobre memória, doença e criação. Holliger acrescenta a esse universo poemas de Friedrich Hölderlin, outro artista cuja produção tardia foi durante muito tempo vista à sombra da patologização.

Se Schumann e Holliger nos põem diante da possibilidade de recuperar o que foi silenciado, Haydn nos conduz ao outro lado da experiência. Sua *Sinfonia n.º 49*, apelidada *La passione* em associação posterior à Semana Santa, traduz bem a gravidade de uma música que atravessa a noite antes de qualquer possibilidade de luz.



1 ABR
 QUI 20H
JACARANDÁ

2 ABR
 SEX 20H
PEQUIÁ

3 ABR
 SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
 São
 Paulo**

Beethoven
200 anos
de morte



Osesp
Kirill Gerstein regência e piano

Nesta série de três programas diversos uns dos outros, a ideia de ressurreição ganha uma forma particular. Nos 200 anos da morte de Beethoven, seus concertos para piano numerados, acompanhados do chamado *Concerto n.º 0*, percorrem quase toda a trajetória do compositor, da obra juvenil, escrita provavelmente aos 13 ou 14 anos, ao *Concerto n.º 5*, já marcado pela maturidade e pelas convulsões de seu tempo. Tomados em conjunto, permitem acompanhar o compositor iniciante que ainda se move no mundo de Haydn e Mozart, o artista que conquista uma voz própria e, por fim, aquele que transforma radicalmente as possibilidades do gênero.

8 ABR
QUI 20H
CARNAÚBA

MICHELLE AGNES
Alma [Encomenda Osesp | Estreia mundial]
LUDWIG VAN BEETHOVEN
Concerto para piano n.º 0
LUDWIG VAN BEETHOVEN
Concerto para piano n.º 3 em Dó menor, Op. 37

9 ABR
SEX 20H
PAINEIRA

MICHELLE AGNES
Alma
LUDWIG VAN BEETHOVEN
Concerto para piano n.º 2 em Si bemol maior, Op. 19
LUDWIG VAN BEETHOVEN
Concerto para piano n.º 4 em Sol maior, Op. 58

10 ABR
SÁB 16H30
IMBUIA

MICHELLE AGNES
Alma
LUDWIG VAN BEETHOVEN
Concerto para piano n.º 1 em Dó maior, Op. 15
LUDWIG VAN BEETHOVEN
Concerto para piano n.º 5 em Mi bemol maior, Op. 73

Sala
São
Paulo

No início de cada apresentação está *Alma*, obra recente da brasileira Michelle Agnes, uma das vozes mais estimulantes de sua geração. Sua pesquisa explora as fronteiras entre gesto e escrita, composição e improvisação, aproximando sonoridades instrumentais e recursos eletroacústicos. *Alma* é repetida deliberadamente nos três programas, mas nunca é ouvida isoladamente. A cada apresentação, encontra um par diferente de concertos de Beethoven.

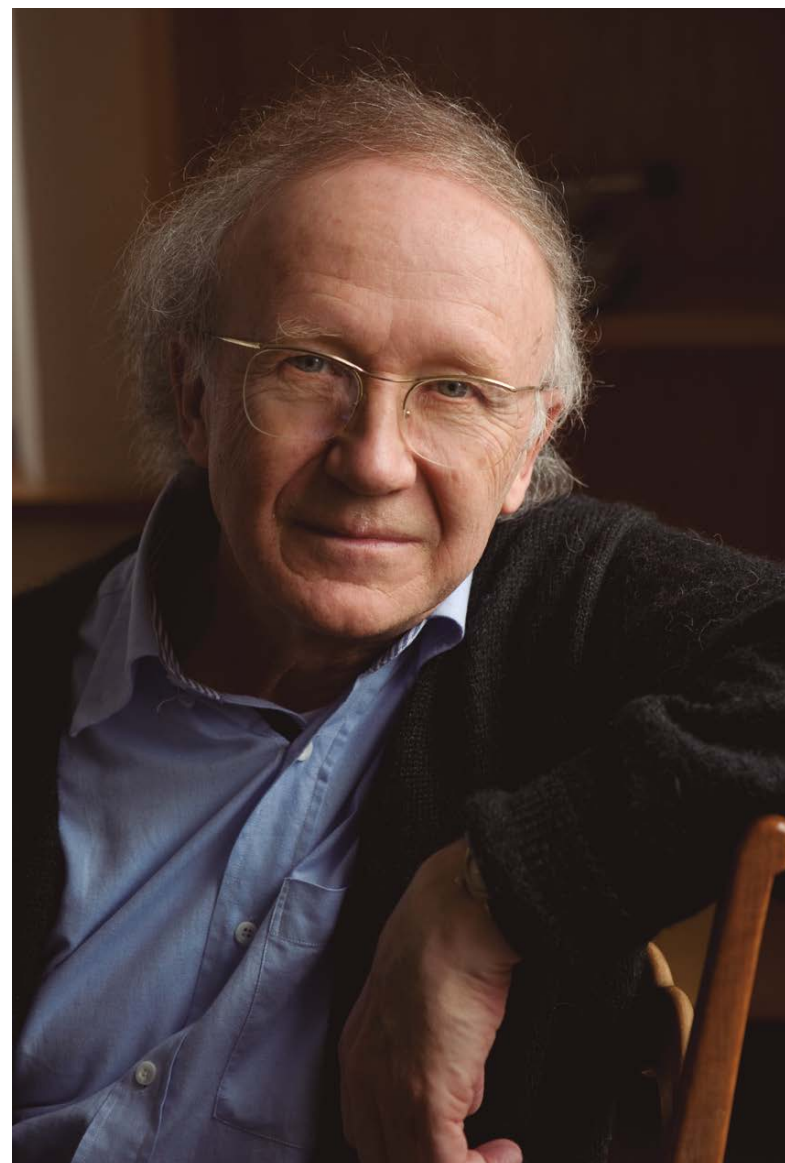
É nesse deslocamento que a ideia de ressurreição se completa. Ao justapor *Alma* a diferentes Beethovens, estes programas fazem da própria escuta um exercício de imaginação.

Músicos da Osesp
Heinz Holliger regente

ALBAN BERG
Concerto de câmara

Berg pertence a uma geração que cresceu sob a influência do grande Romantismo alemão e que, ao mesmo tempo, precisou encontrar maneiras de ir além dele. Ainda em 1908, ao refletir sobre Nietzsche, Wagner e Schopenhauer, Berg aproximava sua obra explicitamente do Strauss de *Assim falou Zaratustra*, mas se distanciaria dele à medida que se afirmava como um dos protagonistas da nova música vienense. O *Concerto de câmara* pertence a esse momento de maturidade.

Escrito para piano, violino e instrumentos de sopro, o *Concerto de câmara* foi dedicado a Schoenberg por ocasião de seu aniversário. É significativo que a obra seja também, em sua estrutura, uma espécie de retrato dos três compositores que estavam redefinindo o futuro da música na chamada Segunda Escola de Viena, que incluía Schoenberg, Webern e o próprio Berg.





Osesp
Christoph Koncz regente
Cristian Budu piano

OLGA NEUWIRTH
Masaot / Clocks without hands
 [Viagens / Relógios sem ponteiros]

RICHARD STRAUSS
Morte e transfiguração, Op. 24

FRANZ LISZT
Totentanz [Dança macabra]

GUSTAV MAHLER
Totenfeier [Cerimônia fúnebre]

15 ABR
 QUI 20H
CEDRO

16 ABR
 SEX 14H30
**OSES P DUAS
 E TRINTA**

17 ABR
 SÁB 16H30
MOGNO

**Sala
 São
 Paulo**

Há muitas maneiras de imaginar a morte. Ela pode ser pergunta, passagem, dança, memória, tempo. Ao revisitar o que desaparece, a música amplia nossa noção de finitude.

Nascida de um sonho com o avô, refugiado de origem multiétnica, *Masaot* de Neuwirth reúne fragmentos de canções e culturas evocadas por uma gravação antiga, entre ruídos e interferências. O “relógio sem ponteiros” é um tempo que já não avança nem retrocede, em outra relação com a ideia de desaparecimento.

Em *Morte e transfiguração*, um artista à beira da morte revê a própria existência, mas a morte conduz à realização do ideal perseguido durante a vida. No leito de morte, Strauss teria comentado que morrer lhe parecia exatamente como havia composto sessenta anos antes.

Em *Totenfeier*, Mahler nos põe diante de um funeral. Composta em 1888, a obra seria transformada seis anos mais tarde no primeiro movimento de sua *Segunda sinfonia* — *Ressurreição*. A pergunta que atormentava Mahler — “Para que você viveu? Para que sofreu?” — permanece aberta.

Com Liszt, a morte entra em movimento. *Totentanz* transforma o *Dies irae*, canto medieval da Missa dos Mortos, em variações ferozes e virtuosísticas para piano e orquestra. A dança macabra torna-se música.

Cristian Budu piano

18 ABR
DOM 18H
RECITAIS

Estação
Motiva
Cultural

BÉLA BARTÓK
Danças romenas
[Arranjo de Cristian Budu]

FRÉDÉRIC CHOPIN
Prelúdio n.º 7, Op. 28

CAMARGO GUARNIERI
Ponteio n.º 45

FRÉDÉRIC CHOPIN
Prelúdio n.º 3, Op. 28

CAMARGO GUARNIERI
Ponteio n.º 40

FRÉDÉRIC CHOPIN
Prelúdio n.º 8, Op. 28

CAMARGO GUARNIERI
Ponteio n.º 30

FRÉDÉRIC CHOPIN
Prelúdio n.º 15, Op. 28

CAMARGO GUARNIERI
Ponteio n.º 49

CLARISSE LEITE
Lendas... e nada mais!

ROBERT SCHUMANN
Arabesque em Dó maior, Op. 18

BRASÍLIO ITIBERÊ II
Suíte litúrgica negra: Xangô

CLAUDE DEBUSSY
Estampes: Pagodes

BRASÍLIO ITIBERÊ II
Suíte litúrgica negra: Ogum

CLAUDE DEBUSSY
Estampes: La soirée dans Grenade [A noite em Granada]

BRASÍLIO ITIBERÊ II
Suíte litúrgica negra: O protetor Exu

CLAUDE DEBUSSY
Estampes: Jardins sous la pluie [Jardins sob a chuva]

RADAMÉS GNATTALI
Por quê?

HEITOR VILLA-LOBOS
Impressões seresteiras

HEITOR VILLA-LOBOS
Festa no sertão

Vencedor do Concurso Internacional Clara Haskil em 2013, Cristian Budu — paulista filho de romenos — abre este programa com seis danças romenas baseadas em melodias recolhidas na Transilvânia por Bartók. Chopin aparece em quatro *Prelúdios*, Op. 28; entre eles, os *Ponteios* de Camargo Guarnieri. A presença de Clarisse Leite acrescenta três pequenas peças inspiradas no imaginário fantástico. Schumann surge com a conhecida *Arabesque*, seguido de Brasília Itiberê, que aproxima o piano dos orixás. Debussy é representado por três peças de *Estampes*, com referências às sonoridades asiáticas, a uma Espanha imaginada e a citações de canções infantis francesas. O programa retorna ao Brasil com Radamés Gnattali — em um arranjo que dialoga com a *Arabesque* de Schumann — e Villa-Lobos.

Ecos de Zaratustra

25 ABR
DOM 18H
CORAIS

Estação
Motiva
Cultural

Coro da Osesp
Kaique Stumpf regente

GUSTAV HOLST
Choral hymns from the Rig Veda, Op. 26
[Hinos corais do Rig Veda]

ANTON BRUCKNER
Os justi, WAB 30
[O justo meditará]

FELIX MENDELSSOHN
Richte mich, Gott, Op. 78 n.º 2
[Julga-me, Deus]

ERNESTO WIDMER
Sobre a paz
[Texto de Gastão Neves]

LILI BOULANGER
Pour les funérailles d'un soldat
[Para o funeral de um soldado]

VELJO TORMIS
Curse upon iron [Maldição sobre o ferro]

Da invocação ritual ao apelo pela paz, a arte tenta lidar com erros e acertos que a humanidade insiste em repetir.

Nos hinos de Holst, o retorno das imagens da natureza aproxima o presente a um passado remoto, em uma das mais antigas tradições poéticas da Índia. Bruckner parte de um texto bíblico e de uma tradição litúrgica, combinando a pureza do canto gregoriano com uma escrita polifônica muito densa. Em Mendelssohn, o pedido de justiça é alicerçado no contraste entre as vozes. *Sobre a paz*, de Widmer, expõe a experiência do compositor europeu que se estabeleceu no Brasil e teve papel decisivo na vida musical da Bahia. Lili Boulanger transforma o luto pela morte de um soldado em uma reflexão sobre a violência da guerra e o desejo de paz. Em Tormis, a antiga invocação contra o ferro ganha a força de um alerta diante da violência humana.



Festival

**Dançar com
o mundo**

*Agora sou leve, agora voo,
agora me vejo abaixo de mim,
agora dança um deus
através de mim.*

Friedrich Nietzsche

Depois do nascimento e da crise, a dança introduz movimento, prazer, corpo e liberdade. Nietzsche é particularmente feliz ao questionar a separação entre espírito e corpo: a existência não acontece apenas no domínio das ideias, mas também nos sentidos, no ritmo e no gesto. Há pensamentos que passam pelo corpo antes de encontrar as palavras.

Esse festival não é ingênuo nem ignora a dureza da existência, mas reconhece no prazer uma forma de resistência e na capacidade de avançar uma maneira de permanecer vivo. Diante de um mundo que tantas vezes nos convida à paralisia, dançar é uma resposta tão prática quanto poética.

A música conhece profundamente esse território. Mesmo quando estamos imóveis numa sala de concerto, há algo em nós que se agita. O ritmo nos conduz, uma frase nos faz esperar, um acento desloca nosso equilíbrio, uma pausa suspende o tempo. Talvez seja por isso que inúmeras formas musicais tenham nascido tão próximas da dança: há uma inteligência visceral do corpo que a música abraça. Somos conduzidos por pulsações, acentos, respirações e silêncios e muitas vezes compreendemos a música por puro instinto.

A dança, neste festival, aparece como inspiração e metáfora. De Villa-Lobos, temos as *Danças características africanas*; no *Maracatu de Chico Rei*, Francisco Mignone narra a trajetória de um homem que transforma sua condição e cuja liberdade se celebra em cortejo dançado. O segundo concerto traz ao público uma colaboração com a Cisne Negro Cia. de Dança. Debussy é representado pelo balé *Jeux*, em que motivos musicais fluem com leveza e transparência, contrastando com o ritmo obsessivo do famosíssimo *Bolero*, de Ravel, obra imbuída de selvagem sensualidade. John Adams, com o *Foxtrot para orquestra*, retrata o líder chinês Mao Tsé-Tung, já velho, dançando ao som de um gramofone dos anos 1930. *Vesilni pisni* de Lesia Dychko relembram a força da dança como rito de passagem coletivo; e o *Concerto nº 22* de Mozart, em seu minueto ponderado, mostra a influência inegável dos ritmos de dança mesmo na música instrumental mais abstrata.

O universo em que vivemos é instável, contraditório e frequentemente difícil. Dançar com ele não significa ignorar suas dificuldades, mas encontrar uma maneira de atravessá-las sem perder o centro de gravitação. Trata-se de encontrar em si mesmo o equilíbrio necessário para continuar dançando, para continuar de pé diante das intempéries, enfrentando a natureza, os julgamentos, as tristezas e o inesperado.





Villa-Lobos
140 anos



Osesp
Coro da Osesp
Coro Acadêmico da Osesp
Thierry Fischer regente
Veronika Eberle violino

7 MAIO
SEX 20H
CEDRO

8 MAIO
SÁB 16H30
MOGNO

Sala
São
Paulo

HEITOR VILLA-LOBOS
Danças características africanas (1916)
JOHANNES BRAHMS
Concerto para violino em Ré maior, Op. 77
FRANCISCO MIGNONE
Maracatu de Chico Rei

Dançar é uma das formas mais antigas de estar no mundo. Antes mesmo de ser espetáculo, a dança foi rito, preparação para a guerra, comemoração, sedução e memória. Em Villa-Lobos, esse impulso nasce do encontro com matrizes africanas presentes na cultura brasileira e resulta numa música de forte pulsação corporal. “Farrapós”, “Kankukus” e “Kankikis” olham para nossas raízes ancestrais e encontram nelas sua identidade e força.

Em Brahms, a dança não está em qualquer referência explícita, mas surge no próprio modo como a música se desenvolve. O “Allegro non troppo” alterna ímpeto e expansão, fazendo o solista passar da intimidade à afirmação virtuosística. No elegante “Adagio”, o tempo parece ficar suspenso: a entrada do oboé abre caminho para uma melodia que o violino recolhe e transforma. E o “Allegro” final, com seu caráter brincalhão, recupera o prazer da fisicalidade.

Em *Maracatu de Chico Rei*, Mignone reúne música, dança e memória. O bailado de 1933 retoma a lenda do rei africano escravizado em Vila-Rica que teria comprado sua liberdade e a de seu povo com o ouro da mina, sendo depois coroado no Congado. O cortejo, os tambores e as danças tornam-se expressão de identidade, resistência e celebração.



Osesp

Thierry Fischer regente

Jan Lisiecki piano [Artista em Residência]

Cisne Negro Cia. de Dança [50 anos]

JOSEPH HAYDN

Sinfonia n.º 104 em Ré maior, Hob. I:104 — Londres

WOLFGANG AMADEUS MOZART

Concerto para piano n.º 9 em Mi bemol maior, K. 271

CLAUDE DEBUSSY

Jeux [Coreografia de Helen Pickett]

MAURICE RAVEL

Bolero [Coreografia de Dany Bittencourt]

Há músicas que parecem nascer de um lugar preciso e outras que carregam consigo muitos lugares e estímulos externos: uma dança de corte, um gesto popular, um jogo de corpos, um ritmo contagiante.

Em 1795, já consagrado na Europa, Haydn estava em Londres quando escreveu sua última sinfonia, a de n.º 104, que guarda a elegância da dança aristocrática enquanto uma energia de caráter popular evoca uma música tradicional. No *Concerto para piano n.º 9*, Mozart também se afasta das convenções. O piano entra sozinho no início e a relação entre solista e orquestra ganha um caráter quase teatral.



13 MAIO
QUI 20H
JACARANDÁ

14 MAIO
SEX 20H
PEQUIÁ

15 MAIO
SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
São
Paulo**

Debussy transforma o movimento em jogo e instabilidade, em *Jeux*, de 1913. Escrito para um balé de Nijinsky, o “poema dançado” acompanha três jovens num jardim, entre brincadeiras, perseguições e encontros fugazes. Ravel leva uma dança espanhola a uma espécie de transe orquestral: o mesmo ritmo obsessivo persiste enquanto diferentes timbres e texturas assumem a melodia, até que a repetição se transforma em vertigem hipnótica.

Neste programa, além de transparecer no campo musical, a dança se materializa com as coreografias da Cisne Negro Cia. de Dança, uma das principais companhias de dança contemporânea do Brasil, dirigida artisticamente por Dany Bittencourt.



Jan Lisiecki piano [Artista em Residência]
Emmanuele Baldini violino
Leonardo Bock violino
Ederson Fernandes viola
Kim Bak Dinitzen violoncelo

16 MAIO
DOM 18H
RECITAIS

**Estação
Motiva
Cultural**

Programa a ser anunciado.

Nascido em Calgary, no Canadá, em 1995, filho de pais poloneses, Jan Lisiecki iniciou os estudos de piano aos cinco anos. Ainda adolescente, chamou a atenção internacional pela combinação entre maturidade musical, refinamento técnico e naturalidade interpretativa. Aos quinze anos, tornou-se o mais jovem artista a gravar para a Deutsche Grammophon, com um álbum dedicado a obras de Mozart. Desde então, sua discografia passou a incluir importantes páginas de Bach, Beethoven, Schumann e Chopin, compositores amplamente representados em seu repertório. Em seus recitais, Jan Lisiecki convida o público a uma experiência de escuta concentrada, em que virtuosismo e sensibilidade se encontram a serviço das obras.



Osesp

Olha Dondyk regente

Jan Lisiecki piano [Artista em Residência]

JOHN ADAMS

The chairman dances — Foxtrot para orquestra
(da ópera Nixon in China) [O presidente dança]

LESIA DYCHKO

Vesilni pisni (da ópera Zolotoslov)
[Canções de casamento]

WOLFGANG AMADEUS MOZART

Concerto para piano n.º 22 em Mi bemol maior, K. 482

ANTONÍN DVORÁK

Danças eslavas, Op. 72: n.ºs 2 e 7

ANTONÍN DVORÁK

Danças eslavas, Op. 46: n.ºs 1, 7 e 8

Há músicas que nascem para a dança e outras que levam a dança consigo. Em *The chairman dances*, Adams imagina um encontro improvável entre a política e o baile. A obra retrata, com ironia e exuberância, o presidente Mao Tsé-Tung e sua esposa Jiang Qing dançando um foxtrote. A música americana do século XX encontra, assim, uma figura da China revolucionária, e a dança se torna uma inesperada passagem entre mundos.

Em *Vesilni pisni*, da compositora ucraniana Lesia Dychko, a música está ligada diretamente à comunidade e ao ritual, recuperando melodias e gestos de uma tradição local e transformando-os em linguagem coral e orquestral.



Mozart parece pertencer a outro mundo, mas seu *Concerto para piano n.º 22* revela o quanto a dança pode estar presente mesmo sem ser nomeada. O refinamento da escrita, a teatralidade dos contrastes e a vivacidade rítmica aproximam a obra do palco e dos rodopios.

É justamente esse movimento entre o particular e o universal que aproxima Mozart das *Danças eslavas* de Dvorák. Inspirado pelas *Danças húngaras* de Brahms, Dvorák recria ritmos, acentos e atmosferas numa linguagem orquestral própria.

20 MAIO
QUI 20H
CARNAÚBA

21 MAIO
SEX 20H
PAINEIRA

22 MAIO
SÁB 16H30
IMBUIA

**Sala
São
Paulo**



Dançar com o mundo

Anna Carolina Moura soprano
Solange Ferreira mezzo soprano
Fábio Vianna Peres tenor e cordas dedilhadas
Wiliam Manoel tenor [Convidado]
Laércio Resende barítono, pianista e arranjador
Leonardo Bock violino
Adriana Holtz violoncelo
Ney Vasconcelos contrabaixo
Sérgio Burgani clarinete
Armando Yamada percussão

CUSSY DE ALMEIDA
Abertura

JOHANN SEBASTIAN BACH
Suíte francesa nº 5
em Sol maior, BWV 816:
Gavota e Giga

ANÔNIMO
Cancionero de Uppsala

DÁMASO LEDESMA
Cancionero salmantino:
Seleção

ANÔNIMO
Tourdion: Quand je
bois du vin clairet
[Quando bebo vinho clarete]

ANÔNIMO
Saltarello — La regina
[A rainha]

CÉSAR GUERRA-PEIXE
Mourão

AFONSO X
Cantigas de Santa Maria

CARL PHILIPP
EMANUEL BACH
Doze variações sobre
La Folie d'Espagne

IGNÁCIO PEDRO &
MANUEL MIGUEL
Cantos do semiárido

MÚSICA TRADICIONAL
BRASILEIRA
Do livro dos cocos

MARCELLO TUPYNAMBÁ
Fandango

FRANCISCO MIGNONE
Congada

ALBERTO NEPOMUCENO
Galhofeira

AURÉLIO CAVALCANTI
Mire usted [Veja você]

JOSÉ GARCIA CHRISTO
Cubana (Polca)

ANACLETO DE MEDEIROS
Yara

CUSSY DE ALMEIDA
Abertura

A *Suíte francesa nº 5*, de Bach, reúne danças que chegaram à música de concerto. As *Cantigas de Santa Maria* remetem à tradição medieval ibérica; séculos depois, o *Cancionero de Uppsala* preservaria canções renascentistas, enquanto Dámaso Ledesma recolheria melodias de Salamanca. No Brasil, música escrita e memória coletiva se encontram em *Mourão*, de Guerra-Peixe, e na obra de Cussy de Almeida, ligadas a elementos nordestinos, e em repertórios populares como *Cantos do semiárido* e *Do livro dos cocos*. Polcas, valsas e outros gêneros também atravessam as obras de diferentes compositores brasileiros. Todos os arranjos são de Laércio Resende, barítono do Coro da Osesp.

23 MAIO
DOM 18H
CÂMARA

**Estação
Motiva
Cultural**

Paz e memória

Coro da Osesp
Thomas Blunt regente

30 MAIO
DOM 18H
CORAIS

**Estação
Motiva
Cultural**

ERROLLYN WALLEN
Peace on Earth [Paz na Terra]

AYLTON ESCOBAR
Orbis Factor [Criador do mundo] —
Missa breve em memória de Mário de Andrade

HERBERT HOWELLS
Take him, earth, for cherishing
[Recebe-o, terra, com carinho]

JOHN BLITHEMAN
In pace [Em paz]

FRANCIS POULENC
Missa em Sol maior, FP 89

Errollyn Wallen abre o concerto com *Peace on Earth*, uma canção que duplica a voz da própria compositora, autora do texto e da música. Nomeada em 2024 Master of the King's Music, Wallen escreve aqui uma peça breve e direta, cujo apelo à paz conduz, sem interrupção, à *Orbis Factor* de Aylton Escobar, que se apoia no antigo Ordinário da Missa e encontra nele inspiração para desenvolver uma linguagem inteiramente contemporânea.

Take him, earth, for cherishing, de Howells, foi composta para a homenagem a John F. Kennedy no primeiro aniversário de sua morte. O texto, de Prudêncio, fala do corpo entregue à terra e da esperança de sua restituição. Howells conhecia essas palavras desde a morte do próprio filho, Michael, e sua escolha conferiu ao moteto uma relevância pessoal que ultrapassa a circunstância pública para a qual foi escrito. *In pace*, de Blitheman, leva o programa à Inglaterra do século XVI com uma breve mas emocionante oração.

A *Missa* de Poulenc encerra o concerto com outra lembrança familiar. Dedicada à memória de seu pai, a obra foi a primeira composição religiosa importante do compositor e mescla a solenidade do texto litúrgico, a emoção suscitada pelo assunto que o tocava tão de perto, e a liberdade harmônica que caracteriza sua escrita.



Festival

| **Triunfo** |

*Quando eu me houver superado
nisso, então me superarei
também em algo maior;
e uma vitória será o selo
de minha consumação!*

Friedrich Nietzsche

“Triunfo” pode parecer, à primeira vista, sinônimo de vitória. Mas, na perspectiva de Nietzsche, seu sentido é menos evidente e talvez mais exigente. O triunfo que importa não é aquele que se mede pela derrota de um adversário, mas o que nasce da superação de si. *Em Assim falou Zaratustra*, o ser humano não é um ponto de chegada, mas uma passagem: algo que precisa continuamente se transformar, ultrapassando os próprios limites sem deixar para trás suas convicções.

Há, nessa ideia, uma dimensão particularmente importante para a arte. Toda conquista verdadeira traz consigo uma nova exigência. O que ontem parecia impossível torna-se hoje o ponto de partida para uma nova tentativa. O triunfo não elimina a luta que o precedeu; ao contrário, é inseparável dela. Pode até acontecer depois da derrota, quando aquilo que parecia perdido encontra outra forma de permanecer.

Para uma orquestra, essa perspectiva adquire uma ressonância especial. A excelência artística nunca é definitiva: cada realização abre novas possibilidades e impõe novos desafios. Triunfar, nesse sentido, é continuar avançando, sem confundir uma conquista com um ponto final.

As obras deste Festival desvelam diferentes prismas dessa ideia. Em *Tasso, lamento e triunfo*, Liszt transforma a trajetória do poeta italiano numa imagem de glória que nasce do sofrimento.

Na *Sinfonia nº 7 – Leningrado*, Shostakovich associa o triunfo à resistência diante da adversidade. A *Ode triomphale*, de Augusta Holmès, celebra oficialmente a vitória, mas seu próprio retorno aos palcos acrescenta outra dimensão à palavra: a possibilidade de triunfar sobre o esquecimento. O programa traz ainda *Pini di Roma*, de Respighi, cuja imagem das legiões avançando pela Via Ápia transforma o triunfo em uma visão grandiosa e coletiva.

Triunfar, afinal, talvez seja menos conquistar um lugar definitivo do que tornar-se capaz de continuar a jornada. Toda superação contém a promessa de outra, e é justamente nessa tensão entre o que já foi alcançado e o que ainda nos desafia que a vitória adquire seu sentido mais profundo.





O triunfo pode nascer da conquista, da resistência, da superação, do sofrimento ou até da capacidade de recomeçar.

Em *Ad se revertas*, do compositor ucraniano Eduard Resatsch, a própria presença de um artista nascido em Lviv e radicado na Alemanha acrescenta uma camada particular a essa ideia. Sua produção composicional tem se voltado com frequência para temas ligados à Ucrânia e à experiência da guerra.

O *Concerto venezolano*, de Paquito D'Rivera, também parte de uma realidade marcada pela adversidade. Escrita para o trompetista venezuelano Pachito Flores, a obra começa em tom sombrio, associado às dificuldades históricas do povo venezuelano, e gradualmente se abre para o ritmo e a celebração.

Osesp
Oksana Lyniv regente
Pacho Flores trompete

3 JUN
QUI 20H
CEDRO

4 JUN
SEX 14H30
**OSES P DUAS
E TRINTA**

5 JUN
SÁB 16H30
MOGNO

**Sala
São
Paulo**

EDUARD RESATSCH
Ad se revertas [Que retorne a ele]
PAQUITO D'RIVERA
Concerto venezolano: para trompeta y orquesta
RICHARD STRAUSS
Don Juan, Op. 20
FRANZ LISZT
Tasso, lamento e triunfo

Em *Don Juan*, o herói busca incessantemente a mulher ideal, acumulando conquistas até descobrir que nenhuma delas pode satisfazer seu desejo. A música, tão exuberante em seu início, carrega, portanto, uma ironia que desmonta o triunfo do conquistador invencível.

Liszt faz, em *Tasso, lamento e triunfo*, do contraste entre sofrimento e glória o próprio princípio da composição. O poeta Torquato Tasso sofreu humilhações, passou sete anos confinado em Ferrara e morreu antes de receber o reconhecimento que sua obra alcançaria. O triunfo chega depois do lamento e guarda sua memória.



Osesp
Stanislav Kochanovsky regente
Nikolai Lugansky piano

SERGEI RACHMANINOV
Rapsódia sobre um tema de Paganini, Op. 43
DMITRI SHOSTAKOVICH
Sinfonia n.º 7 em Dó maior, Op. 60 — Leningrado

Há triunfos que chegam sob a forma de aplauso e outros que nascem justamente quando tudo parece perdido.

Na *Rapsódia sobre um tema de Paganini*, Rachmaninov parte de uma melodia muito conhecida para compor uma obra de extraordinária liberdade e virtuosismo. As 24 variações exibem uma sucessão vertiginosa de contrastes, alternando humor, lirismo, tensão e brilho orquestral. Na composição, o triunfo tem algo de teatral, como se a inteligência musical pudesse converter até mesmo a sombra da morte em insumo para a criação.



10 JUN
QUI 20H
JACARANDÁ

11 JUN
SEX 20H
PEQUIÁ

12 JUN
SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
São
Paulo**

A *Sinfonia n.º 7* de Shostakovich leva essa ideia para um terreno muito mais sombrio. Composta durante o cerco de Leningrado e dedicada à cidade, a obra tornou-se um símbolo de resistência. Seu primeiro movimento apresenta o tema associado à invasão, repetido em um crescendo que sai de uma aparente simplicidade até adquirir um caráter ameaçador.

A história da estreia em Leningrado, em 9 de agosto de 1942, torna ainda mais extraordinária a força simbólica da sinfonia. Músicos debilitados pela fome reuniram-se para tocar uma obra que exigia uma enorme orquestra, enquanto a cidade permanecia cercada. Ao final, a plateia respondeu com uma longa ovação. É difícil imaginar um triunfo mais carregado de contradições.

13 JUN
DOM 18H
RECITAIS

**Estação
Motiva
Cultural**

Nikolai Lugansky piano

Programa a ser anunciado.

Nascido em Moscou em 1972, Lugansky estudou com Tatiana Nikolayeva e Sergei Dorensky, dois nomes fundamentais da escola pianística russa. Em 1994, recebeu o segundo prêmio no Concurso Internacional Tchaikovsky, depois de vencer, seis anos antes, o Concurso Internacional de Piano de Tbilisi.

Lugansky é especialmente associado ao repertório russo, sobretudo às obras de Rachmaninov e Prokofiev, mas sua atividade se estende de Bach a compositores do século XX. Chopin, Schumann, Liszt e Debussy ocupam posição importante em seus recitais e gravações. Sua discografia dedicada a Rachmaninov inclui os *Prelúdios*, as *Sonatas* e os *Études-tableaux*. Ao longo de mais de três décadas de carreira, a música de câmara também tem lugar cativo em sua agenda, em colaboração com grandes artistas como Vadim Repin e Mischa Maisky. Seu retorno acontece mais de uma década depois de sua primeira apresentação com a Oseps, quando o pianista também participou da série Recitais, em 2014, apresentando obras de Franck, Prokofiev e Rachmaninov.





Osesp
Coro da Osesp
Emilia Hoving regente
Alexandre Silvério fagote
José Arion Liñarez fagote
Juliana Taino mezzo soprano

ANTONIO VIVALDI
Concerto para dois violoncelos RV 531
 [Transcrição para dois fagotes]

OTTORINO RESPIGHI
Pini di Roma [Pinheiros de Roma]

AUGUSTA HOLMÈS
Ode triomphale [Ode triunfal]

O triunfo não é simplesmente vencer, é afirmar a vida, mesmo diante daquilo que a desafia. Vivaldi o encontra na energia e no confronto; Respighi, na evocação de uma grandeza que atravessa os séculos; Holmès, na celebração coletiva de uma conquista histórica.

No *Concerto para dois violoncelos*, a força nasce do embate entre os dois solistas, que se alternam, se imitam e competem por protagonismo em uma escrita de grande intensidade. Na transcrição para dois fagotes, esse caráter vigoroso se mantém intacto.

Em *Pini di Roma*, Respighi pinta quatro quadros da cidade eterna. Crianças brincam entre os pinheiros da Villa Borghese; junto às catacumbas, o tempo parece suspenso; à noite, o Janículo acolhe o canto de um rouxinol; por fim, a Via Ápia se abre para o desfile triunfal das legiões do Império Romano.

Composta para as comemorações do centenário da Revolução Francesa, a *Ode triomphale*, de Augusta Holmès, foi concebida em escala extraordinária, para cerca de 1.200 executantes — a maior encomenda estatal da França naquele momento. Holmès construiu a carreira num mundo que ainda reservava às mulheres os gêneros considerados menores. Executar esta obra em 2027 não é apenas ilustrar o tema deste festival, é realizá-lo. O triunfo, aqui, é também o da obra sobre o esquecimento.

17 JUN
 QUI 20H
CARNAÚBA

18 JUN
 SEX 20H
PAINEIRA

19 JUN
 SÁB 16H30
IMBUIA

**Sala
 São
 Paulo**



Romeu Rabelo regência e fagote
Svetlana Tereshkova violino
Leonardo Bock violino
Sarah Pires viola
Kim Bak Dinitzen violoncelo
Alexandre Rosa contrabaixo
Claudia Nascimento flauta e piccolo
Peter Apps oboé
Ricardo Barbosa oboé e corne-inglês
Sérgio Burgani requinta
Ovanir Buosi clarinete
Giuliano Rosas clarinete e clarone
Alexandre Silvério fagote
Vívian Meira contrafagote [Convidada]
Luiz Garcia trompa
Daniel Filho trompa

WOLFGANG AMADEUS MOZART

La clemenza di Tito, K. 621

[A clemência de Tito] [Arranjo de Joseph Triebensee]

WOLFGANG AMADEUS MOZART

Serenata em Dó menor K. 388/384a

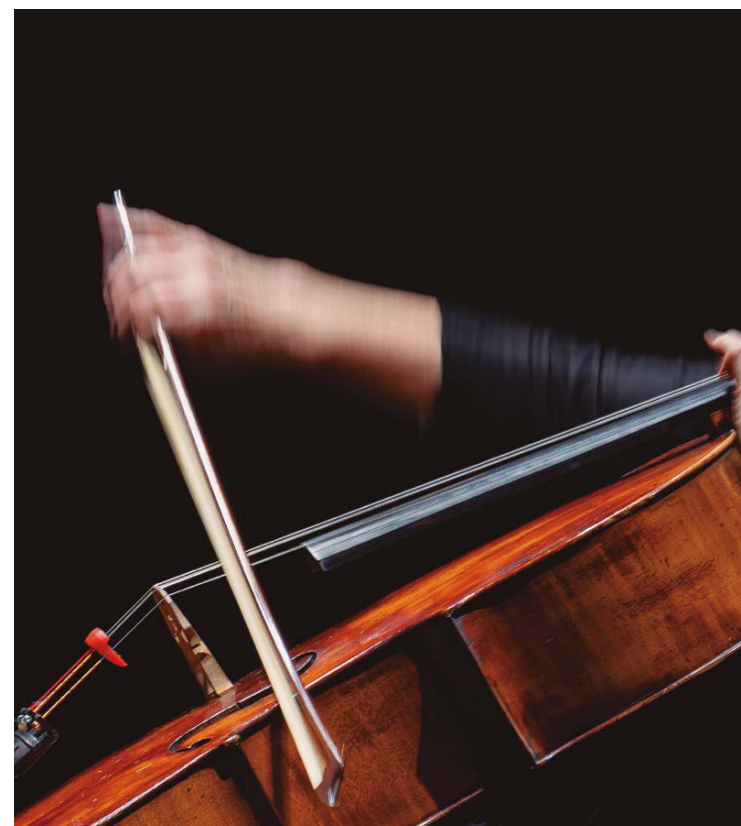
WOLFGANG AMADEUS MOZART

Adagio e Fuga em Dó menor, K. 546

[Arranjo de Romeu Rabelo]

ARNOLD SCHOENBERG

Sinfonia de câmara nº 1, Op. 9



27 JUN
DOM 18H
CÂMARA

Estação
Motiva
Cultural

Reunir Mozart e Schoenberg num mesmo programa permite ouvir, com especial nitidez, como uma tradição musical pode permanecer presente mesmo quando sua linguagem se modifica profundamente.

Em *La clemenza di Tito*, os instrumentos participam da caracterização sonora da ação dramática. O arranjo de Triebensee, do início do século XIX, retira essa música do palco e a reorganiza para um conjunto instrumental. Ao contrário do caráter predominantemente festivo associado ao gênero, a *Serenata em Dó menor* apresenta uma atmosfera intensa que convém à tonalidade um tanto sombria. No *Adagio e Fuga*, Mozart demonstra sua habilidade no contraponto — o arranjo de Rabelo prolonga essa tradição de reelaboração.

O entremeio de vozes e o rigor contrapontístico também estão presentes na *Sinfonia de câmara nº 1*, de Schoenberg, composta para uma formação compacta de quinze músicos. A perda de massa orquestral é compensada por uma escrita de grande concentração. Schoenberg conserva procedimentos herdados da tradição clássica, mas os submete a uma linguagem harmônica que aponta para o futuro.



Festival

| **Torna-te quem és** |

*O homem é uma ponte
e não um fim.*

Friedrich Nietzsche

Quem somos? Quanto daquilo que chamamos de identidade foi escolhido por nós, e quanto recebemos, imitamos ou simplesmente aceitamos? E, entre aquilo que herdamos e aquilo que deixaremos, que parte nos cabe construir?

Para Nietzsche, tornar-se não significa descobrir uma essência escondida dentro de nós, como se houvesse uma identidade pronta à nossa espera, mas é um processo que envolve experimentar, errar, superar, abandonar algumas formas e construir outras. Somos feitos daquilo que recebemos, mas também daquilo que fazemos com o que recebemos. A herança pode ser acolhida, recusada, transformada ou ampliada; o passado nos constitui, mas não precisa determinar inteiramente o que viremos a ser.

Na atividade artística essa perspectiva ganha uma dimensão particular. Um músico passa a vida inteira tornando-se o músico que é. Cada professor, cada obra, cada concerto, cada encontro e cada erro acrescenta alguma coisa a esse processo. Uma orquestra também constrói sua identidade ao longo do tempo, através das escolhas que faz, dos repertórios que descobre, dos encontros que promove e dos riscos que aceita correr. Não há uma forma definitiva a alcançar, mas há uma trajetória a percorrer.

No repertório deste festival, essa busca assume formas muito diferentes. Em *Uma vida de herói*, Richard Strauss transforma a própria trajetória em matéria musical, num dos mais contundentes autorretratos da história da música. *Carmina Burana*, de Orff, parte de poemas medievais que celebram a instabilidade da fortuna, o prazer e a passagem do tempo. Em *Aladdin*, de Nielsen, acompanhamos musicalmente a transformação de um jovem diante do mundo que se abre à sua frente.

A *Eroica* de Beethoven representa uma transformação de outra natureza. É a música de um compositor que, diante de uma crise pessoal profunda, encontra forças para seguir adiante e inaugura uma nova dimensão de sua própria linguagem. No *Concerto para harpa*, Péter Eötvös explora possibilidades pouco habituais do instrumento, fazendo da própria descoberta sonora uma forma de construção de identidade. *Kauyumari*, de Gabriela Ortiz, evoca o veado azul da tradição wixárika, figura que guia o peregrino em sua jornada de transformação.

“Torna-te quem és” funciona, assim, não como uma ordem peremptória, mas como um convite à descoberta de si. A pergunta que permanece aberta é: qual será nosso legado?





Osesp
Vasily Petrenko regente
Pablo Barragán clarinete

MARCOS BALTER
Laroyê [Encomenda Osesp | Estreia mundial]
DANIEL FREIBERG
Crônicas latinoamericanas
RICHARD STRAUSS
Uma vida de herói

Marcos Balter é uma das vozes mais originais da música experimental e define sua prática como *resonant humanism*, concepção em que a música nasce da interação entre diferentes formas de presença. Sua obra traz um longo envolvimento com o pensamento afrodiaspórico e afrofuturista: no percurso entre Brasil e Estados Unidos, seus lares, encontra na criação uma maneira de transformar deslocamento em identidade.

Em *Crônicas latinoamericanas*, o argentino Daniel Freiberg parte justamente da diversidade cultural do continente, aproximando-se do jazz e de ritmos como malambo, vidala e chacarera. A identidade latino-americana aparece, assim, como uma trama de influências, cruzamentos e reinvenções.

Com *Uma vida de herói*, seu último grande poema sinfônico, Strauss nos apresenta um herói que é, em grande medida, o próprio compositor: “os adversários” caricaturam seus críticos, o violino solo representa sua mulher, Pauline, e, na seção dedicada às “obras de paz”, Strauss cita temas de suas próprias composições. É um autorretrato monumental, quase insolente. Escrita pouco depois de *Assim falou Zaratustra*, a obra parece responder musicalmente à pergunta de Nietzsche: não apenas quem somos, mas como chegamos a ser aquilo que somos e qual imagem desejamos projetar para o mundo.

* Nesta data, a Osesp apresentará as obras de Freiberg e R. Strauss no Auditório Claudio Santoro, na abertura do 57º Festival de Inverno de Campos do Jordão.

1 JUL
QUI 20H
CEDRO

2 JUL
SEX 20H
MOGNO

3 JUL
SÁB
**FESTIVAL DE
INVERNO DE
CAMPOS DO
JORDÃO***

**Sala
São
Paulo**



Osesp
Coro da Osesp
Coro Infantil da Osesp
Aziz Shokhakov regente
Camila Titingher soprano
Vitorio Scarpi tenor

MISSY MAZZOLI
Sinfonia (for orbiting spheres)
[Sinfonia (para esferas em órbita)]

CARL NIELSEN
Aladim: Suíte

CARL ORFF
Carmina Burana

Há quem se transforme seguindo uma trajetória já traçada; há quem precise romper a órbita para descobrir seu próprio caminho.

Em *Sinfonia (for orbiting spheres)*, Missy Mazzoli transforma a própria ideia de órbita em matéria musical. Pequenos motivos giram, aproximam-se, afastam-se e se sobrepõem, como corpos celestes submetidos a forças que nunca cessam. A compositora descreve a obra como um sistema solar feito de loops de inspiração rococó.



A *Suíte Aladim*, de Carl Nielsen, parte de uma transformação mais explícita: a do menino pobre que, na narrativa de *As mil e uma noites*, se torna príncipe e rei. Escrita para uma montagem teatral que o compositor considerou problemática, a música acabou encontrando vida própria na sala de concertos. Entre marchas e danças, Nielsen cria seu próprio Oriente imaginário.

Em *Carmina Burana*, Carl Orff reúne poemas medievais sobre a primavera, o vinho, o amor e os caprichos da sorte. Tudo é emoldurado por “O Fortuna”: a roda que eleva e derruba, promete e retira, transforma a condição humana sem pedir licença. Mas talvez seja justamente aí que o programa encontre sua questão central. Se a fortuna gira independentemente de nossa vontade, o que fazemos com aquilo que nos acontece?

8 JUL
QUI 20H
CARNAÚBA

9 JUL
SEX 20H
PAINEIRA

10 JUL
SÁB 16H30
IMBUIA

**Sala
São
Paulo**



Beethoven
200 anos
de morte



Osesp

Marta Gardolinska regente
Xavier de Maistre harpa

GABRIELA ORTIZ

Kauyumari

PÉTER EÖTVÖS

Concerto para harpa

LUDWIG VAN BEETHOVEN

Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, Op. 55 — Eroica

15 JUL
QUI 20H
JACARANDÁ

16 JUL
SEX 20H
PEQUIÁ

17 JUL
SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
São
Paulo**

Somos feitos do que pensamos, do que recebemos, das circunstâncias que nos formaram, das vozes que nos precederam. “Torna-te quem és” parece, à primeira vista, uma contradição. Se há um “quem és”, por que ainda seria necessário tornar-se?

Filha de integrantes do grupo mexicano Los Folkloristas, Ortiz cresceu cercada pela música popular de seu país. A obra da mexicana evoca o veado azul, figura espiritual da cosmologia wixárika, retomando uma melodia tradicional e fazendo da própria jornada uma história de busca e descoberta.

No *Concerto para harpa*, escrito para Xavier de Maistre, Eötvös explora possibilidades pouco convencionais do instrumento, incluindo cadências improvisadas. A homenagem a Ravel acrescenta outra camada, mostrando como uma linguagem pode nascer de uma herança sem se limitar a ela.

É na *Eroica* de Beethoven, porém, que o “tornar-se” assume uma dimensão existencial. Escrita depois da crise revelada no Testamento de Heiligenstadt, ela nasce do confronto entre o homem e aquilo que parecia determinar seu destino. Beethoven transforma a experiência da surdez em uma nova linguagem musical de proporções inéditas. O tema de Prometeu, no “Finale”, reforça essa imagem: o fogo recebido de fora precisa ser novamente conquistado e transformado.



Festival

| Paz |

*Os maiores acontecimentos
— não são nossas horas
mais barulhentas,
e sim as mais sossegadas.*

Friedrich Nietzsche

Depois da transformação, é preciso parar – mas não necessariamente descansar. Em Nietzsche, a paz nunca é a do exausto ou a do resignado. É a serenidade de quem atravessou o conflito e, tendo passado por ele, encontra outra maneira de olhar para aquilo que aconteceu. Paz, nesse sentido, não significa ausência de tempestade, mas a possibilidade de reconciliar-se com ela.

A música se enquadra muito bem nessa dimensão. O silêncio que separa dois sons não é vazio, nem morto. Pode conter expectativa, memória, tensão e, até mesmo, a possibilidade de uma resolução. Uma obra pode nascer de um conflito e, ainda assim, conduzir à trégua. Pode olhar para a dor sem permanecer prisioneira dela. Pode lembrar os mortos afirmando, ao mesmo tempo, a continuidade da vida.

É justamente esse espírito que percorre este festival. *In ecclesiis*, de Gabrieli, abre o primeiro concerto apontando para a harmonia que surge da convivência de várias vozes que se articulam no espaço. *In Terra pax*, de Frank Martin, foi escrita durante a guerra como uma aposta numa paz que ainda não existia. Em *Verklärte Nacht*, Schoenberg transforma uma situação de ruptura em possibilidade de recomeço. *Paz na Terra*, do mesmo compositor, revela o lado mais frágil e talvez mais difícil desse desejo: a consciência de que a harmonia entre os seres humanos pode ser apenas uma esperança.

O *Concerto para piano nº 21*, de Mozart, introduz uma dimensão mais luminosa, em que serenidade e movimento parecem encontrar um equilíbrio natural. A *Sinfonia nº 3* de Brahms conduz a tormenta para um desfecho que se desfaz pouco a pouco, até quase desaparecer. Em *Le tombeau de Couperin*, Ravel transforma a memória dos amigos mortos em música que não renuncia à vida. *Dzonot*, de Gabriela Ortiz, traz a imagem dos cenotes, ao mesmo tempo fonte de água e passagem para o mundo subterrâneo, reunindo vida e morte em um mesmo lugar. O *Adagio para cordas*, de Barber, oferece outra forma de recolhimento, de intensidade contida. E *La mer*, de Debussy, encerra o percurso devolvendo a escuta à natureza, onde movimento e quietude, força e delicadeza coexistem.

“Paz” é, assim, um momento de suspensão, mas não de imobilidade. Representa o que pode surgir quando deixamos de lutar contra os espinhos do passado e encontramos uma maneira de incorporá-los à nossa existência. Devemos acatá-la como uma serenidade conquistada, não recebida, como uma reconciliação que não apaga a tempestade, mas permite atravessá-la e seguir adiante.





Osesp
Coro da Osesp
Alexander Liebreich regente

GIOVANNI GABRIELI

In ecclesiis

ARNOLD SCHOENBERG

Verklärte Nacht [Noite transfigurada], Op. 4 (1943)

FRANK MARTIN

In Terra pax

A paz pode ser celebração, promessa, conquista íntima. Pode nascer da harmonia entre muitas vozes, da reconciliação entre duas pessoas ou da esperança em um mundo que ainda não existe.

In ecclesiis, de Gabrieli, reúne vozes e instrumentos em grupos distintos, fazendo-os alternar, responder e convergir. A música devia expandir-se pela arquitetura da Basílica de São Marcos, em Veneza, para a qual o compositor escreveu grande parte de sua produção. É justamente da coexistência de timbres, registros e linhas independentes que nasce sua extraordinária unidade.



5 AGO
QUI 20H
CARNAÚBA

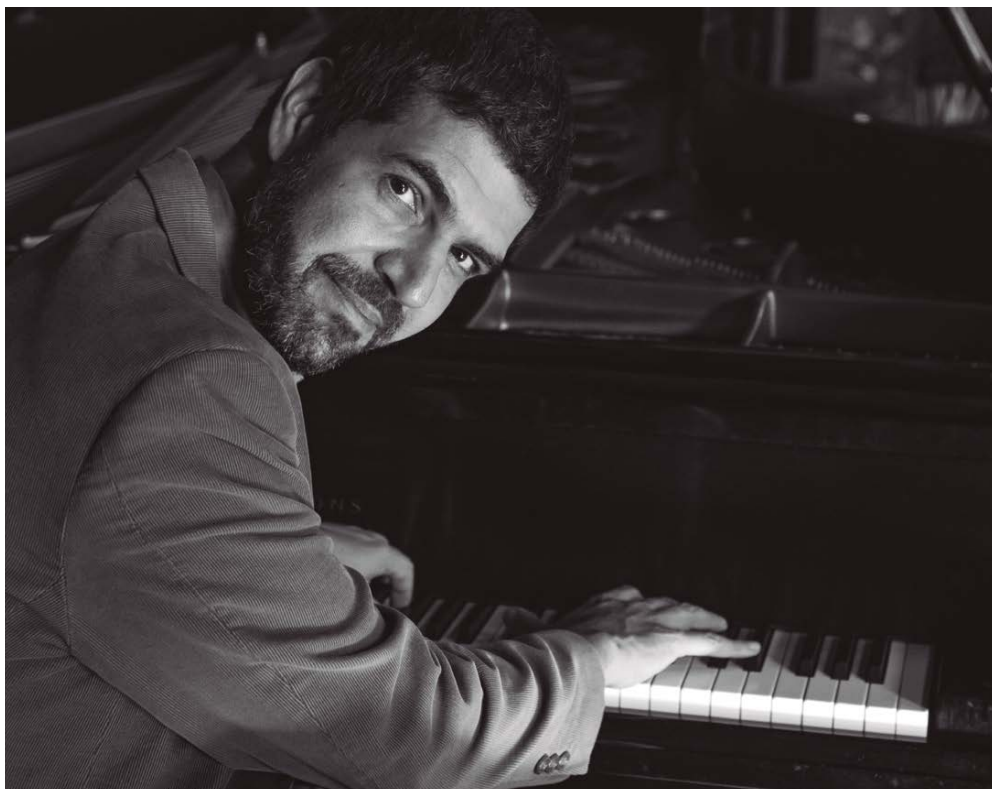
6 AGO
SEX 20H
PAINEIRA

7 AGO
SÁB 16H30
IMBUIA

**Sala
São
Paulo**

Quase três séculos depois, Schoenberg escreveria *Verklärte Nacht*, baseada num poema de Richard Dehmel. Caminhando por um bosque, uma mulher confessa ao companheiro que espera um filho de outro homem. Em vez de condená-la, ele acolhe a criança como sua: o amor muda o significado de um segredo que parecia irreparável. A versão que ouvimos foi revisada por Schoenberg em 1943, décadas depois de sua composição — agora sob a experiência do exílio e da guerra.

In Terra pax, de Frank Martin, nasceu diretamente da expectativa do fim da guerra. Em 1944, a Rádio Genebra encomendou ao compositor um oratório que deveria permanecer em silêncio até a declaração do armistício. Martin escreveu, portanto, para uma paz que ainda não existia.



8 AGO
DOM 18H
RECITAIS

**Estação
Motiva
Cultural**

André Mehmari piano
Emmanuele Baldini violino
Ovanir Buosi clarinete

Programa a ser anunciado.

Pianista, compositor, arranjador e multi-instrumentista, Mehmar*i* ocupa uma posição incomum na música brasileira contemporânea. Sua produção fonográfica recente confirma a vastidão de seus interesses artísticos, que não distinguem fronteiras entre popular e erudito. *Sombra e luz*, dedicado à obra de Marcello Tupynambá, reúne peças para piano solo. Lançado em 2024, o álbum combina pesquisa de repertório brasileiro e liberdade de interpretação. Em 2026 Mehmar*i* somou sua arte ao repertório de um grupo de músicos que abordaram a influência chinesa no Brasil. Entre seus muitos projetos estão ainda *Choros & Pianos*, *Ouro sobre azul*, dedicado a Ernesto Nazareth, e colaborações com artistas como Mônica Salmaso, Gabriele Mirabassi, Hamilton de Holanda e Mário Laginha. Neste programa, ele convida os músicos da Osesp, Emmanuele Baldini e Ovanir Buosi.



Osesp
Coro da Osesp
Marie Jacquot regente
Markus Schirmer piano

ARNOLD SCHOENBERG

Paz na Terra, Op. 13

WOLFGANG AMADEUS MOZART

Concerto para piano n.º 21 em Dó maior, K. 467

JOHANNES BRAHMS

Sinfonia n.º 3 em Fá maior, Op. 90

12 AGO
QUI 20H
CEDRO

13 AGO
SEX 14H30
**OSES DUAS
E TRINTA**

14 AGO
SÁB 16H30
MOGNO

**Sala
São
Paulo**

O que significa a paz tão desejada por todos?

Em *Paz na Terra*, Schoenberg transforma em música a esperança de uma humanidade reconciliada. O moteto *a cappella*, escrito em 1907 sobre poema de Conrad Ferdinand Meyer, alterna imagens da violência e das guerras com o anúncio celeste da paz. Mas há uma ironia dolorosa nessa esperança. Em 1923, depois de assistir aos horrores da Primeira Guerra Mundial, o próprio compositor chamou a obra de uma “ilusão” de sua antiga inocência.

No *Concerto para piano n.º 21*, Mozart nos conduz a outro universo. Escrito num período de extraordinária atividade, em que se afirmava como pianista e autor em Viena, o concerto combina brilho, elegância e contrastes inesperados. A serenidade mozartiana não é imobilidade, pelo contrário, nasce de um equilíbrio constantemente renovado.

Em Brahms, por fim, a paz parece surgir justamente depois da tempestade. Sua *Terceira sinfonia* é atravessada por tensões entre maior e menor, instabilidade rítmica e paixões que retornam até o último movimento. Mas há uma característica extraordinária: os quatro movimentos terminam suavemente. É como se Brahms não quisesse conquistar a paz pela força, mas almejasse encontrá-la na calma que permanece quando a agitação finalmente cessa.

**Osesp**

Stéphane Denève regente
Alisa Weilerstein violoncelo

MAURICE RAVEL

Le tombeau de Couperin [O túmulo de Couperin]

GABRIELA ORTIZ

Dzonot [Cenote] [Coencomenda Osesp, Filarmônica de Los Angeles, Philharmonia Orchestra e Orquestra Sinfónica de Castilla y León | Estreia latino-americana]

SAMUEL BARBER

Adagio para cordas, Op. 11

CLAUDE DEBUSSY

La mer [O mar]

A morte pode ocupar a música sem lhe impor necessariamente um caráter fúnebre. Em *Le tombeau de Couperin*, Ravel retoma formas e danças da música francesa dos séculos XVII e XVIII, os *tombeaux* barrocos, e as transforma em homenagem a amigos mortos. Quando lhe disseram que aquela alegria parecia inadequada para um memorial, Ravel respondeu que os mortos já eram suficientemente tristes em seu silêncio eterno.

Em *Dzonot*, Ortiz trata de outra relação entre vida e morte. No concerto escrito para Alisa Weilerstein, o título vem de *ts'onot*, palavra maia que deu origem a “cenote”, nome dos poços naturais encontrados na península de Yucatán, que assumiram significado ritual, sendo associados ao mundo dos mortos e às oferendas.



19 AGO
QUI 20H
JACARANDÁ

20 AGO
SEX 20H
PEQUIÁ

21 AGO
SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
São
Paulo**

O *Adagio* de Barber tem linhas melódicas que se desenvolvem lentamente, em arcos cada vez mais intensos, até alcançarem um clímax de grande força expressiva. Depois, a música se recolhe e termina quase suspensa, carregando uma dor inegável e também sua própria possibilidade de apaziguamento.

La mer de Debussy não ilustra uma história nem oferece uma resposta: está em movimento contínuo, feito de correntes, reflexos, luz e forças. Ainda que, em microplanos, haja agitação e até mesmo conflito, no macropiano há uma sensação de constante equilíbrio e magia.



As músicas de Shaw, Chagas e Brahms pertencem a épocas e universos estéticos muito diferentes, mas têm em comum a exploração das possibilidades camerísticas e, de maneiras distintas, a relação entre materiais já conhecidos e novas formas de organizá-los.

Em *Entr'acte*, Shaw parte de uma referência precisa à tradição. A compositora conta que a ideia surgiu depois de ouvir o *Quarteto Op. 77, n.º 2*, de Haydn, particularmente a passagem do minuetto para o trio em Ré bemol maior. Sua própria obra assume a estrutura de minuetto e trio, mas a expande e desloca, fazendo com que a familiaridade da forma conviva com mudanças inesperadas de atmosfera.

22 AGO
DOM 18H
CÂMARA

Estação
Motiva
Cultural

Amanda Martins violino
Tatiana Vinogradova violino
Sarah Pires viola
Olga Vassilevich viola
Heloisa Meirelles violoncelo
Adriana Holtz violoncelo
Paulo C. Chagas difusão eletroacústica [Convidado]

CAROLINE SHAW
Entr'acte [Entreato]

JOHANNES BRAHMS
Sexteto de cordas n.º 1 em Si bemol maior, Op. 18

PAULO C. CHAGAS
A pele da Terra
[Encomenda Osesp | Estreia mundial]

Em *A pele da Terra*, Chagas prolonga uma investigação que atravessa boa parte de sua produção, na qual os meios eletrônicos e audiovisuais não aparecem simplesmente como acréscimos à música instrumental, mas participam de sua própria concepção.

O *Sexteto* de Brahms pertence a outro momento da história, mas também revela um compositor trabalhando criativamente com formas herdadas. Escrito para dois violinos, duas violas e dois violoncelos, alterna quatro movimentos de caráter contrastante.



Festival

| **Sim à vida** |

*Inocência é a criança,
e esquecimento; um novo começo,
um jogo, uma roda a girar por
si mesma, um primeiro movimento,
um sagrado dizer-sim.*

Friedrich Nietzsche

Talvez nenhum conceito seja mais propriamente nietzschiano do que este: acolher a vida sem exigir que ela seja perfeita. Dizer “sim” à existência não significa aprovar tudo o que acontece, nem negar o sofrimento, as perdas ou as injustiças. Significa reconhecer sua complexidade, suas contradições e seus acidentes e, ainda assim, escolhê-la.

Há uma coragem particular nesse gesto. É relativamente fácil aceitar a vida quando ela corresponde aos nossos desejos, porém mais difícil é fazê-lo quando somos confrontados com eventos que não escolhemos. O “sim” de Nietzsche não é, portanto, um entusiasmo superficial, mas uma disposição que inclui aquilo que gostaríamos de excluir. Prazer e sofrimento, beleza e desordem, encontros e perdas pertencem à mesma existência. Dizer “sim” é não exigir que a vida seja outra para poder amá-la.

A música pode dizer esse “sim” de muitas maneiras. Pode fazê-lo através da energia e da dança, mas também da ternura, do humor, da sensualidade ou da dor. Uma obra não precisa ser alegre para afirmar a vida. Às vezes, é justamente ao dar forma àquilo que dói que a música encontra a sua força. Não porque transforme o sofrimento em felicidade, mas porque recusa o silêncio diante dele.

No primeiro programa, o amanhecer e a dança de *Daphnis et Chloé*, de Ravel, encontram a energia do *Concerto para violino* de Beethoven. *O idílio de Siegfried*, de Wagner, apresenta uma experiência íntima e doméstica, enquanto o *Concerto para violoncelo* de Elgar nasce da experiência de um mundo profundamente transformado pela guerra. No último concerto, a *Paixão segundo São Mateus*, de Bach, leva essa ideia ao seu extremo ao propor uma música atravessada pelo sofrimento, mas que Nietzsche foi capaz de ouvir como poderosa expressão de vida.

O “sim” que encerra este percurso não é uma fuga das dificuldades, nem uma celebração ingênua. É a disposição de continuar criando, amando, ouvindo e escolhendo, mesmo sabendo que a existência inclui aquilo que não podemos controlar. Talvez seja essa a forma mais radical de dizer sim: não escolher apenas o que desejamos, mas receber a vida inteira, em sua beleza e em seu oposto.





Beethoven
200 anos
de morte



Osesp
Thierry Fischer regente
James Ehnes violino

LUDWIG VAN BEETHOVEN
Concerto para violino em Ré maior, Op. 61

MAURICE RAVEL
Daphnis et Chloé (Balé completo)

2 SET
QUI 20H
CARNAÚBA

3 SET
SEX 20H
PAINEIRA

4 SET
SÁB 16H30
IMBUIA

**Sala
São
Paulo**

Há momentos em que a afirmação da vida nasce justamente da capacidade de acolher suas contradições.

No *Concerto para violino*, Beethoven constrói uma música em que a energia e a delicadeza convivem desde o início. Os cinco golpes regulares dos tímpanos que abrem o primeiro movimento parecem simples demais para anunciar uma obra dessa dimensão; mas o violino, entrando com uma linha longa e lírica, alterna ímpeto, solenidade e passagens de grande intimidade.

Em *Daphnis et Chloé*, baseado no romance pastoril de Longo, acompanhamos o amor entre dois jovens em um mundo povoado por ninfas, piratas e pela presença dos deuses. A natureza está em toda parte, ela pulsa, ameaça, seduz e participa da ação. Assim falou *Zaratustra*, de Nietzsche, começa ao amanhecer, com o profeta saudando o sol; *Daphnis* faz exatamente isso em som e responde ao amanhecer com uma dança coletiva desenfreada. Depois da noite, do medo e da separação, a música reencontra o corpo, a dança e o desejo.

Em Beethoven, a vida se afirma pela passagem entre gravidade e alegria; em Ravel, pela força do amor, da natureza e da dança. O “sim” deste programa está justamente nessa capacidade de seguir adiante sem apagar o que ficou para trás.

Coro da Osesp
Thomas Blunt regente

KO MATSUSHITA
O lux beata Trinitas
[Ó luz, bem-aventurada Trindade]

JEKABS JANCEVSKIS
O lux beata Trinitas
[Ó luz, bem-aventurada Trindade]

ALBERTO GRAU
Salve al celeste sol sonoro

SOUMIK DATTA
Awaaz [Voz]

A luz é o ponto de partida deste programa.

As duas primeiras peças ilustram o mesmo hino latino, dedicado à Santíssima Trindade. Na versão de Ko Matsushita o texto é tratado *a cappella*, em uma escrita para oito vozes que explora a riqueza harmônica do conjunto. A obra de Jancevskis retoma o hino e associa o texto litúrgico a um episódio da história medieval da Letônia, no qual, durante um cerco, um sacerdote começou a tocar e cantar junto às muralhas, levando os atacantes a interromper o combate.



5 SET
DOM 18H
CORAIS

Estação
Motiva
Cultural

Em *Salve al celeste sol sonoro*, Grau volta-se à poesia de Rubén Darío e para o sol como fonte de luz e energia. O coro é acompanhado por percussão corporal, produzida pelos próprios cantores, e por dois solistas, fazendo do gesto uma parte essencial da música. A luminosidade evocada pelo poema ganha assim uma presença física.

Em *Awaaz*, de Soumik Datta, escrita para marcar os 75 anos da independência da Índia, a Partição de 1947 é vista por meio de fragmentos de hindi, urdu e bengali. Awaaz nasce justamente da tentativa de reconstruir a linguagem depois de sua fragmentação.



Osesp

Thierry Fischer regente

Jean-Guihen Queyras violoncelo

RICHARD WAGNER

O idílio de Siegfried

EDWARD ELGAR

Concerto para violoncelo em Mi menor, Op. 85

CAMARGO GUARNIERI

Sinfonia n.º 2 — Uirapuru

Há um “sim à vida” que se manifesta na intimidade. Na manhã de Natal de 1870, em sua Villa de Tribschen, Wagner reuniu quinze músicos na escada da casa para surpreender a esposa Cosima com uma obra que havia composto em segredo. Regeu do corredor, diante de uma única ouvinte. *O idílio de Siegfried*, concebido originalmente como presente privado, conserva algo dessa circunstância doméstica e afetuosa.

Composto pouco depois do fim da Primeira Guerra Mundial, o *Concerto para violoncelo*, de Elgar, nasceu num momento em que o compositor sentia que o mundo que conhecera havia desaparecido. O violoncelo entra sozinho com acordes que têm algo de declaração e de confissão, alternando lirismo, tensão e recolhimento. Elgar não celebra o mundo perdido, mas tampouco o rejeita; ele o visita sabendo que acabou. É a forma mais difícil de dizer sim.

Uirapuru remete a um pássaro da Amazônia conhecido por seu canto singular, cercado de histórias e crenças populares que tratam de morte, redenção e aceitação. Também escrita ao final de uma guerra, a *Sinfonia n.º 2* de Guarnieri reúne vigor rítmico, lirismo e energia festiva, encontrando na imaginação sonora uma fonte de movimento. A obra destaca em primeiro plano o impulso, a cor e a vitalidade, dando aos sopros solos de uma beleza ímpar.



9 SET
QUI 20H
CEDRO

10 SET
SEX 14H30
**OSESP DUAS
E TRINTA**

11 SET
SÁB 16H30
MOGNO

**Sala
São
Paulo**



Osesp
Coro da Osesp
Coro Infantil da Osesp
Leonardo García-Alarcón regente
Valerio Contaldo tenor (Evangelista)
Andreas Wolf baixo (Jesus)
Sophie Junker soprano
Hugh Cutting contratenor
Laurence Kilsby tenor (Árias)
Alex Rosen baixo (Árias)
Adrià Gràcia Gàlvez órgão

16 SET
QUI 20H
JACARANDÁ

17 SET
SEX 20H
PEQUIÁ

18 SET
SÁB 16H30
IPÊ

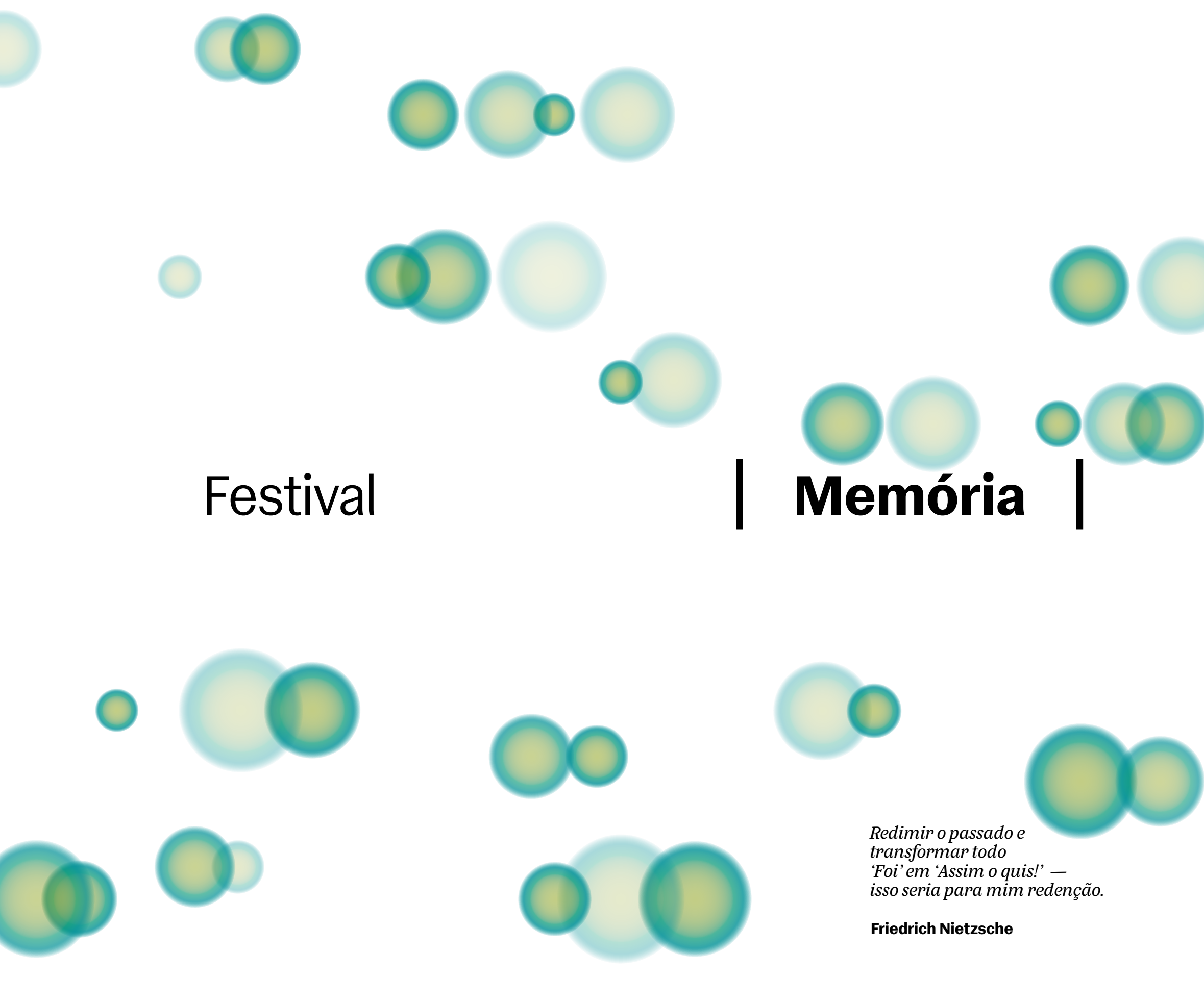
Sala
São
Paulo

JOHANN SEBASTIAN BACH
Paixão segundo São Mateus, BWV 244

Nietzsche percebeu na música de Bach uma força que ultrapassava a religião que lhe dera origem. Em abril de 1870, depois de ouvir a *Paixão*, o filósofo escreveu a Erwin Rohde que quem havia esquecido completamente o Cristianismo poderia senti-la verdadeiramente como um Evangelho. Seu impacto estava na própria experiência humana que a obra encena: traição, abandono, sofrimento, compaixão, morte.

Bach constrói essa experiência a partir do *Evangelho segundo São Mateus*, dos poemas de Picander e de corais conhecidos pelos fiéis de Leipzig. A narrativa bíblica avança nos recitativos, enquanto as árias interrompem a ação para comentar o que acabou de acontecer e expor os sentimentos aflorados. É nesses momentos mais emotivos que a música parece penetrar onde as palavras já não alcançam. No momento da morte de Jesus, se rompe a sonoridade que até então o distinguia das demais personagens. A “aura” angelical das cordas desaparece. Por um instante, o divino encontra o humano na experiência extrema do abandono.

Esquecida por décadas, foi reapresentada por Mendelssohn em 1829 e voltou a ocupar um lugar central na música ocidental. Afirmar a vida, nessa obra, não significa negar a dor ou a morte, mas atravessá-las e encontrar, na música, um alimento para a alma.

The background of the entire page is decorated with numerous circles of varying sizes. These circles have a teal outer ring and a yellow-green center, creating a bokeh-like effect. They are scattered across the white background, with some appearing in clusters and others in isolation.

Festival

| **Memória** |

*Redimir o passado e
transformar todo
'Foi' em 'Assim o quis!' —
isso seria para mim redenção.*

Friedrich Nietzsche

Há coisas que passam e, no entanto, deixam rastros. Pessoas que já não estão conosco, lugares aos quais não podemos voltar, acontecimentos que terminaram, mas continuam a nos assombrar ou encantar. Como numa partitura em que diferentes vozes se sobrepõem, tempos distintos podem coexistir dentro de nós. Experiências antigas não desaparecem necessariamente sob as que vieram depois. Às vezes escondem-se numa camada mais profunda, à espera de que alguma imagem, voz ou melodia lhes confira nitidez.

Lembrar não é apenas arquivar informações sobre o passado. É carregar marcas, afetos, imagens e sons que continuam a atuar sobre nós, às vezes sem percebermos. Mas nem tudo permanece da mesma maneira. A memória escolhe. Esquece detalhes, conserva outros, aproxima acontecimentos distantes e pode tornar insignificante o que um dia pareceu essencial. Talvez seja justamente essa imperfeição que a torne tão humana. Nossa identidade é atravessada por essas escolhas involuntárias, pelo que preservamos e pelo que se esvai no olvido. A música é uma das formas mais poderosas de memória porque não precisa explicitar seus mecanismos. Um tema que retorna, uma melodia interrompida, uma citação, uma dedicatória ou simplesmente uma sonoridade podem fazer surgir a sensação de algo que já não está presente.

Die Seejungfrau, de Zemlinsky, *Fantaisie variée*, de Nadia Boulanger, e *Réquiem para orquestra de cordas*, de Takemitsu, revisitam diferentes histórias de perda e sobrevivência. Em Bartók, a memória assume a forma de uma despedida, entre ecos de Beethoven, os sons da natureza e a distância de sua terra natal. *Innsmouth*, de Sofia Avramidou, transforma uma antiga salmodia em matéria musical, como uma herança que se deforma sem desaparecer de todo. A *Sinfonia alpina*, de Strauss, retoma um episódio da juventude. *Swim*, de Cassandra Miller, traz à tona vestígios de Schumann. Na *Fantasia para saxofone e orquestra*, Villa-Lobos acrescenta à memória musical brasileira uma linguagem marcada pelas suas próprias referências, enquanto as *Variações enigma*, de Elgar, transformam pessoas próximas ao compositor em retratos cheios de vida.

O passado permanece como uma matéria com a qual continuamos a conviver. Há acontecimentos que não podemos modificar, mas podemos voltar a eles com outros olhos, reconhecendo neles aquilo que nos constitui. O “foi” de Nietzsche deixa então de ser apenas o que ficou para trás. Antes, torna-se parte da história que ainda estamos escrevendo.





Ricardo Bernardes órgão e direção musical [Convidado]
Anna Carolina Moura soprano
Marina Pereira soprano
Fabiana Portas alto
Léa Lacerda alto
Fábio Vianna Peres tenor
Ruben Araújo tenor
Aldo Duarte baixo
João Vitor Ladeira baixo
Amanda Martins violino barroco
Irina Kodin violino barroco
Romeu Rabelo fagote barroco
Alexandre Rosa contrabaixo barroco

JOÃO RODRIGUES ESTEVES
Missa a oito vozes e contínuo

FRANCISCO ANTÓNIO DE ALMEIDA
Oratório "La Giuditta": Seleção de árias

DAVIDE PEREZ
Allegro em Sol menor para cordas e contínuo

FRANCESCO DURANTE
Magnificat a quatro vozes em Si bemol maior

ANDRÉ DA SILVA GOMES
Responsórios para a Semana Santa: Excertos



26 SET
DOM 18H
CÂMARA

**Estação
Motiva
Cultural**

A música barroca atravessou fronteiras com extraordinária facilidade. Compositores viajavam, estudavam em outros centros, levavam consigo modelos e procedimentos e, ao retornar, os adaptavam a novas circunstâncias. Este programa reúne obras que permitem acompanhar parte dessa circulação entre Itália, Portugal e Brasil, aproximando quatro cidades particularmente importantes para a história musical do período.

Esteves e Almeida foram enviados por D. João V a Roma para aperfeiçoar sua formação. O italiano Davide Perez chegou a Lisboa em 1752 e ali desenvolveu parte importante de sua carreira, ligado à corte de D. José I. Francesco Durante, por sua vez, foi professor nos conservatórios de Nápoles, formando uma geração de compositores entre os quais Pergolesi e Piccinni.

Nascido em Lisboa, André da Silva Gomes chegou ao Brasil em 1774 e tornou-se mestre de capela da Sé de São Paulo, onde sua produção incorporou modelos europeus às práticas musicais locais. Seus *Responsórios para a Semana Santa* fazem parte de um repertório sacro que permaneceu em manuscritos e só muito mais tarde voltou a ser estudado e executado.



Osesp
Kevin John Edusei regente
Alexandra Dariescu piano

TORU TAKEMITSU
Réquiem para orquestra de cordas (1957)
NADIA BOULANGER
Fantaisie variée [Fantasia variada]
ALEXANDER VON ZEMLINSKY
Die Seejungfrau [A sereia]

30 SET
QUI 20H
CEDRO

1 OUT
SEX 14H30
**OSES P DUAS
E TRINTA**

2 OUT
SÁB 16H30
MOGNO

**Sala
São
Paulo**

A memória não se limita a conservar o que aconteceu. Ela também pode devolver presença ao que parecia definitivamente desaparecido.

Toru Takemitsu tinha 26 anos quando escreveu seu *Réquiem para orquestra de cordas*, em 1957. A obra começou sem destinatário, mas aos poucos foi se tornando uma homenagem a Fumio Hayasaka, compositor das trilhas de Akira Kurosawa, morto dois anos antes.

Escrita na juventude de Nadia Boulanger, que depois da morte da irmã Lili, abandonaria a criação para dedicar-se ao ensino, *Fantaisie variée* permaneceu à margem das salas de concerto. Sua primeira apresentação na América Latina, mais de cem anos depois, restituiu aos palcos a parte esquecida da trajetória de uma das figuras mais influentes da música do século XX.

Em *Die Seejungfrau*, escrita por Zemlinsky pouco depois de perder sua amada Alma para Mahler, a frustração emocional parece ter afetado até mesmo o destino da obra. Inspirada no conto de Andersen, a fantasia sinfônica evoca a personagem que oferece a própria voz em troca do amor, e nem assim logra alcançar a felicidade. Depois de algumas apresentações, o compositor retirou a obra de circulação e separou seus movimentos. O material se dispersou, e a partitura completa só viria a ser reconstituída em 1984.

3 OUT
DOM 18H
RECITAIS

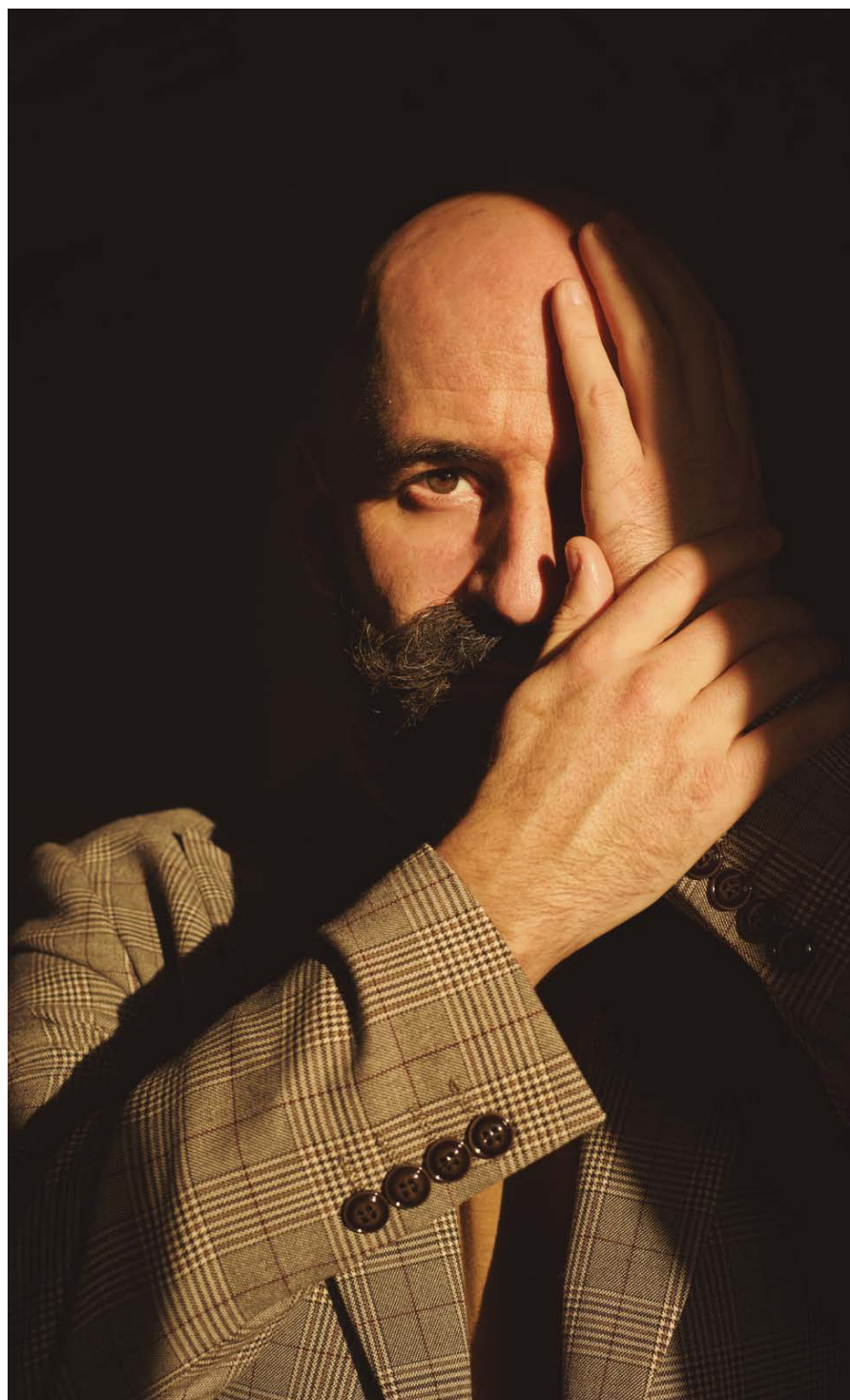
**Estação
Motiva
Cultural**

Bertrand Chamayou piano

Programa a ser anunciado.

Bertrand Chamayou se destaca entre os pianistas franceses de sua geração pela amplitude do trabalho como recitalista e pela atenção que dedica à criação contemporânea. Sua relação com Ravel ocupa lugar central em sua trajetória, desde a gravação da obra completa para piano, distinguida com um ECHO Klassik, até a atuação, desde 2021, como codiretor artístico do Festival Ravel e da Academia Ravel, no País Basco francês. Chamayou trabalhou diretamente com Pierre Boulez, Henri Dutilleux, György Kurtág, Thomas Adès e Michaël Jarrell, que lhe dedicou seu concerto para piano. Em 2024, lançou *Cage²*, projeto que prolonga sua pesquisa sobre a relação entre John Cage e Erik Satie. Em 2022, lançou a gravação integral dos *Vingt regards sur l'Enfant-Jésus*, de Messiaen, obra que influenciou profundamente sua maneira de tocar e sua abordagem como intérprete.





Osesp
Pierre Bleuse regente
Bertrand Chamayou piano

SOFIA AVRAMIDOU
Innsmouth — para orquestra sinfônica
BÉLA BARTÓK
Concerto para piano n.º 3 em Mi maior
RICHARD STRAUSS
Sinfonia alpina, Op. 64

7 OUT
QUI 20H
JACARANDÁ

8 OUT
SEX 20H
PEQUIÁ

9 OUT
SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
São
Paulo**

Uma lembrança da adolescência está na origem da *Sinfonia alpina*: a escalada em que Strauss e seus companheiros foram surpreendidos por uma tempestade. Décadas depois, o compositor pensou em chamá-la *O Anticristo*, numa referência explícita a Nietzsche. O título foi abandonado, mas permaneceu a lembrança daquela montanha, agora transformada em grande narrativa orquestral.

Escrito no exílio durante os últimos meses de vida de Bartók, o *Concerto para piano n.º 3* foi concebido como presente para sua mulher, Ditta. Ele morreu antes de concluir a partitura, e os dezessete compassos finais foram completados pelo amigo Tibor Serly. Ritmos de dança húngara evocam a lembrança, mais íntima e distante, da terra natal: refugiado nos Estados Unidos, Bartók reencontra na música uma pátria à qual nunca mais poderia voltar.

Em *Innsmouth*, de Sofia Avramidou, a memória assume um aspecto inquietante. Inspirada no conto A sombra sobre Innsmouth, de H. P. Lovecraft, em que o narrador investiga uma cidade decadente e descobre que a linhagem monstruosa que desvenda é a sua própria, a obra parte de uma antiga salmodia aramaica. O canto, inicialmente simples, vai se deformando até tornar-se grito, como se uma voz muito antiga reaparecesse, insidiosa e ameaçadora.



Osesp
Tianyi Lu regente
Steven Banks saxofone

CASSANDRA MILLER
Swim [Nadar]

HEITOR VILLA-LOBOS
Fantasia para saxofone e orquestra

DARIUS MILHAUD
Scaramouche — para saxofone alto e orquestra, Op. 165c

EDWARD ELGAR
Variações enigma

Em *Swim*, Cassandra Miller imagina Robert Schumann nadando. Mas não no Reno, rio em que o compositor se lançou em 1854, numa tentativa de suicídio, e sim num lago canadense. A peça nasceu em relação direta com a *Sinfonia n.º 3 — Renana*, de Schumann, derivando o coral de metais do quarto movimento, que Miller retira do contexto e faz reaparecer sob outra roupagem. Miller baseou a obra também na poesia de Anne Carson, e é dessa sobreposição de memórias que surge sua imagem central.

A *Fantasia para saxofone*, de Villa-Lobos, acrescenta outra faceta à memória: a de uma linguagem que reúne referências diversas sem se submeter a um único modelo. A obra explora as possibilidades virtuosísticas e cantáveis do instrumento pelo qual o compositor tinha particular carinho e que na época não estava ainda muito incorporado à escrita sinfônica.



Em *Variações enigma*, Edward Elgar constrói uma espécie de álbum musical de suas relações pessoais. O tema inicial dá origem a 14 variações, cada uma associada a alguém de seu círculo íntimo, identificado por iniciais, apelidos ou dedicatórias. Há, porém, uma ausência no centro da obra. Elgar afirmou que um “tema maior” atravessava toda a composição sem jamais ser ouvido. Nunca revelou qual era.

14 OUT
QUI 20H
CARNAÚBA

15 OUT
SEX 20H
PAINEIRA

16 OUT
SÁB 16H30
IMBUIA

**Sala
São
Paulo**

17 OUT
DOM 18H
RECITAIS

**Estação
Motiva
Cultural**

Programa a ser anunciado.

Steven Banks saxofone
Davi Graton violino
Tatiana Vinogradova violino
Sarah Pires viola
Heloísa Meirelles violoncelo

Saxofonista e compositor norte-americano, Steven Banks combina excelência técnica, interesse pela criação contemporânea e empenho em ampliar o lugar do saxofone na música de concerto. Sua trajetória inclui apresentações em importantes salas e festivais, além de colaborações com orquestras e regentes como Stéphane Denève, Jonathan Heyward, Manfred Honeck, Cristian Măcelaru, Peter Oundjian e Rafael Payare. A composição ocupa lugar central em sua identidade artística. Banks trabalha em estreita colaboração com criadores de diferentes universos musicais, entre eles o compositor Billy Childs, contribuindo para a expansão de uma literatura que articula tradição, imaginação tímbrica e linguagens inéditas. Em 2026, lançou seu álbum de estreia, *Cries, Sighs, and Dreams*, projeto que reúne sua dupla atuação como intérprete e compositor e apresenta o saxofone clássico como instrumento capaz de sustentar narrativas íntimas, contrastes dramáticos e grande variedade de cores.

Reforma e revolução

Coro da Osesp
Stephen Layton regente

24 OUT
DOM 18H
CORAIS

**Estação
Motiva
Cultural**

UGIS PRAULINS
Kyrie [Senhor, tende piedade]

WILLIAM BYRD
Ave verum corpus
[Ave, verdadeiro corpo]

UGIS PRAULINS
Gloria [Glória]

THOMAS TALLIS
Salvator Mundi
[Salvador do Mundo]

MAIJA EINFELDE
Lugsana [Oração]

UGIS PRAULINS
Credo [Creio]

VYTAUTAS MISKINIS
Angelis suis Deus [Deus dará
ordens aos seus anjos]

UGIS PRAULINS
Sanctus [Santo]

THOMAS TALLIS
Why fumeth in sight [Por que
se enfurecem as nações]

PAWEL LUKASZEWSKI
Nunc Dimittis
[Agora, Senhor, podes despedir]

UGIS PRAULINS
Agnus Dei [Cordeiro de Deus]

THOMAS TALLIS
If ye love me [Se me amais]

ERIKS ESENVALDS
Salutation [Saudação]

Na música ocidental, poucas formações atravessaram tantos séculos quanto o coro. Este programa reúne obras inglesas do século XVI e composições de autores bálticos do nosso tempo, aproximadas pelo uso da voz sem acompanhamento e pela referência a textos religiosos.

Byrd e Tallis são do período em que a música sacra inglesa atravessava profundas mudanças. O *Ave verum corpus* de Byrd pertence à produção católica tardia do compositor, enquanto *Salvator Mundi* e *If ye love me*, de Tallis, e *Why fumeth in sight*, baseado no Salmo 2, estão ligados ao repertório em língua latina ou inglesa produzido durante a Reforma.

Mais de quatro séculos depois, Praulins retoma a forma tradicional da missa, combinando polifonia, homofonia e recursos rítmicos contemporâneos. Em *Lugsana*, Einfelde utiliza um poema de Frídis Barda e faz da oração uma experiência de harmonias cromáticas e textura coral. *Angelis suis Deus*, de Miskinis, parte de um versículo do Evangelho de Lucas, enquanto *Nunc Dimittis*, de Lukaszewski, retoma o cântico de Simeão, cujo texto fala de despedida, paz e espera. No final, *Salutation*, de Esenvalds, se baseia num poema de Rabindranath Tagore que associa a saudação dirigida a Deus à imagem de uma vida que retorna, ao fim, à sua morada eterna.



Festival

**O eterno
retorno**

*Tudo vem, tudo retorna;
rola eternamente a roda do ser.*

Friedrich Nietzsche

O eterno retorno

Chegamos ao fim apenas para descobrir que ele pode ser o começo de outro ciclo.

O eterno retorno é uma das imagens mais radicais do pensamento de Nietzsche. Mais do que imaginar um universo em que os acontecimentos se repetem infinitamente, Nietzsche nos põe diante de uma pergunta dirigida à própria existência. Se tivéssemos de viver novamente tudo o que já vivemos – cada alegria, cada perda, cada erro, cada encontro, cada escolha – seríamos capazes de querer essa vida outra vez, inteira, sem retirar dela o que nos feriu?

Depois do trajeto realizado pela Temporada, a pergunta ganha um peso particular. Passamos pelo nascimento e pela perda, pelo recomeço e pelo movimento, pelo triunfo e pela descoberta de nós mesmos, pela paz, pela memória e pelo consentimento à própria vida. O que aconteceria se tivéssemos de percorrer novamente esse caminho?

A música reflete muito bem essa lógica. Um tema pode desaparecer durante muitos compassos e reaparecer depois de atravessar outras tonalidades, outras texturas, outras formas de tensão. Reconhecemos sua identidade, mas nossa escuta já foi transformada pelo caminho. Em *Slip*, de Andrew Norman, o retorno se manifesta no próprio caráter da música, em que materiais e gestos parecem escorregar, reaparecer e ganhar novos contornos. Em *Assim falou Zaratustra*, de Richard Strauss, o retorno assume uma dimensão ainda mais inquietante. A música não oferece resposta definitiva. O enigma permanece aberto, como se o fim fosse precisamente o ponto em que a pergunta recomeça.

A *Sinfonia nº 8* de Mahler aborda essa questão diante de uma concepção muito diferente do tempo. Reunindo o hino medieval *Veni creator spiritus* e a cena final do *Fausto* de Goethe, a obra se dirige para uma ideia de transcendência em que o transitório encontra seu sentido no eterno. O retorno, aqui, não é repetição do que foi, mas aspiração ao que permanece. É uma resposta bem diferente da de Nietzsche e, justamente por isso, ilumina uma das grandes questões deste último festival: o que, afinal, desejamos reencontrar na eternidade?

Talvez seja esse o gesto final da Temporada: não fechar um percurso, mas deixá-lo disponível para outra volta. As obras terminam, os concertos terminam, a temporada termina. A boa música, porém, retorna sempre. E nós também voltaremos a ela, inevitavelmente diferentes de quando a ouvimos pela primeira vez.





Osesp
Thierry Fischer regente
Jörgen van Rijen trombone

JOSEPH HAYDN
Sinfonia n.º 47 em Sol maior

ANDREW NORMAN
Slip — Concerto para trombone e orquestra
 [Coencomenda Osesp, Sinfônicas de Dallas e da
 Nova Zelândia | Estreia brasileira]

RICHARD STRAUSS
Assim falou Zaratustra

28 OUT
 QUI 20H
CEDRO

29 OUT
 SEX 14H30
**OSESP DUAS
 E TRINTA**

30 OUT
 SÁB 16H30
MOGNO

**Sala
 São
 Paulo**

Entre o ímpeto do primeiro movimento, a elegância serena do segundo, o jogo espirituoso do “Menuetto” e a vivacidade do “Presto”, a *Sinfonia n.º 47* revela o humor e a inventividade de Haydn. O terceiro movimento guarda uma das brincadeiras mais engenhosas da música: depois de executada a primeira metade, a segunda repete exatamente suas notas em ordem inversa. Em Haydn, o retorno não é uma metáfora: está escrito na partitura e pode ser ouvido.

No novo concerto de Andrew Norman, *Slip*, dedicado a Jörgen van Rijen, a relação com o retorno é de outra natureza. O próprio título sugere um movimento de deslizamento, e o trombone, com sua capacidade singular de ligar alturas por meio do movimento contínuo da vara, que avança e retorna, ocupa o centro da escrita.

Strauss dialogou intensamente, ao longo de sua carreira, com a obra de Nietzsche. Em *Assim falou Zaratustra*, baseado na obra homônima, o poema sinfônico se organiza em seções cujos títulos remetem a ideias nele expostas. Quando a obra chega ao fim, Strauss não oferece uma conclusão tranquilizadora, as tonalidades de Si maior e Dó maior ficando sem resolução. O enigma do mundo não se fecha, mas volta a se abrir. É o final mais fiel a Nietzsche que a música já produziu.



O eterno retorno

31 OUT
DOM 18H
CÂMARA

**Estação
Motiva
Cultural**

Sérgio Burgani clarinete
Matthew Thorpe violino
Maria Angélica Cameron viola
Heloísa Meirelles violoncelo
Ricardo Ballesterio piano [Convidado]

JOHANNES BRAHMS

Trio para clarinete em Lá menor, Op. 114

ERNST VON DOHNÁNYI

Serenata para trio de cordas em Dó maior, Op. 10

LOUISE HÉRITTE-VIARDOT

Quarteto n.º 1 em Lá maior, Op. 9

O *Trio para clarinete*, de Brahms, é de um período em que o compositor, já maduro, voltou-se novamente para o instrumento depois de ouvir o virtuose Richard Mühlfeld. A obra explora com particular delicadeza a relação entre clarinete, violoncelo e piano. O “Adagio” central, de lirismo contido, contrasta com a energia do primeiro e do último movimentos.

Aproximadamente uma década depois, Dohnányi escreveria sua *Serenata*. O compositor tinha então pouco mais de 25 anos, mas sua música já revelava domínio da tradição e gosto por procedimentos elaborados. A obra alterna marcha, romance e scherzo antes de chegar às variações sobre um tema e ao “Rondo” final. A presença de formas antigas convive com uma linguagem harmônica mais próxima de seu tempo.

O *Quarteto n.º 1 em Lá maior*, de Héritte-Viardot, foi por ela chamado de *No verão*. Cada movimento é organizado em torno de uma cena evocada pelos títulos, da manhã na floresta ao entardecer sob o carvalho. A música é apaixonada e imaginativa, cheia de gestos delicados e linhas expressivas, bem ao gosto do Romantismo. Pianista, compositora e professora, Louise pertencia a uma família central na vida musical europeia do século XIX, mas sua própria produção ainda espera a valorização que merece.

Triunfo e redenção

21 NOV
DOM 18H
CORAIS

**Estação
Motiva
Cultural**

Coro da Osesp
Thomas Blunt regente

PATRICK GOWERS
Viri Galilaei [Homens da Galileia]
ALFRED SCHNITTKE
Concerto para coro

Viri Galilaei, de Gowers, foi escrita para a sagração de Richard Harries como bispo de Oxford, em 1987. O título vem das palavras dirigidas aos discípulos após a Ascensão de Cristo, no início dos Atos dos Apóstolos. Gowers combina esse texto litúrgico com versos do hino *See the conqueror mounts in triumph*, do poeta Christopher Wordsworth. A obra foi concebida para dois coros e dois órgãos e alterna momentos de grande intensidade sonora com passagens de caráter mais contemplativo. O órgão tem papel especialmente expressivo, desde as figurações luminosas da abertura até a conclusão, que evoca musicalmente a ascensão.

O *Concerto para coro*, de Schnittke, por sua vez, se vale de uma fonte bem diferente. Seu texto é extraído do *Livro das lamentações*, de Gregório de Narek, monge e poeta armênio do século X, em tradução russa de Naum Grebnev. A sucessão dos movimentos conduz de uma invocação a Deus à expressão da dor humana e, finalmente, à esperança. Schnittke aproxima essa visão espiritual de uma escrita coral profundamente ligada à tradição ortodoxa russa, mas sem abandonar a linguagem harmônica do século XX. O contraste entre a densidade dos acordes, a expansão das linhas vocais e os momentos de extrema concentração dá à obra o impacto de uma oração.

José Antonio López barítono

Programa a ser anunciado.



Nascido em Lorquí, na região de Múrcia, o barítono José Antonio López tem na canção de concerto um dos eixos centrais de sua trajetória. Presença recorrente no Ciclo de Lied do Centro Nacional de Difusión Musical, em Madri, uma das principais séries do gênero na Espanha, sua discografia revela outra faceta de seu trabalho. Em *The Guerra Manuscript, Vol. 5*, lançado pela Naxos, López interpreta canções profanas do século XVII com o conjunto Ars Atlántica, dirigido pelo harpista Manuel Vilas, em repertório extraído de uma coleção reunida por José Miguel de Guerra, copista da Capela Real. López já gravou para os selos Deutsche Grammophon, Harmonia Mundi, Naxos e Chandos. Entre seus registros mais recentes está *El retablo de Maese Pedro*, de Manuel de Falla, lançado pela Harmonia Mundi em 2024.



Osesp
Coro da Osesp
Coro Acadêmico da Osesp
Coral Jovem do Estado de São Paulo
Coro Contemporâneo de Campinas
Coro Infantil da Osesp
Thierry Fischer regente
Iwona Sobotka soprano (Magna Peccatrix)
Sarah Wegener soprano (Una poenitentium)
Christine Rice mezzo soprano (Mulier Samaritana)
Stefanie Iranyi mezzo soprano (Maria Aegyptiaca)
José Antonio López barítono (Pater Ecstaticus)

2 DEZ
 QUI 20H
JACARANDÁ

3 DEZ
 SEX 20H
PEQUIÁ

4 DEZ
 SÁB 16H30
IPÊ

**Sala
 São
 Paulo**

GUSTAV MAHLER
Sinfonia n.º 8 em Mi bemol maior — Sinfonia dos mil

A *Sinfonia n.º 8* ocupa um lugar singular na obra de Gustav Mahler. Escrita num único verão, ela reúne dois textos separados por muitos séculos e por naturezas muito distintas. A primeira parte transforma o hino medieval *Veni creator spiritus* em uma gigantesca afirmação sonora do espírito criador. A segunda conduz a música ao final do *Fausto II*, de Goethe, onde a redenção se associa àquilo que é eterno.

A memória também está presente nesse retorno. Depois de três sinfonias puramente instrumentais, Mahler recupera a presença da voz e da palavra que havia marcado suas primeiras obras sinfônicas. O passado reaparece, porém, transformado por uma linguagem de escala monumental.

A *Sinfonia* de Mahler, contudo, não apresenta a redenção como conclusão privada. Seu escopo exige uma coletividade excepcional de músicos e cantores. A estreia, em Munique, reuniu mais de mil participantes e deu origem ao epíteto *Sinfonia dos mil*. Sua presença na programação sublinha também um aspecto pragmático deste retorno: uma obra que, pela própria escala descomunal, raramente pode ser apresentada, volta a ocupar o palco e a fazer ressoar, no presente, uma ideia de transcendência concebida há mais de um século.



Encerramento da Temporada 2027

Osesp

Coro da Osesp

Thierry Fischer regente

Hera Hyesang Park soprano

Luisa Francesconi mezzo soprano

Lunga Eric Hallam tenor

Roderick Williams barítono

Gringo Cardia direção cênica

GEORG FRIEDRICH HÄNDEL
Messias, HWV 56: Seleção

O *Messias* de Händel não conta uma história linear como costuma acontecer com os oratórios. O libretista, Charles Jennens, reuniu passagens do Antigo e do Novo Testamento e as organizou como uma reflexão sobre a promessa, a vinda de Cristo, o sofrimento, a morte e a redenção. O passado bíblico reaparece em sucessivas imagens e palavras, que a música reúne num presente sempre renovado.

Essa relação com o tempo está inscrita na própria estrutura da obra. Profecias anunciam acontecimentos que ainda não ocorreram, episódios já conhecidos são evocados e, na parte final, a morte é confrontada com a promessa da ressurreição. O que foi anunciado retorna, o que aconteceu é novamente lembrado. A música de Händel reforça essa percepção por meio da recorrência de motivos, ritmos e fórmulas, enquanto os grandes coros dão ao texto um peso especial.

Há ainda outro tipo de retorno na história do *Messias*. Depois de sua estreia em Dublin, a obra foi retomada em Londres e passou gradualmente a ocupar um lugar especial na vida musical inglesa. As apresentações ligadas a instituições de caridade contribuíram para consolidar sua presença pública, e o oratório atravessou os séculos sem deixar de ser retomado por novas gerações de intérpretes e ouvintes.

Como um ritual, a obra retorna a cada final de ano porque é lembrada, reconhecida e se tornou parte da memória afetiva de todos nós.



16 DEZ
QUI 20H
CARNAÚBA

17 DEZ
SEX 20H
PAINEIRA

18 DEZ
SÁB 16H30
IMBUIA

Sala
São
Paulo

Diga sim à música.

Assine a Temporada 2027.

A Osesp convida você para uma travessia. Nove festivais reúnem no palco diferentes repertórios, artistas e ideias. Garanta seu lugar com benefícios exclusivos para todo o ano.

Só Assinante Osesp tem:

20% de desconto no valor do ingresso*

Isenção da taxa de conveniência na compra de Assinaturas

Parcelamento em até 12x sem juros no cartão de crédito

Troca de ingressos não utilizados por créditos

Transferência de ingressos para amigos ou familiares

Ingressos entregues em casa sem custo adicional

Mesmo assento em todos os concertos**

Prioridade para renovação de assinatura para a Temporada 2028

Venda antecipada para concertos especiais selecionados **|Novo|**

* Desconto válido até 29/12/2026, não cumulativo com meia-entrada.

** Válido apenas para Assinantes de Séries Fixas.

Escolha seu caminho na Temporada 2027

Séries Fixas

Assista aos concertos em um mesmo assento ao longo do ano, com uma seleção de datas organizada pela Osesp. São oito opções de Séries Sinfônicas – nomeadas em homenagem a árvores brasileiras –, além das séries Corais, Recitais e Câmara.

p. 150

Sinfônicas

Percorrendo os nove festivais do ano, Orquestra, maestro Thierry Fischer e regentes e solistas convidados interpretam obras de vários períodos e estilos. São as séries Jacarandá, Pequiá, Ipê, Carnaúba, Paineira, Imbuia, Cedro e Mogno.

Câmara

Integrantes da Orquestra e do Coro se reúnem, revelando a sensibilidade das pequenas formações e novas possibilidades de ouvir a música.

Corais

Além de subir ao palco junto à Orquestra em concertos sinfônicos, o Coro realiza sua própria série em apresentações *a cappella* ou com acompanhamento instrumental, abraçando a pluralidade do universo vocal.

Recitais

Grandes convidados da Temporada no centro do palco, em programas que permitem ouvir cada intérprete de maneira íntima e única.

Séries Flexíveis

Planeje o ano de acordo com a sua agenda e suas preferências musicais. Crie uma seleção de no mínimo quatro concertos, escolhendo as datas e assentos que preferir.

Dúvidas sobre quais concertos escolher? Confira nossas sugestões de Séries Temáticas.

Uma seleção de programas reunidos por diferentes temas, como compositores e instrumentos solistas.

p. 160

Assine agora!



osesp.art.br

WhatsApp e telefone

(11) 5039-8723 – todos os dias, das 9h às 20h.

Como assinar?

Pré-venda exclusiva para Assinantes

Assinantes de **2026** têm prioridade para garantir seu lugar na Temporada **2027**. Aproveite este momento para renovar ou trocar sua série e assento, ou adquirir novos pacotes.

Renovação de Assinaturas Fixas

De 29 de outubro (14h) a 15 de novembro de 2026

Apenas para Assinantes que desejam manter as mesmas séries para a nova Temporada. Se deseja trocar de assento, basta renovar sua assinatura e fazer a troca posteriormente.

Assinantes que desejam trocar de série não devem renovar sua assinatura.

Atenção! Após este período, os assentos não renovados serão liberados para venda.

Trocas e novas Assinaturas Fixas

De 16 a 22 de novembro de 2026

Nesta etapa, você pode adquirir novas séries fixas, seja para mudar de série ou ampliar sua assinatura.

Assinantes que já renovaram também podem realizar a troca de assento, sendo cobrada a diferença para valores superiores. Havendo algum valor a devolver, ele será convertido em crédito para uso nas programações da Fundação Osesp em 2027.

Depois de confirmar a troca, não será possível fazer novas alterações.

Renovação de Assinaturas Flexíveis

De 1 a 7 de dezembro de 2026

Aqui é o momento de atualizar sua série flexível para a nova Temporada. Monte uma assinatura do seu jeito e garanta seus assentos.

Abertura geral de vendas

Nesta etapa, você pode escolher entre séries fixas ou flexíveis. Confira os concertos, obras e artistas convidados da Temporada 2027 e escolha a assinatura que mais combina com você.

Novas Assinaturas Fixas

De 23 de novembro a 31 de dezembro de 2026

Novas Assinaturas Flexíveis

De 8 a 31 de dezembro de 2026

JACARANDÁ

QUI 20H

PEQUIÁ

SEX 20H

IPÊ

SÁB 16H30

MAR

4 QUI
20H

5 SEX
20H

6 SÁB
16H30

Nascido do caos:
a “Criação” da
travessia

Osesp
Coro
Fischer regente
Vozes solistas

AGO

19 QUI
20H

20 SEX
20H

21 SÁB
16H30

Paz: o movimento
das águas calmas

Osesp
Denève regente
Weilerstein violoncelo

ABR

1 QUI
20H

2 SEX
20H

3 SÁB
16H30

Ressurreições:
depois do silêncio,
de volta à vida

Osesp
Coro
Holliger regente
Gringolts violino

SET

16 QUI
20H

17 SEX
20H

18 SÁB
16H30

Sim à vida:
a Paixão segundo
São Mateus

Osesp
Coros
Alarcón regente
Vozes solistas

MAIO

13 QUI
20H

14 SEX
20H

15 SÁB
16H30

Dançar com
o mundo: da
corde ao bolero

Osesp
Fischer regente
Lisiecki piano
Cisne Negro
Cia. de Dança

OUT

7 QUI
20H

8 SEX
20H

9 SÁB
16H30

Memória:
no cume da
montanha

Osesp
Bleuse regente
Chamayou piano

JUN

10 QUI
20H

11 SEX
20H

12 SÁB
16H30

Triunfo: Lugansky
toca Rachmaninov

Osesp
Kochanovsky
regente
Lugansky piano

DEZ

2 QUI
20H

3 SEX
20H

4 SÁB
16H30

O eterno retorno:
Mahler e sua
Sinfonia dos mil

Osesp
Coros
Fischer regente
Vozes solistas

JUL

15 QUI
20H

16 SEX
20H

17 SÁB
16H30

Torna-te
quem és: heroico é
transformar-se

Osesp
Gardolinska
regente
Maistre harpa

CARNAÚBA

QUI 20H

PAINEIRA

SEX 20H

IMBUIA

SÁB 16H30

MAR

11 QUI 20H
12 SEX 20H
13 SÁB 16H30

Nascido do caos:
entre a luz e a noite

Osesp
Fischer regente

ABR

8 QUI 20H
9 SEX 20H
10 SÁB 16H30

Ressurreições:
200 anos de morte
de Beethoven

Osesp
Gerstein
 regência e piano

MAIO

20 QUI 20H
21 SEX 20H
22 SÁB 16H30

Dançar com o mundo:
bailando em uma volta
ao mundo

Osesp
Dondyk regente
Lisiecki piano

JUN

17 QUI 20H
18 SEX 20H
19 SÁB 16H30

Triunfo:
o extraordinário
com Vivaldi,
Respighi e Holmès

Osesp
Coros
Hoving regente
Silvério fagote
Liñarez fagote
Taino mezzo soprano

JUL

8 QUI 20H
9 SEX 20H
10 SÁB 16H30

Torna-te quem
és: a fortuna
de descobrir o
próprio caminho

Osesp
Coros
Shokhakov regente
Vozes solistas

AGO

5 QUI 20H
6 SEX 20H
7 SÁB 16H30

Paz: um canto
de esperança

Osesp
Coro
Liebreich regente
Vozes solistas

SET

2 QUI 20H
3 SEX 20H
4 SÁB 16H30

Sim à vida: o
que brota das
contradições

Osesp
Fischer regente
Ehnes violino

OUT

14 QUI 20H
15 SEX 20H
16 SÁB 16H30

Memória:
nadando em enigmas

Osesp
Lu regente
Banks saxofone

DEZ

16 QUI 20H
17 SEX 20H
18 SÁB 16H30

O eterno retorno:
ao fim da travessia,
o “Messias”

Osesp
Coro
Fischer regente
Vozes solistas

CEDRO

MOGNO

QUI 20H

SÁB 16H30

MAR

18 QUI 20H

20 SÁB 16H30

Nascido do caos:
uma alvorada
para Tom e Villa

Osesp

Minczuk regente

Rubinsky piano

MAR

25 QUI 20H

27 SÁB 16H30

Criação,
vida e morte

Coro

Blunt regente

Nørgaard viola

ABR

15 QUI 20H

17 SÁB 16H30

Ressurreições:
sonho, morte e
transfiguração

Osesp

Koncz regente

Budu piano

MAI

| 7 SEX* | 20H

8 SÁB 16H30

Dançar com
o mundo:
identidade,
resistência e
celebração

Osesp

Coro

Fischer regente

Eberle violino

JUN

3 QUI 20H

5 SÁB 16H30

Triunfo:
conquista,
resistência e
superação

Osesp

Lyniv regente

Flores trompete

JUL

1 QUI 20H

| 2 SEX* | 20H

Torna-te
quem és:
deslocar-se
é heroico

Osesp

Petrenko regente

Barragán clarinete

AGO

12 QUI 20H

14 SÁB 16H30

Paz: depois da
tempestade,
música para a
bonança

Osesp

Coro

Jacquot regente

Schirmer piano

SET

9 QUI 20H

11 SÁB 16H30

Sim à vida:
sopros de
beleza rara

Osesp

Fischer regente

Queyras violoncelo

SET-OUT

30 QUI 20H

2 SÁB 16H30

Memória:
o que volta
à tona

Osesp

Edusei regente

Dariescu piano

OUT

28 QUI 20H

30 SÁB 16H30

O eterno
retorno: assim
a música falou
de Zaratustra

Osesp

Fischer regente

Rijen trombone

CORAIS

DOM 18H

ABR

Os ecos de
Zaratustra

Coro

Stumpf regente25 DOM
18H

MAIO

Para cantar a
paz e a memória

Coro

Blunt regente30 DOM
18H

SET

Coro da Osesp
entre a luz e a
transformação

Coro

Blunt regente5 DOM
18H

OUT

Coro da Osesp
entre a reforma
e a revolução

Coro

Layton regente24 DOM
18H

NOV

Coro da Osesp
canta o triunfo e
a redenção

Coro

Blunt regente21 DOM
18H

RECITAIS

DOM 18H

ABR

Cristian Budu
entre Bartók e
Villa-Lobos**Budu** piano18 DOM
18H

MAIO

Jan Lisiecki,
Artista em
Residência**Lisiecki** piano**Músicos da Osesp**16 DOM
18H

JUN

Nikolai Lugansky

Lugansky piano13 DOM
18H

AGO

André Mehmari
e músicos da
Osesp**Mehmari** piano**Baldini** violino**Buosi** clarinete8 DOM
18H

OUT

Bertrand
Chamayou**Chamayou** piano3 DOM
18H

OUT

Steven Banks

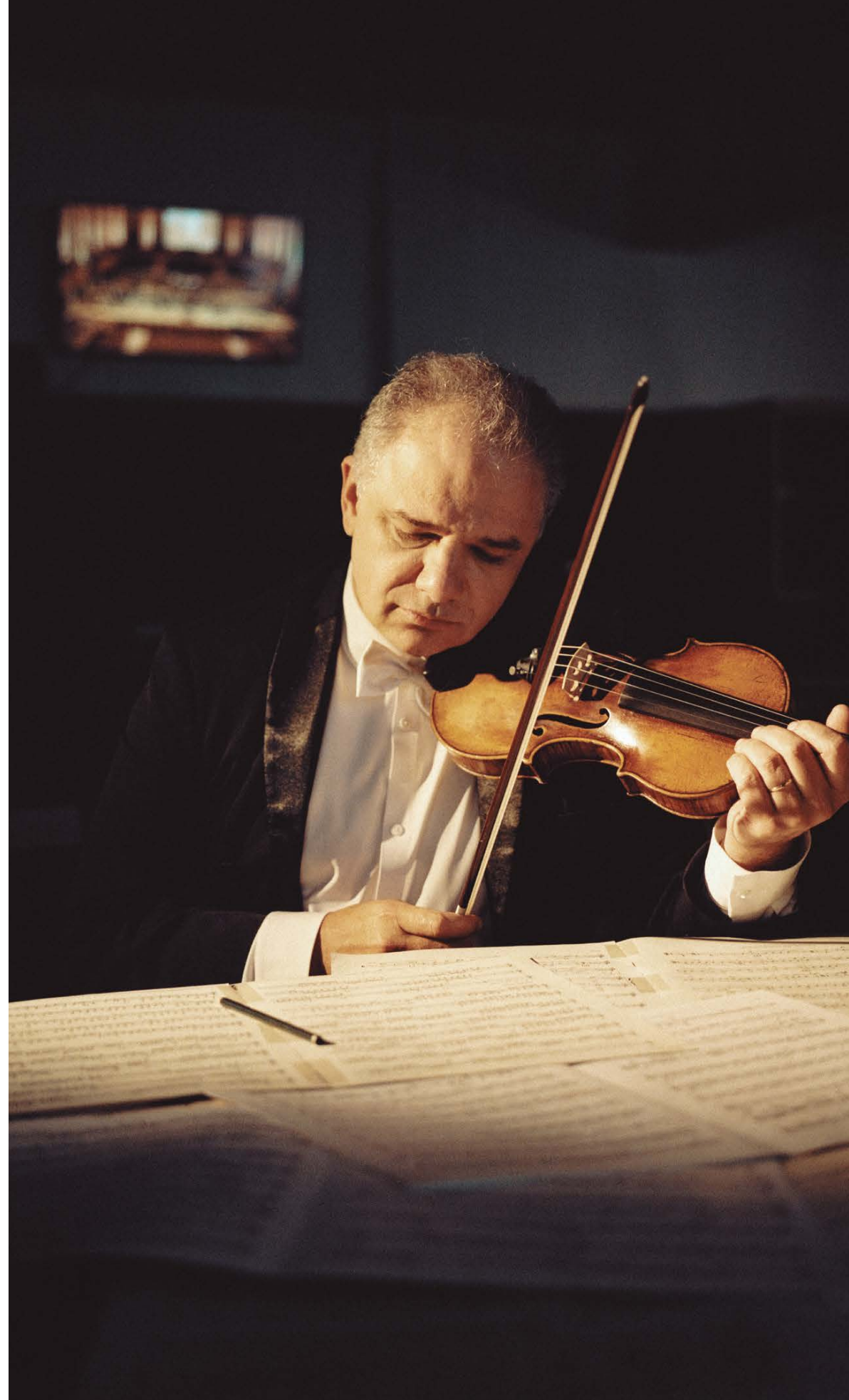
Banks saxofone**Músicos da Osesp**17 DOM
18H

NOV

José Antonio
López**López** barítono28 DOM
18H

CÂMARA DOM 18H

MAR	Nascido do caos: ode ao amor	Músicos da Osesp
7 DOM 18H		
ABR	Ressurreições: Berg e Holliger em câmara	Músicos da Osesp Holliger regente
11 DOM 18H		
MAIO	Dançar com o mundo: quando a gavota se encontra com o maxixe	Músicos da Osesp
23 DOM 18H		
JUN	Triunfo: tudo se transforma em Mozart e Schoenberg	Músicos da Osesp
27 DOM 18H		
AGO	Paz: um entreato com Shaw, Brahms e Chagas	Músicos da Osesp Chagas difusão eletroacústica
22 DOM 18H		
SET	Roma, Nápoles, Lisboa, São Paulo: percursos do barroco	Músicos da Osesp Bernardes órgão e direção musical
26 DOM 18H		
OUT	O eterno retorno: tempos de delicadeza	Músicos da Osesp
31 DOM 18H		



Descubra nossas Séries Temáticas

Diferentes eixos dão origem às Séries Temáticas. Escolha o tema que desperta seu interesse, selecione as datas de sua preferência – no mínimo quatro delas – e mergulhe em diferentes compositores, instrumentos e obras.

Piano

Intérpretes de diferentes gerações revelam as possibilidades desse instrumento adorado em concertos sinfônicos e em recitais. [14 programas]

- Sonia Rubinsky
18 e 20 MAR
- Kirill Gerstein
8, 9 e 10 ABR
- Cristian Budu
15 e 17 ABR e 18 ABR
- Jan Lisiecki
13, 14 e 15 MAIO;
16 MAIO; 20, 21 e 22 MAIO
- Nikolai Lugansky
10, 11 e 12 JUN; 13 JUN
- André Mehmani
8 AGO
- Markus Schirmer
12 e 14 AGO
- Alexandra Dariescu
30 SET e 2 OUT
- Bertrand Chamayou
3 OUT e 7, 8 e 9 OUT

Cordas

Grandes solistas interpretam obras que atravessam estilos, épocas e emoções. [7 programas]

- Asbjørn Nørgaard, viola
25 e 27 MAR
- Ilya Gringolts, violino
1, 2 e 3 ABR
- Veronika Eberle, violino
7 e 8 MAIO
- Xavier de Maistre, harpa
15, 16 e 17 JUL
- Alisa Weilerstein, violoncelo
19, 20 e 21 AGO
- James Ehnes, violino
2, 3 e 4 SET
- Jean-Guihen Queyras, violoncelo
9 e 11 SET

Orquestra e Coro

Nossos dois corpos artísticos juntos no palco da Sala São Paulo. [10 programas]

- A Criação*, de Haydn
4, 5 e 6 MAR
- Nachtlied*, de Schumann, e *Gesänge der Frühe*, de Holliger
1, 2 e 3 ABR
- Maracatu de Chico Rei*, de Mignone
7 e 8 MAIO
- Ode triomphale*, de Holmès
17, 18 e 19 JUN
- Carmina Burana*, de Orff
8, 9 e 10 JUL
- In terra pax*, de Martin
5, 6 e 7 AGO
- Paz na Terra*, de Schoenberg
12 e 14 AGO
- Paixão segundo São Mateus*, de Bach
16, 17 e 18 SET
- Sinfonia nº 8*, de Mahler
2, 3 e 4 DEZ
- Messias*, de Händel
16, 17 e 18 DEZ

Beethoven

Em 2027, lembramos os 200 anos de morte do gênio de Bonn. [5 programas]

- Concerto para piano nº 0* e *Concerto para piano nº 3*
8 ABR
- Concerto para piano nº 2* e *Concerto para piano nº 4*
9 ABR
- Concerto para piano nº 1* e *Concerto para piano nº 5*
10 ABR
- Sinfonia nº 3*
15, 16 e 17 JUL
- Concerto para violino*
2, 3 e 4 SET
- Sinfonias**
Redescubra sinfonias consagradas e explore a riqueza sonora do gênero. [9 programas]
- Sinfonia nº 7*, de Mahler
11, 12 e 13 MAR
- Sinfonia nº 49*, de Haydn
1, 2 e 3 ABR
- Sinfonia nº 104*, de Haydn
13, 14 e 15 MAI
- Sinfonia nº 7*, de Shostakovich
10, 11 e 12 JUN
- Sinfonia nº 3*, de Beethoven
15, 16 e 17 JUL
- Sinfonia nº 3*, de Brahms
12 e 14 AGO
- Sinfonia nº 2*, de Guarnieri
9 e 11 SET
- Sinfonia nº 47*, de Haydn
28 e 30 OUT
- Sinfonia nº 8*, de Mahler
2, 3 e 4 DEZ

Festivais

Inclua os festivais completos em sua Assinatura Flexível e percorra a Temporada por inteiro.

| Nascido do caos

Haydn, Ripke, Mahler, Jobim, Villa-Lobos e mais.
4, 5 e 6 MAR
7 MAR
11, 12 e 13 MAR
18 e 20 MAR

| Ressurreições

Schumann, Holliger, Haydn, Strauss, Mahler, Beethoven e mais.
1, 2 e 3 ABR
8, 9 e 10 ABR
11 ABR
15 e 17 ABR

| Dançar com o mundo

Villa-Lobos, Brahms, Mozart, Debussy, Ravel, Adams, Dvorák e mais.
7 e 8 MAIO
13, 14 e 15 MAIO
20, 21 e 22 MAIO
23 MAIO

| Triunfo

Strauss, Liszt, Rachmaninov, Shostakovich, Vivaldi, Holmès e mais.
3 e 5 JUN
10, 11 e 12 JUN
17, 18 e 19 JUN
27 JUN

| Torna-te quem és

Strauss, Freiberg, Nielsen, Orff, Ortiz, Beethoven e mais.
1 e 2 JUL
8, 9 e 10 JUL
15, 16 e 17 JUL

| Paz

Schoenberg, Martin, Mozart, Brahms, Ravel, Ortiz, Debussy e mais.
5, 6 e 7 AGO
12 e 14 AGO
19, 20 e 21 AGO
22 AGO

| Sim à vida

Beethoven, Ravel, Wagner, Elgar, Guarnieri e Bach.
2, 3 e 4 SET
9 e 11 SET
16, 17 e 18 SET
26 SET

| Memória

Boulanger, Zemlinsky, Bartók, Strauss, Elgar e Villa-Lobos.
30 SET e 2 OUT
7, 8 e 9 OUT
14, 15 e 16 OUT

| O eterno retorno

Haydn, Strauss, Mahler e Händel.
28 e 30 OUT
31 OUT
2, 3 e 4 DEZ
16, 17 e 18 DEZ

Séries Sinfônicas		Preços		Séries Sinfônicas		Preços			
Sala São Paulo	9 concertos por série			Sala São Paulo	10 concertos por série				
	Jacarandá Pequiá Carnaúba Paineira Imbuia Ipê				Cedro Mogno				
		Integral	Promocional até 29 DEZ		Meia-entrada		Integral	Promocional até 29 DEZ	Meia-entrada
	Balcão Mezanino e Camarotes Mezanino	R\$ 3.150	R\$ 2.520		R\$ 1.575	Balcão Mezanino e Camarotes Mezanino	R\$ 3.500	R\$ 2.800	R\$ 1.750
	Camarotes Mezanino	R\$ 2.970	R\$ 2.376		R\$ 1.485	Camarotes Mezanino	R\$ 3.300	R\$ 2.640	R\$ 1.650
	Plateia Elevada Lateral	R\$ 2.385	R\$ 1.908		R\$ 1.193	Plateia Elevada Lateral	R\$ 2.650	R\$ 2.120	R\$ 1.325
	Plateia Central	R\$ 2.205	R\$ 1.764		R\$ 1.103	Plateia Central	R\$ 2.450	R\$ 1.960	R\$ 1.225
	Plateia Central, Elevada Central e Lateral	R\$ 2.025	R\$ 1.620		R\$ 1.013	Plateia Central, Elevada Central e Lateral	R\$ 2.250	R\$ 1.800	R\$ 1.125
Balcão Superior	R\$ 1.170	R\$ 936	R\$ 585	Balcão Superior	R\$ 1.300	R\$ 1.040	R\$ 650		
Camarotes Superiores	R\$ 450*			Camarotes Superiores	R\$ 500*				

Confira o mapa de assentos da Sala São Paulo na p.169.

Valor promocional:
 desconto de 20% sobre o valor integral.

Meia-entrada:
 50% do valor integral das assinaturas.

*Ingresso a preço de Vale-Cultura, não cumulativo com descontos.

5 concertos
por série

	Integral
Corais	R\$ 250 *

7 concertos
por série

	Integral	Promocional até 29 DEZ	Meia-entrada
Recitais	R\$ 1.120	R\$ 896	R\$ 560

7 concertos
por série

	Integral	Promocional até 29 DEZ	Meia-entrada
Câmara	R\$ 1.120	R\$ 896	R\$ 560

Confira o mapa de assentos da Estação Motiva Cultural na p.171.

Valor promocional: desconto de 20% sobre o valor integral.

Meia-entrada: 50% do valor integral das assinaturas.

*Ingresso a preço de Vale-Cultura, não cumulativo com descontos.

Sinfônicas

	Integral	Promocional até 29 DEZ	Meia-entrada
Balcão Mezanino e Camarotes Mezanino	R\$ 350	R\$ 280	R\$ 175
Camarotes Mezanino	R\$ 330	R\$ 264	R\$ 165
Plateia Elevada Lateral	R\$ 265	R\$ 212	R\$ 133
Plateia Central	R\$ 245	R\$ 196	R\$ 123
Plateia Central, Elevada Central e Lateral	R\$ 225	R\$ 180	R\$ 113
Balcão Superior	R\$ 130	R\$ 104	R\$ 65
Camarotes superiores e Coro	R\$ 50*		

Confira o mapa de assentos da Sala São Paulo na p.169.

Estação
Motival
Cultural

Corais

	Integral
Preço Único	R\$ 50*

Recitais
e Câmara

	Integral	Promocional até 29 DEZ	Meia-entrada
Preço Único	R\$ 160	R\$ 128	R\$ 80

Confira o mapa de assentos da Estação Motiva Cultural na p.171.

Valor promocional: desconto de 20% sobre o valor integral.

Meia-entrada: 50% do valor integral das assinaturas.

*Ingresso a preço de Vale-Cultura, não cumulativo com descontos.



Estação Motiva Cultural

Mapa de assentos

Inaugurada em 2025, a Estação Motiva Cultural é a nova casa para as artes no Complexo Cultural Júlio Prestes, instalada no *concourse* da antiga estação de trens. O espaço combina a preservação do patrimônio histórico com uma estrutura versátil, que inclui palco modular, plateia retrátil e concha acústica desmontável.

Recebe aos domingos os programas das séries Recitais, Corais e Câmara.

V	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	V
U	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	U
T	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	T
S	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	S
R	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	R
Q	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	Q
P	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	P
N	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	N
M	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	M
L	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	L
K	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	K
J	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	J
H	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	H
G	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	G
F	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	F
E	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	E
D	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	D
C	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	C
B	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	B
A	1	2	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15			16	17	18	19	A

Plateia Elevada

AJ	1	3	4			5	6	7	8	9	10	11	12			13	14	15	16	17	18		AJ	
AH	1	2	3	4	5			6	7	8	9	10	11	12			13	14	15	16	17	18	19	AH
AG	1	2	3	4	5			6	7	8	9	10	11	12	13	14			15	16	17	18	19	AG
AF	1	2	3	4	5			6	7	8	9	10	11	12	13	14			15	16	17	18	19	AF
AE	1	2	3	4	5			6	7	8	9	10	11	12	13	14			15	16	17	18	19	AE
AD	1	2	3	4	5			6	7	8	9	10	11	12	13	14			15	16	17	18	19	AD
AC	1	2	3	4	5			6	7	8	9	10	11	12	13	14			15	16	17	18	19	AC
AB	1	2	3	4	5			6	7	8	9	10	11	12	13	14			15	16	17	18	19	AB
AA	♣		3	4	♣			♣	8	9	♣		12	♣				♣	17	18	♣		AA	

Plateia Térrea



Você precisa saber:

Crédito de ingressos

Se não puder comparecer a um concerto, você pode devolver seu ingresso com pelo menos 48 horas de antecedência, convertendo o valor pago em créditos para compras de outros concertos realizados pela Fundação Osesp em 2027.

Para novas compras feitas pelo site ou telefone, é cobrada uma taxa de conveniência de 20%. Nas compras presenciais na Sala São Paulo, há isenção da taxa.

Você pode solicitar a disponibilização do ingresso pelo WhatsApp (11) 5039-8723, respondendo ao formulário de solicitação no site da Osesp ou pelo e-mail suporte@ingressosfundacaoosesp.com.br.



Saiba mais em **osesp.art.br**

Canais de vendas e pagamentos

Adquira seus pacotes na bilheteria da Sala São Paulo – de segunda a sexta (exceto feriados), das 10h às 13h e das 14h às 17h – ou em dias de concerto, a partir de 1h30 antes das apresentações na Sala São Paulo e de 1h antes na Estação Motiva Cultural.

Você também pode comprar pelo site osesp.art.br, pelo telefone ou WhatsApp, no número (11) 5039-8723, ou pelo e-mail suporte@ingressosfundacaoosesp.com.br.

O pagamento pode ser feito com cartão de crédito, em até 12 vezes sem juros, cartão de débito, PIX ou dinheiro em vendas presenciais.

Meia-entrada

Válida para estudantes, pessoas acima dos 60 anos, aposentados, jovens pertencentes a famílias de baixa renda com idade de 15 a 29 anos, pessoas com deficiências e um acompanhante e servidores da educação (funcionários da secretaria e operacionais, professores, coordenadores pedagógicos, diretores e supervisores das redes pública, estadual e municipal).

O desconto de 50% é válido mediante comprovação por meio de documento oficial com foto na entrada dos concertos.

Importante! A meia-entrada é calculada sobre o preço integral do ingresso, não sendo cumulativa com o desconto de 20% aplicado aos pacotes de Assinaturas.

Entrega dos ingressos

A partir de fevereiro de 2027, você receberá o Cartão do Assinante (Assinantes Fixos) e/ou os ingressos impressos (Assinantes Flexíveis) no endereço cadastrado na compra.

Vale-Cultura

Todos os concertos da Temporada Osesp têm uma parte de seus ingressos a R\$ 50, conforme a regra do Ministério da Cultura para projetos culturais incentivados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Alterações no programa

Em caso de mudança de repertório, você poderá optar por trocar seu ingresso por créditos, recebendo o valor correspondente para usar em compras para outros concertos realizados pela Fundação Osesp. Nessa situação, não há restituição do valor pago.

A restituição do valor do ingresso acontece apenas em caso de cancelamento do programa ou alteração de regente, solista, data ou horário.

Além da Temporada

A Fundação Osesp mantém uma série de iniciativas que ampliam o acesso à cultura, formam novos públicos e preservam e fomentam a memória artística brasileira, levando-a também a novos espaços e pessoas.

Música para todos



Matinais na Sala São Paulo

Aos domingos e em alguns sábados ao longo do ano, sempre às 11h, a Sala São Paulo recebe grupos parceiros em diferentes repertórios e formações. Todas as apresentações são gratuitas.

Domingos com a Osesp

Em alguns domingos ao longo do ano, às 11h, a Osesp ocupa a Sala São Paulo em uma experiência de concerto e mediação. Os programas – todos eles gratuitos – são especialmente pensados para aproximar a música clássica de novos públicos.

Osesp duas e trinta

A série convida o público a aproveitar as tardes de sete sextas-feiras ao longo do ano, sempre às 14h30, na Sala São Paulo, a preço único de R\$ 50,00, oferecendo uma opção acessível e inspiradora para quem deseja começar o fim de semana na companhia da música clássica.

Passe Livre Universitário

A iniciativa oferece a estudantes de graduação a possibilidade de ampliar seu horizonte, assistindo gratuitamente a eventos realizados pela Fundação Osesp na Sala São Paulo e na Estação Motiva Cultural, de acordo com a disponibilidade de ingressos.

Formar hoje os músicos e públicos de amanhã

Os Programas Educacionais são totalmente gratuitos e atuam em diferentes etapas da formação musical.

Academia de Música

Contribui para a formação profissional de jovens instrumentistas, cantores líricos e regentes. A fim de apoiar a permanência dos estudantes, todos recebem uma bolsa de estudos

O trabalho se amplia ainda por meio de masterclasses abertas à comunidade, do concurso Jovens Solistas e da plataforma digital Osesp Educação..

Descubra a Orquestra

Capacitação de educadores e Concertos Didáticos para crianças e adolescentes. O programa existe há 25 anos na Sala São Paulo e, desde 2026, também está no interior, no polo Ribeirão Preto.

Coros Infantil e Juvenil

Oferecem a crianças e adolescentes a oportunidade de desenvolver a prática coral.



Portas abertas na Sala São Paulo e Estação Motiva Cultural

Visitas educativas

A Sala São Paulo e a Estação Motiva Cultural são lugares para serem descobertos. Nas Visitas Educativas, o público conhece a história do edifício, seu processo de revitalização e restauro e as características que fazem do Complexo Cultural Júlio Prestes um dos espaços culturais mais importantes da América Latina. Há ainda modalidades com recursos de acessibilidade e visitas especiais para crianças.

Acessibilidade

Recursos como audiodescrição, interpretação em Libras e maquetes táteis são oferecidos em algumas apresentações e Visitas Educativas.

Estação Motiva Cultural, um endereço para todas as artes

Lugar de encontro entre a música e outras expressões artísticas, este é um espaço plural, aberto à criação, à experimentação e à convivência, ampliando as possibilidades de acesso à cultura no Complexo Cultural Júlio Prestes.



Levar a música para além da Sala São Paulo

Coro na Capital

O Coro da Osesp circula por diferentes espaços culturais e históricos da cidade de São Paulo, com concertos gratuitos que aproximam novos públicos da música coral.

Osesp Itinerante

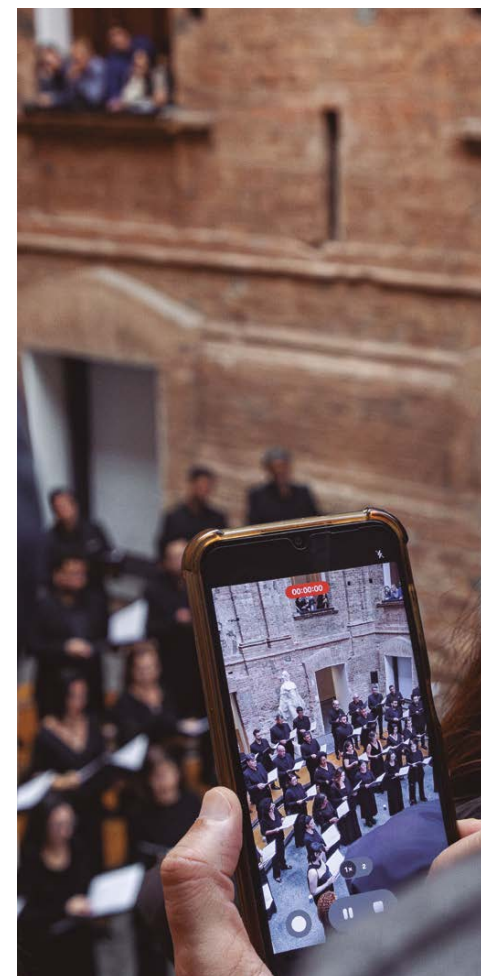
Levando música a diferentes cidades do interior e do litoral de São Paulo, o projeto promove apresentações e oficinas gratuitas da Orquestra e do Coro. A Osesp realiza também turnês em outros estados do Brasil e no exterior.

Concertos Digitais

A Fundação Osesp é pioneira na realização de transmissões ao vivo pela internet – de 2011 até 2026, já foram disponibilizadas mais de 300 delas gratuitamente no YouTube da Osesp, da Sala São Paulo e do Festival de Inverno de Campos do Jordão. Com estrutura própria para gravar e transmitir em 4K, com áudio de altíssima qualidade, a música de concerto feita no Brasil é levada a qualquer lugar do mundo.

Editora Osesp

A Editora Osesp trabalha em parceria com compositores e os corpos artísticos da casa na edição e publicação de partituras. Ela conta hoje com mais de 200 títulos no catálogo, que podem ser alugados ou vendidos para grupos e intérpretes do Brasil e do mundo – parte desse acervo está disponível para download gratuito. Além disso, a Fundação Osesp também conta com o Centro de Documentação Musical – aberto ao público mediante agendamento prévio.



Álbuns

A discografia da Osesp já reúne mais de 100 títulos comerciais, realizados com gravadoras nacionais e internacionais, como BIS, Chandos, Naxos, Biscoito Fino e Deutsche Grammophon. Lançado em 2013, o Selo Digital Osesp é uma produção independente que disponibiliza gravações no site da Osesp.

Seu apoio transforma a música dentro e fora do palco.

A bilheteria é importante, mas não é suficiente. Além dos recursos do Contrato de Gestão com o Governo do Estado de São Paulo, a Fundação Osesp precisa do apoio da sociedade para manter a excelência de suas atividades.

Como pessoa física ou por meio da sua empresa, cada contribuição faz a diferença para quem toca, para quem aprende e para quem ouve.



Seja um apoiador

Doando parte do seu Imposto de Renda a custo zero, você vive a Temporada de dentro para fora, com participação em eventos especiais, acesso a bastidores, encontros com músicos e outras experiências únicas.



Torne-se uma empresa parceira

Com a Fundação Osesp, você cria experiências que fortalecem o relacionamento com seus públicos, geram conexões e valorizam sua marca. Por meio de leis de incentivo ou com doações livres, junte-se a um grupo de empresas que ampliam o impacto da arte e da cultura na sociedade.



Doe sua nota fiscal

A Nota Fiscal Paulista também é um programa social. A cada compra feita, você pode transformar seus créditos em uma doação automática para a Fundação Osesp, contribuindo com programas de música e educação gratuitos para crianças, jovens e educadores.

Saiba mais em
fundacao-osesp.art.br

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo



Desde sua fundação, em 1954, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo é a maior expressão do desejo dos paulistas de terem uma orquestra sinfônica de alto nível. Nos primeiros anos, esse desejo enfrentou os desafios da profissionalização da música de concerto no Brasil, como a falta de políticas estáveis de financiamento e a fragilidade do ensino musical. Foi somente na década de 1970, sob a direção de Eleazar de Carvalho, que o grupo se consolidou no cenário nacional, passando a ter uma agenda de concertos mais intensa e atraindo solistas renomados.

A Osesp ocupa hoje uma posição de destaque no cenário internacional, sendo reconhecida tanto por sua excelência artística como pelo seu perfil inovador. Ao longo das últimas décadas, a orquestra se apresentou em algumas das principais salas de concerto do mundo, da Philharmonie de Berlim ao Carnegie Hall, passando pelo National Centre for the Performing Arts de Pequim e pelo Musikverein de Viena. Sua presença global leva a riqueza da música brasileira a um público cada vez mais amplo.

A formação da Osesp tal como a conhecemos se completou no período em que o posto de regente titular foi ocupado por John Neschling [1997-2009]. Com apoio do Governo do Estado de São Paulo, o maestro liderou a maior reestruturação da história da orquestra, com impactos no âmbito administrativo e no corpo artístico. Essa nova fase foi coroada em 1999 pela inauguração da Sala São Paulo. A transformação da antiga Estação Júlio Prestes na melhor sala de concertos da América Latina possibilitou à Osesp aperfeiçoar cada vez mais sua sonoridade, em um processo conduzido por Yan Pascal Tortelier [2010-2011], Marin Alsop [2012-2019] e Thierry Fischer (desde 2020).

Empenhada na modernização da vida musical do país, a Osesp vem expandindo significativamente suas atividades. O Centro de Documentação Musical trabalha para estabelecer edições críticas de obras fundamentais para nossa história, enquanto a Editora Osesp publica regularmente novas partituras de compositores brasileiros. No campo educacional, o programa Descubra a Orquestra introduz milhares de estudantes e professores da rede estadual à música sinfônica, ao passo que a Academia de Música prepara jovens instrumentistas, cantores e regentes para a vida profissional.

A orquestra também vem ampliando a difusão da música brasileira através de sua extensa discografia, que conta com dezenas de álbuns de referência, lançados por selos internacionais ou disponibilizados gratuitamente pelo Selo Digital Osesp. Desde 2020, os concertos do grupo são transmitidos ao vivo em seu canal no YouTube, colocando a música ao alcance de todos.

A Temporada 2027 traz uma programação abrangente e plural, que percorre séculos de música e dialoga com tradições culturais do mundo todo. As obras-primas do repertório sinfônico estão bem representadas, assim como as criações de artistas do nosso tempo. Com isso, a Osesp se compromete a seguir sendo uma orquestra do tamanho do Brasil.

Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo

Diretor Musical e
Regente Titular
| Thierry Fischer

Violinos

Emmanuele Baldini **spalla**
Davi Graton **solista**
primeiros violinos
Yuriy Rakevich **solista**
primeiros violinos
Amanda Martins **solista**
segundos violinos
Leandro Dias **solista**
segundos violinos*
Igor Sarudiansky
concertino primeiros violinos
Matthew Thorpe
concertino
segundos violinos
Alexey Chashnikov
Anderson Farinelli
Andreas Uhlemann
Camila Yasuda
Carolina Kliemann
César A. Miranda
Cristian Sandu
Elena Klementieva
Elina Suris
Florian Cristea
Gheorghe Voicu
Guilherme Peres
Irina Kodin
Katia Spássova
Leonardo Bock
Marcio Kim
Michael Machado
Paulo Paschoal
Rodolfo Lota
Soraya Landim
Sung-Eun Cho
Svetlana Tereshkova
Tatiana Vinogradova

Violas

Horácio Schaefer
solista | emérito
Maria Angélica Cameron
concertino
Peter Pas **concertino**
André Rodrigues
Andrés Lepage
David Marques Silva
Éderson Fernandes
Galina Rakhimova
Olga Vassilevich
Sarah Pires
Simeon Grinberg
Vladimir Klementiev

Violoncelos

Kim Bak Dinitzen **solista**
Heloisa Meirelles
concertino
Rodrigo Andrade
concertino
Adriana Holtz
Bráulio Marques Lima
Douglas Kier
Jin Joo Doh
Maria Luísa Cameron
Marialbi Trisolio
Regina Vasconcellos

Contrabaixos

Ana Valéria Poles
solista | emérita
Pedro Gadelha **solista**
Marco Delestre
concertino
Max Ebert Filho
concertino
Alexandre Rosa
Almir Amarante
Cláudio Torezan
Jefferson Collacico
Ney Vasconcelos

Flautas

Claudia Nascimento
solista
Fabiola Alves
flauta | piccolo
Lincoln Sena
Sávio Araújo

Oboés

Arcadio Minczuk
solista | emérito
Ricardo Barbosa **solista**
Natan Albuquerque Jr.
oboé | corne-inglês
Peter Apps

Clarinetes

Ovanir Buosi **solista**
Sérgio Burgani
solista | emérito
Nivaldo Orsi
clarinete | clarone
Daniel Rosas
clarinete | requinta
Giuliano Rosas

Fagotes

Alexandre Silvério **solista**
José Arion Liñarez **solista**
Romeu Rabelo
fagote | contrafagote
Francisco Formiga

Trombone baixo

Darrin Coleman Milling
solista

Trompas

Luiz Garcia **solista**
André Gonçalves
José Costa Filho
Nikolay Genov
Daniel Filho
Luciano Amaral

Tuba

| Filipe Queirós **solista**

Tímpanos

Elizabeth Del Grande
solista | emérita
Rubén Zúñiga **solista**

Trompetes

Marcos Motta **Solista***
Antonio Carlos Lopes Jr.
Marcelo Matos

Trombones

Darcio Gianelli solista
Wagner Polistchuk
solista | emérito
Alex Tartaglia
Fernando Chipoletti

Percussão

Ricardo Righini
1ª percussão
Alfredo Lima
Armando Yamada

Harpa

| Liuba Klevtsova **solista**

*Interino

Coro da Osesp



Fundado em 1994 pelo maestro e compositor Aylton Escobar, o Coro foi incorporado à Osesp no ano 2000, durante o processo de reestruturação da orquestra. De 1995 a 2015, ele foi dirigido por Naomi Munakata, regente que desempenhou um papel crucial na construção de sua identidade. Nesse período, o conjunto tornou-se referência em música vocal no país, distinguindo-se por sua capacidade de transitar por peças de épocas e estilos diferentes, sempre mantendo um padrão técnico e artístico elevado. Esse legado teve continuidade através do trabalho de regentes como Valentina Peleggi, Marcos Thadeu e William Coelho. Desde 2025, o cargo de regente titular é ocupado por Thomas Blunt, maestro britânico que está igualmente à vontade com a polifonia renascentista e com a música contemporânea. Além de seguir apostando na versatilidade que caracteriza o Coro, Blunt tem buscado uma integração ainda maior com corpos artísticos de caráter educacional como o Coro Infantil, o Coro Juvenil e o Coro Acadêmico da Osesp, contando ainda com a colaboração de Kaique Stumpf como regente residente.

O repertório brasileiro sempre esteve no centro das atividades do Coro. Além de encomendar partituras novas aos principais compositores e compositoras em atividade no país, o conjunto se dedica à divulgação da música coral nacional por meio de gravações. Destacam-se em sua discografia os álbuns *Aylton Escobar: Obras para coro* (Selo Digital Osesp, 2013), *José Maurício 250* (Selo Digital Osesp, 2017) e *Heitor Villa-Lobos: Choral transcriptions* (Naxos, 2019), elogiado pela crítica especializada no Brasil e no exterior. Em 2026, o grupo realizou uma turnê por Minas Gerais, levando a música sacra do período colonial para Belo Horizonte e para as cidades históricas em que ela floresceu. A projeção internacional do Coro vem aumentando desde 2006, quando ele se apresentou na Espanha, durante o 25º Prêmio da Fundação Príncipe das Astúrias. Em 2020, celebrando os 250 anos do nascimento de Beethoven, cantou a *Sinfonia nº 9* na abertura do Fórum Econômico Mundial de Davos, ao lado da Orquestra Jovem da União Europeia e de solistas de quatro continentes, sob a regência de Marin Alsop. No ano seguinte, esteve novamente presente na abertura do evento, representando o Brasil em uma produção audiovisual concebida por Alsop e pelo violoncelista Yo-Yo Ma. Em 2022, fez sua estreia no Carnegie Hall de Nova York, interpretando com a Osesp o *Choros nº 10* de Villa-Lobos e participando do aclamado espetáculo *Floresta Villa-Lobos*.

Na Temporada 2027, o Coro se junta à orquestra em um repertório que atravessa diferentes períodos e linguagens, com obras como o *Réquiem*, de Maurice Duruflé, *Nachtlied*, de Robert Schumann, *Carmina Burana*, de Carl Orff, e *Orbis Factor*, de Aylton Escobar, além de grandes obras do repertório sinfônico-coral, como a *Paixão segundo São Mateus*, de Johann Sebastian Bach, e a *Sinfonia nº 8*, de Gustav Mahler. Sua programação a cappella traz um repertório igualmente amplo e variado, colocando a polifonia renascentista em diálogo com as sonoridades do nosso tempo. Assim, o Coro reafirma sua vocação para a diversidade estética, marca essencial de sua trajetória.

Coro da Osesp

Regente Titular

| Thomas Blunt

Regente Residente

| Kaique Stumpf

Sopranos

- Anna Carolina Moura
- Eliane Chagas
- Erika Muniz
- Fernanda Ribeiro
- Flavia Kele de Sousa
- Giulia Moura
- Laura Duarte
- Marina Pereira
- Natália Áurea
- Regiane Martinez
- monitora**
- Roxana Kostka

Mezzos e Contraltos

- Cely Kozuki
- Clarissa Cabral
- Cristiane Minczuk
- Fabiana Portas
- Léa Lacerda
- Maria Angélica Leutwiler
- Maria Raquel Gaboardi
- Mariana Valença
- Mônica Weber Bronzati
- Patrícia Nacle
- Silvana Romani
- Solange Ferreira
- Vesna Bankovic **monitora**

Tenores

- Anderson Luiz de Sousa
- Ernani Mathias Rosa
- Fábio Vianna Peres
- Jabez Lima
- Jocelyn Marocco
- Luiz Eduardo Guimarães
- monitor**
- Mikael Coutinho
- Odorico Ramos
- Rúben Araújo

Barítonos e baixos

- Aldo Duarte
- Erick Souza **monitor**
- Fernando Coutinho Ramos
- Flavio Borges
- Francisco Meira
- Israel Mascarenhas
- João Vitor Ladeira
- Laercio Resende
- Sabah Teixeira

Pianista Correpetidor

| Fernando Tomimura

Governo do Estado
de São Paulo

Governador
Tarcísio de Freitas

Vice-governador
Felício Ramuth

Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria
Criativas

Secretária de Estado
Marília Marton

Secretário Executivo
Marcelo Henrique de Assis

Subsecretário
Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefia de Gabinete
Vicenzo Carone

Diretora de Difusão,
Formação e Leitura
Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Fomento
à Cultura, Economia e
Indústria Criativas
Liana Crocco

Diretora de Preservação
do Patrimônio Cultural
Mariana de Souza Rolim

Chefe da Assessoria
de Monitoramento e

Governança de
Dados Culturais
Marina Sequetto

Equipe da Diretoria
de Difusão, Formação
e Leitura

Coordenador de
Planejamento de
Difusão e Leitura
José Renato Gonçalves

Coordenadora de
Planejamento de
Formação Cultural
Thais Aparecida da Silva

Assessores das
Coordenações de
Planejamento de Difusão,
Formação e Leitura
Antônio Luis Zerbeto Rocha
Fabiana Cristina dos
Santos Rígorfi

Unidades Técnicas
Responsáveis

Divisão de Gestão de
Difusão e Leitura
Chefe de Divisão
Marcos Vinícius Carnaval

Divisão de Gestão de
Formação Cultural
Chefe de Divisão
Karina Silva Bernardino

Divisão Técnica de
Difusão e Leitura
Chefe de Divisão
Ana Carolina Florêncio
Nogueira

Divisão Técnica de
Formação Cultural
Chefe de Divisão
Thiago Brandão Xavier

Equipe Técnica
Ana Paula de Souza
Ferreira
Camila Macedo Cruz
Lustosa
Carmem Cristina Pereira
da Silva
Ediana Borges Lima
Eloisa Gabriel Barbosa
dos Santos
Giane Geraldello Batista
do Nascimento
Ingrid Silveira Marques
Jadir Xavier Prates
Jhonatan Henrique da Silva
Jussara Cardoso
Lucia de Angelo Lima
Maura Crostini
Michele Pereira
de Medeiros
Miriam Mayumi Nakamura

Sandra Stefanie
Amaral Ghirotti
Thaíssa Bispo de Souza
Thayna de Oliveira
Mesquita

Fundação Osesp

Presidente de Honra
Fernando Henrique
Cardoso

Conselho de
Administração
presidente
Pedro Pullen Parente

Stefano Bridelli
vice-presidente
Ana Carla Abrão Costa
Célia Kochen Parnes
Jackson Scheider
Jefferson Collacico
Luiz Lara
Mario Engler Pinto Junior
Sylvia Coutinho
Tatyana de Freitas

Comissão de Nomeação
Fernando Henrique
Cardoso presidente
Celso Lafer
Fábio Colletti Barbosa
Horacio Lafer Piva
Pedro Moreira Salles

Conselho Fiscal
Jânio Gomes presidente
Estela Vieira
Conrado Engel

Conselho Consultivo
presidente
Tatyana de Freitas

Ana Carla Abrão Costa
vice-presidente
Ana Paula Vescovi
Andrea Andrezo
Bárbara Moral
Dan Ioschpe
Fábio Magalhães
Fábio Szwarcwald
Flávia Berenguer
Flavio Menezes
Jeffis Carvalho
João Pedro Germanos
José Eustachio
José Pastore
Josélia Aguiar
Leandro Karnal
Marcelo Tas
Márcio Fabbris
Marco Castro
Mauricio Rodrigues
Miguel Setas
Milton Seligman
Octavio de Barros
Raul Juste Lores
Rosemarie N. Setúbal
Samuel Pessôa
Sérgio Simon
Tania Chocolat
Vitor Hallack
William Veale
Yacoff Sarkovas

Presidente e CEO
Marcelo Lopes

Diretor Jurídico,
Financeiro e
Administrativo
Fausto Arruda

Diretora de Gestão de
Pessoas
Flavia Adrião

Diretora de Comunicação
e Marketing
Mariana Stanisci

Superintendente de
Planejamento Artístico
Gabriela Martins de Souza

Superintendente
Educacional
Rogério Zaghi

Superintendente de
Operações
Daniela Viegas Marcondes

Conheça toda a equipe em
fundacao-osesp.art.br

Créditos imagens

- p. 2** Natan Albuquerque (corne-inglês) © Larissa Zaidan
- p. 3** Elizabeth Del Grande (tímpanos) © Larissa Zaidan
- p. 3** Integrantes do Coro da Osesp: Aldo Duarte, Regiane Martinez, Mikael Coutinho, Solange Ferreira, Odorico Ramos, Fabiana Portas e Marina Pereira. © Larissa Zaidan
- p. 5** Marília Marton © Divulgação
- p. 7** Pedro Parente © Mario Daloia
- p. 9** Marcelo Lopes © Mario Daloia
- p. 13** Thierry Fischer © Mario Daloia
- p. 15** Thierry Fischer © Íris Zanetti
- p. 19** Jan Lisiecki © Christoph Köstlin
- p. 21** Igor Sarudiansky (violino) e Nikolay Genov (trompa) © Larissa Zaidan
- p. 25** Cláudio Torean (contrabaixo), José Arion Liñarez (fagote) e Natan Albuquerque (corne-inglês) © Larissa Zaidan
- p. 33** Sonia Rubinsky © Lyodoh Kaneko
- p. 37** José Costa Filho (trompa) © Larissa Zaidan
- p. 41** Ilya Gringolts © Kaupo Kikkas
- p. 42** Kirill Gerstein © Marco Borggreve
- p. 46** Cristian Budu © Lucca Mezzacappa
- p. 54** Veronika Eberle © Louie Thain
- p. 53** Alex Tartaglia e Wagner Polistchuk (trombones) © Larissa Zaidan
- p. 57** Jan Lisiecki © Christoph Köstlin
- p. 67** Tatiana Vinogradova (violino), José Arion Liñarez (fagote) e Natan Albuquerque (corne-inglês) © Larissa Zaidan
- p. 71** Nikolai Lugansky © Marco Borggreve
- p. 74** Emilia Hoving © Laura Oja
- p. 81** Elizabeth Del Grande (tímpanos) © Larissa Zaidan
- p. 82** Pablo Barragán © Neda Nevaee
- p. 85** Aziz Shokhakimov © Mischa Blank
- p. 86** Xavier de Maistre © Gregor Hohenberg
- p. 91** Katia Spássova (violino) © Larissa Zaidan
- p. 93** Alexander Liebreich © Matthias Ziegler
- p. 94** André Mehmari © Tarita de Souza
- p. 99** Alisa Weilerstein © Evelyn Freja
- p. 105** Emmanuele Baldini (spalla) © Larissa Zaidan
- p. 106** James Ehnes © Ben Ealovega
- p. 111** Jean-Guihen Queyras © Marco Borggreve
- p. 112** Leonardo García-Alarcón © Jean-Baptiste Millot
- p. 117** Solange Ferreira (contralto), Mikael Coutinho (tenor) e Odorico Ramos (tenor) © Larissa Zaidan
- p. 120** Kevin John Edusei © Marco Borggreve
- p. 123** Bertrand Chamayou © Marco Borggreve
- p. 124** Pierre Bleuse © Marine Pierrot Detry
- p. 127** Steven Banks © Angela Orellana
- p. 133** Elina Suris (violino) e Marialbi Trisólio (violoncelo) © Larissa Zaidan
- p. 134** Jörgenv van Rijen © Marco Borggreve

Edição finalizada em 16 de outubro de 2026 pelo departamento de Comunicação da Fundação Osesp.

Projeto Gráfico

Pablo Mazzuco
Bernardo Cintra

Coordenação Editorial e Revisão

Mariana Garcia
Jéssica Cristina Jardim

Textos

Laura Taz Rónai

Projeto fotográfico da Temporada 2027

Larissa Zaidan, com produção de Mariana Garcia e Otávio Andrade

Há algo que a música revela sobre quem a ouve e sobre quem a faz. Na produção fotográfica da Temporada 2027, esse olhar ganha forma a partir da fotografia analógica, um processo tão manual quanto o próprio fazer artístico de uma orquestra e de um coro. Feitas com uma câmera Mamiya 7II, as imagens que ilustram este livro valorizam os gestos e as expressões dos artistas.

O resultado é um retrato da Osesp que vai além do palco. Entre a presença dos músicos e os espaços da Sala São Paulo, as fotografias convidam a perceber a essência e subjetividade humana por trás de uma experiência que se constrói coletivamente. Um registro das pessoas e das singularidades que dão vida à música.

 @osesp_
 osep
 videososesp
 @osesp
osesp.art.br

Escute a Osep

 Spotify
 Apple Music e Apple Classic
 Deezer
 Amazon Music
 Idagio
 Qobuz

Acesse o portal de conteúdo da Osep e tenha acesso a vídeos, ao podcast *Aqui a música toca* e mais:



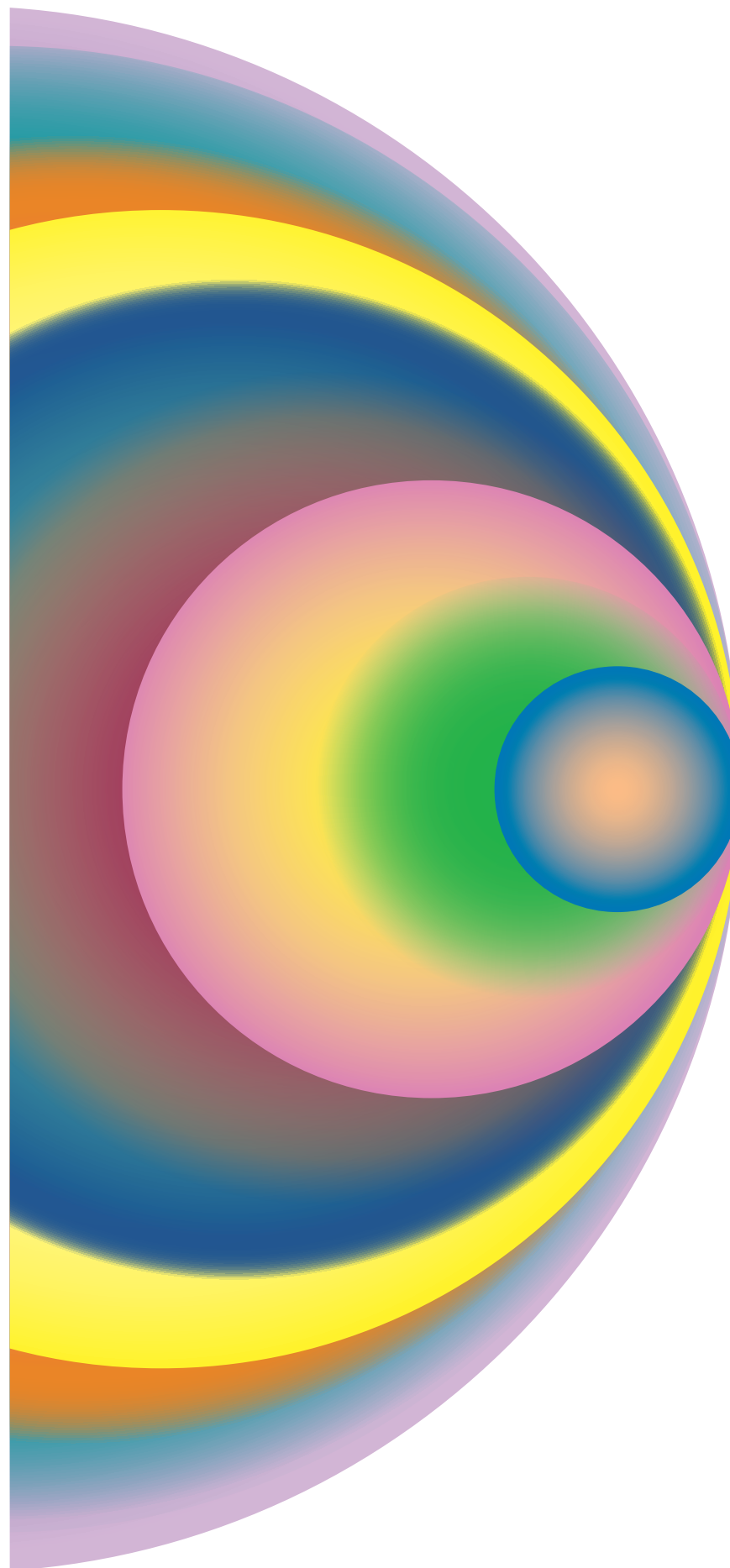
 @salasaopaulo_
 salasaopaulo
 salasaopaulodigital
 @salasaopaulo
salasaopaulo.art.br

Escute as playlists da Sala São Paulo:

 Apple Music



 /company/fundacao-osep/
fundacao-osep.art.br



Aqui a música toca.

**Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo**



Lei Rouanet



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



**SÃO
PAULO**
GOVERNO
DO ESTADO

SÃO PAULO SÃO TODOS

Secretaria da
**Cultura, Economia
e Indústria Criativas**

MINISTÉRIO DA
CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO

PRONAC: 263430